

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística

Juliana de Carvalho Barros

**AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE UMA TUTORA EM FÓRUMS DE
DISCUSSÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA DA UFJF: FOCO NAS
ESTRATÉGIAS QUE CONTRIBUEM PARA A PROMOÇÃO DA
APRENDIZAGEM COLABORATIVA.**

Juiz de Fora

2010

AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE UMA TUTORA EM FÓRUMS DE DISCUSSÃO
DO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA DA UFJF: FOCO EM ESTRATÉGIAS QUE
CONTRIBUAM PARA A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-
Graduação em Linguística, da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Letras – Linguística.

Orientadora: Prof^a D^a Patrícia Nora de Souza

Juiz de Fora

2010

BANCA EXAMINADORA

Profª Dª Patrícia Nora de Souza (Orientadora)
(UFJF)

Profª Dª Marta Cristina da Silva (membro interno)
(UFJF)

Profª Dª Kátia Tavares (membro externo)
(UFRJ)

Dedico este trabalho

Primeiramente a Deus, que me fortalece a cada dia.

À minha mãe, minha flor e minha fonte de inspiração.

Ao meu pai, aquele a quem as dificuldades da vida não conseguem abalar.

Ao meu esposo, fonte de amor, carinho e compreensão.

À minha família, minha maravilhosa família.

AGRADECIMENTOS

Para chegar a este momento, muitas vidas se mobilizaram, direta ou indiretamente. Seja através de palavras amigas, de atitudes de compreensão, ou até mesmo, de correções necessárias para que este trabalho se concretizasse.

Exatamente por este motivo, seriam necessárias mais páginas do que todas as que contemplam este trabalho para registrar a minha gratidão a todos que vivenciaram comigo mais essa etapa de minha vida.

Aproveito, entretanto, este espaço para agradecer:

À Prof^a D^a Patrícia Nora de Souza, orientadora deste trabalho, por toda dedicação e paciência.

À Prof^a Dr^a Cristina Name, por me iniciar no mundo das pesquisas fazendo com que eu me encantasse.

À Prof^a Sandra Del Gáudio, por todo apoio e ajuda.

Aos amigos da UAB/FACED, em especial Érica e Adriana.

Ao pessoal da secretaria da UAB/FACED: Sara, Rose, Cláudio e Narcélio.

Aos amigos da minha turma de mestrado, pelo primeiro ano de trabalho conjunto.

À Rosangela, responsável pela secretaria do PPG, por toda atenção dispensada.

Aos meus familiares, tios e tias, primos e primas, pelo apoio e compreensão.

À minha avó, pelo abraço carinhoso cada vez que eu retornava.

À todos os meus amigos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho.

À Capes pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho visa investigar a atuação de uma tutora no fórum de discussão no contexto de ensino a distância. Mais especificamente, seu objetivo é identificar e analisar, por meio das práticas discursivas da tutora, estratégias que possam contribuir para a promoção da aprendizagem colaborativa no fórum de discussão. Embora a literatura saliente a importância dessa contribuição, existem poucos trabalhos que apresentam à tutores/professores subsídios práticos que contribuam para sua atuação nos fóruns de discussão. O trabalho está ancorado nas postulações de Vygotsky sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, teorias precursoras das reflexões sobre a aprendizagem colaborativa. A aprendizagem colaborativa foi considerada, no presente trabalho, a partir de sua mediação pelo computador centrado-se nos seguintes teóricos: Silva (2006), Pallof & Pratt (2002), Tijiboy et ali (2009), os quais entendem que a construção do conhecimento se dá de forma conjunta e colaborativa. Teorias sobre a argumentação, focando principalmente as marcas argumentativas propostas por Koch (1984, 1997), as situações argumentativas colaborativas de Damianovic (2009), e as postulações sobre a argumentação de Ducrot (1987) foram também adotadas. O contexto da pesquisa é uma disciplina do curso de graduação em Pedagogia a distância da Universidade Federal de Juiz de Fora através da Universidade Aberta do Brasil (UAB). O corpus de análise constitui-se das práticas discursivas da tutora em 6 fóruns de discussão realizados na disciplina investigada. Os resultados desse estudo apontam estratégias que podem favorecer a aprendizagem colaborativa nos fóruns de discussão, oferecendo, assim, subsídios teóricos e práticos que orientam a atuação dos professores e/ou tutores nos fóruns de discussão. Apontam-se também contribuições teórico-metodológicas que dizem respeito ao uso da argumentação para os estudos sobre a promoção da aprendizagem colaborativa mediada pelo computador.

Palavras-chaves: Aprendizagem colaborativa, fórum de discussão, argumentação, estratégias.

ABSTRACT

This thesis aims at investigating the practices of a tutor in an online discussion forum for distance education. Specifically, it aims at identifying and analyzing through the tutor's discursive practices, pedagogical strategies that may add to the development of collaborative learning in the discussion forum. Even though the literature emphasizes the importance of this contribution, there are few studies that present both tutors and professors with practical examples that guide their performance in virtual learning environment. On theoretical grounds, the work discusses Vygotsky's notions on the development of Cognition and Learning, which are a precursor to the idea of collaborative learning. In this work, we focus on collaborative learning supported by the computer, highlighting the reflections of the following experts: Silva (2006), Pallof & Pratt (2002), Tijiboy et alii (2009), who understand that knowledge construction is accomplished by interaction. Besides, a review and a discussion of Argumentation Theory is carried out, focusing the argumentative marks proposed by Koch (1984, 1997), Damianovic's (2009) collaborative argumentative situations, and Ducrot's (1987) postulations on argumentation. The context of this research is an online discipline of the Pedagogy distance graduation course of Federal University of Juiz de Fora, through Universidade Aberta do Brasil (UAB) project. The corpus of analysis is the tutor's discursive practices in six discussion forums. The results of this study point out strategies that may encourage collaborative learning in online discussion forums, providing theoretical and practical support that guide professors and tutors' performance in the online environment. This study also presents theoretical and methodological contributions to the use of argumentation in studies on collaborative learning supported by the computer.

Key-words: Collaborative learning; Online discussion forum; Argumentation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA: Ambiente Virtual de Aprendizagem

EAD: Ensino a distância

IFES: Instituição Federal de Ensino Superior

UAB: Universidade Aberta do Brasil

ZDP: Zona de Desenvolvimento Proximal

ZDR: Zona de Desenvolvimento Real

TICS: Tecnologias da informação e da comunicação

Lista de Quadros

Quadro 1 Correlação e adaptação das referências e categorizações dos Operadores Argumentativos segundo Koch (1984 e 2007)	35
Quadro 2 Lista de fóruns de discussão selecionados para a análise.....	50

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Exemplo de fórum de discussão com visualização das mensagens aninhadas...	15
Figura 2	Exemplo de fórum de discussão com visualização das mensagens começando pela mais recente	16
Figura 3	Exemplo de fórum de discussão com visualização das mensagens somente listadas	17
Figura 4	Exemplo de tela demonstrando monitoramento de mensagens não lidas no fórum de discussão	18
Figura 5	Exemplo de fórum de discussão formatado como uma única discussão simples	19
Figura 6	Exemplo de fórum de discussão formatado como fórum geral	20
Figura 7	Parte da tela inicial da disciplina investigada	46

Sumário

1. Introdução	1
2. A teoria sociocultural de Vygotsky	7
3. Aprendizagem colaborativa mediada por computador	12
3.1 A aprendizagem colaborativa e o fórum de discussão.....	14
4. Argumentação.....	27
5. Metodologia.....	43
5.1 Contexto da pesquisa	44
5.2 Suetito da pesquisa	48
5.3 <i>Corpus</i> e procedimentos de análise.....	49
6. Análise de dados	52
6.1 As introduções dos fóruns de discussão.....	53
6.2 As intervenções da tutora nos fóruns de discussão	59
6.3 Os encerramentos dos fóruns de discussão	72
7. Conclusão	79
Referências	83
Anexos.....	90

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os assuntos referentes ao ensino a distância se tornaram pauta constante nas reflexões dos pesquisadores da área de educação do Brasil. O que é totalmente compreensível se considerarmos o crescimento acelerado do oferecimento de cursos e, conseqüentemente, das matrículas realizadas nessa modalidade de ensino¹.

Apesar de toda a euforia em relação ao tema, essa não é uma temática nova no Brasil e suas origens datam do início do século XIX com a fundação das rádios difusoras educadoras.

Desde a criação e implementação dessas rádios, o ensino à distância (EAD) no Brasil iniciou uma trajetória a qual sofreu alterações significativas ao longo do tempo. Em meados do século XX, surgem, além das rádios educativas, as emissoras de TV educativas. Era uma nova forma de realização de cursos à distância que apresentava alterações inovadoras se comparada com sua antecessora, a rádio. Na sequência, surgem os cursos à distância realizados por correspondência e, conseqüentemente, os primeiros cursos EAD multimeios, ou seja, aqueles cursos que contemplavam, para a sua realização, as rádios e/ou Tvs educativas, assim como o sistema de correspondência. Neste contexto, inserem-se os Telecursos, que eram cursos realizados através de materiais impressos e programas televisivos que possibilitavam aos estudantes a obtenção do Segundo Grau, atualmente, o Ensino Médio.

¹ O Boletim da ABRAEAD (Anuário Brasileiro Estatístico da Educação Aberta) de 2006 informou um crescimento de matrículas nesta modalidade de curso 54% maior do que em 2005. Já a edição de 2008 registrou um aumento de 96% em relação a 2007.

Como continuidade desses avanços, chegamos à inserção do computador (Internet) e das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (Tics) no ensino à distância.

O uso da Internet e das Tics no contexto do ensino à distância, no entanto, não foi somente mais uma forma de realização dessa modalidade de ensino, mas gerou-se uma modificação no conceito de ensino à distância, em sua maioria, denominado ensino à distância mediado por computador².

O ensino à distância mediado por computador, ao passar a realizar-se por meio da Internet, conseqüentemente, do ciberespaço, dá origem à chamada educação *online*. A educação *online*, segundo Silva (2006), deve ser entendida como um novo ambiente comunicacional surgido através da interconexão mundial dos computadores, um novo espaço de comunicação, de organização da informação, da sociabilidade, do conhecimento e da educação. Além disso, a educação *online* é entendida como um instrumento de democratização do saber, visto que permite a transposição das barreiras físicas e amplia as possibilidades de acesso à formação para pessoas que residem longe dos grandes centros urbanos.

É a partir desta visão de educação *online* como instrumento de democratização do saber e transpositora de barreiras físicas que surge, por ação do governo federal, com intuito de expandir e democratizar o acesso aos cursos de graduação no Brasil, o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)³.

O sistema de ensino UAB é uma ação do governo que propõe a articulação das instituições federais de ensino superior (IFES) de modo a oferecer o ensino superior

² Atualmente os termos “ensino à distância” e “ensino à distância mediado por computador” são tomados como equivalentes.

³ Informações disponíveis no site:

http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=6&Itemid=13

público e de qualidade aos municípios brasileiros que não possuem cursos de formação superior, ou ainda, municípios cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todos os cidadãos. Nos cursos oferecidos através do sistema UAB de ensino, possuem prioridade de ingresso os professores e os demais trabalhadores da educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal. Porém, os cursos também atendem a população de modo geral.

Os cursos que fazem parte do sistema UAB de ensino são realizados através de parcerias entre as instituições federais de ensino superior (IFES) e as prefeituras das cidades nas quais os cursos são oferecidos. Os cursos possuem uma estrutura básica que consta de: polos de apoio presenciais (devidamente equipados), tutores presenciais (atuantes presencialmente nos polos), tutores à distância (atuam à distância através de ambientes virtuais de aprendizagem⁴) e de professores das próprias instituições de ensino (também atuam à distância).

A criação da UAB e o aumento acelerado do número de cursos online oferecidos tornam cada vez mais necessária a capacitação dos profissionais, principalmente dos professores/tutores, que irão atuar diretamente nesses ambientes virtuais de aprendizagem.

Sobre a atuação dos professores em ambientes virtuais de aprendizagem, Scherer (2003) postula que o professor deva ser orientador e articulador dos conhecimentos e não um detentor do saber (GUBERT e MACHADO, 2009). Além disso, o professor deve ser um pesquisador crítico e reflexivo, além de se apropriar dos recursos tecnológicos disponíveis. Roca (1998) também afirma que a ênfase do processo de ensino e aprendizagem deve ser o aluno e, portanto, o professor precisa de alguma forma realizar uma adaptação que vise atender a esse aluno e suas singularidades.

⁴ Também chamados AVAS.

Mais especificamente sobre a formação dos professores para atuação em cursos *online*, Tavares (2001) postula que esta formação tem sido comumente discutida em artigos a partir de recomendações, descrições e procedimentos que devem ser adotados pelo professor no contexto *online*. Entretanto, tais artigos não apresentam projetos e/ou relatos de experiências que possam servir de apoio para a formação e prática do professor em ambientes virtuais de aprendizagem. A autora acrescenta que a enumeração das funções de um professor para o ambiente virtual, apesar de oferecer dicas para a atuação do professor, não será suficiente para o êxito desta atuação, visto que a transposição de procedimentos recomendados para a prática pedagógica não é automática. Dessa forma, acredita-se que há uma necessidade ainda vigente de mais trabalhos que possam descrever a atuação dos professores nos diversos contextos de educação online e a partir de diferentes perspectiva de ensino. O que significa a realização de reflexões avaliativas e/ou críticas a partir de estudos de caso, relatos de experiências, pesquisas de campo entre outras formas de pesquisa que contemplem situações reais de ensino em ambientes virtuais de aprendizagem.

Dada a necessidade de mais trabalhos que auxiliem a prática dos professores nos ambientes virtuais de aprendizagem, o presente trabalho objetiva investigar, por meio das práticas discursivas de uma tutora, a sua atuação no espaço do fórum de discussão no contexto do ensino à distância. O contexto da pesquisa é o curso de graduação em Pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), através da UAB, mais especificamente, uma disciplina realizada no segundo semestre de 2009.

O trabalho está ancorado nas postulações de Vygotsky sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, teorias precursoras das reflexões sobre a aprendizagem colaborativa. A aprendizagem colaborativa foi considerada, no presente trabalho, a partir de sua mediação pelo computador centrando-se nos seguintes teóricos: Silva (2006), Pallof & Pratt (2002),

Tijiboy et ali (2009), os quais entendem que a construção do conhecimento se dá de forma conjunta e colaborativa. Adotam-se também teorias sobre a argumentação, focando principalmente as marcas argumentativas propostas por Koch (1984, 1997), as situações argumentativas colaborativas de Damianovic (2009) e as postulações sobre a argumentação de Ducrot (1987). foram também adotadas. As questões de pesquisas que norteiam nosso trabalho estão listadas a seguir:

1. Que estratégias pedagógicas são identificadas nas práticas discursivas da tutora nos fóruns de discussão que podem ser consideradas como promotoras da aprendizagem colaborativa?
2. A partir das estratégias pedagógicas encontradas, como elas se realizam nas práticas discursivas da tutora, segundo a perspectiva da argumentação?

O trabalho apresenta a seguinte organização: No capítulo 2, discutem-se as postulações de Vygotsky sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, destacando-se a relevância da interação e da mediação nestes processos. Discute-se, ainda, a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), focando-se na interação e na colaboração

A aprendizagem colaborativa, entendida atualmente como propícia ao desenvolvimento da aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem (Pallof e Pratt 2002), será discutida no capítulo 3 que apresenta uma subseção 3.1 que discute a aprendizagem colaborativa nos fóruns de discussão. O fórum de discussão é um ambiente colaborativo de aprendizagem (Silva 2006) por proporcionar a interação entre seus participantes.

Na sequência, o capítulo 4 do presente trabalho discute as teorias sobre a argumentação, focando as suas formas de realização no discurso. Contempla-se, brevemente, a Retórica Clássica e a Nova Retórica, salientando a argumentatividade presente em todo e qualquer discurso, assim como suas marcas linguísticas.

O capítulo 5 apresenta a metodologia do trabalho e o capítulo 6 a análise dos dados. A conclusão (capítulo 7) apresenta uma breve retomada dos resultados obtidos na análise dos dados, as dificuldades e as limitações encontradas para a realização da pesquisa, as contribuições do trabalho para a atuação do professor em ambientes virtuais de aprendizagem e, por fim, novas possibilidades de pesquisas.

Encerramos destacando que o presente trabalho busca contribuir para o cenário atual das pesquisas que investigam a atuação dos professores nos ambientes virtuais de aprendizagem.

2. A TEORIA SOCIOCULTURAL DE VYGOTSKY: DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.

O pensador e psicólogo **Lev Semenovitch Vygotsky**, nascido em 1868, viveu na União Soviética, na pós Revolução Comunista de 1917. Seu objetivo primeiro era o de reescrever a psicologia de modo a construir uma teoria da educação que se adequasse, de maneira satisfatória, à nova realidade presente no mundo após a Revolução e, além disso, que explicasse a origem do desenvolvimento dos processos mentais.

Segundo Vygotsky (1996), os processos mentais se dividem em processos mentais superiores e inferiores. Os processos mentais inferiores são os mecanismos entendidos como elementares, tais como as ações reflexas, as automatizadas, entre outras. Já os processos mentais superiores, ou funções psicológicas superiores, sobre os quais o autor interessou-se mais em compreender (Kohl, 1993), são os mecanismos psicológicos, considerados sofisticados do ser humano. Eles envolvem o controle consciente do comportamento, as ações intencionais, ou seja, a linguagem, o pensamento, a atenção consciente, a memória voluntária, o pensamento abstrato entre outros. (Kohl, 1993 Rosimary, 2001).

O desenvolvimento dos processos mentais deve ser entendido em relação ao contexto social e cultural do indivíduo e não primordialmente às suas capacidades cognitivas (Vygotsky,1996). Não podemos dizer que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo o levará à socialização, mas, ao contrário, será através da socialização que ocorrerá o desenvolvimento dos processos mentais que, claramente, possuem suas origens nos processos sociais. Os processos mentais são, na verdade, uma conversão das relações sociais em funções mentais (Rosimary, 2001).

A transformação das relações sociais em processos mentais (funções psicológicas) ocorrerá, segundo Vygostky (1996), através da internalização que é uma reconstrução interna de uma operação externa. Essa internalização, por sua vez, se dará através da mediação que, em termos genéricos, representa a inserção de um elemento intermediário em uma relação, deixando esta, portanto, de ser direta para tornar-se mediada. A mediação ocorrerá, basicamente, pelo uso de instrumentos e signos que tornam as relações entre o homem e o meio mais complexas. Ao longo dos tempos, as relações mediadas tendem a suprimir as não-mediadas (Kohl, 1993).

Os instrumentos são basicamente criados para a realização de alguma ação específica, assim sendo, eles são constituídos, geralmente, para a realização de um dado objetivo. Isso faz com que o instrumento, assim como seu modo de utilização, se torne um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo como, por exemplo, as ferramentas de trabalho construídas pelo homem. Já os signos, que podem ser definidos como elementos que expressam outros objetos, eventos ou situações, agem como instrumentos da atividade psicológica, da mesma forma que os instrumentos físicos (ferramentas, por exemplo) agem no trabalho do homem. São esses signos que dão origem aos nossos sistemas simbólicos.

O sistema simbólico básico do ser humano, segundo Vygotsky, é a linguagem que, socioculturalmente construída, atua como principal mediadora entre o homem e o meio em que vive. Sua função primordial é a de intercâmbio social e pensamento generalizante através da ordenação do real em categorias (Kohl, 1993). A combinação dos signos com os instrumentos, combinação própria do ser humano, leva ao desenvolvimento dos processos mentais superiores (Rosimary, 2001 Kohl, 1993). O desenvolvimento desses processos, por sua vez, tem uma relação complexa com o aprendizado.

Para Vygotsky (1996), o desenvolvimento é um acesso progressivo aos símbolos socioculturalmente construídos. Em outras palavras, o desenvolvimento se dará a partir do aprendizado dos sistemas simbólicos. Para o autor, o aprendizado e o desenvolvimento humanos estão relacionados, na medida em que o aprendizado pressupõe o contato e a interdependência entre os indivíduos, despertando processos internos do desenvolvimento que não ocorreriam sozinhos. Dessa forma, o desenvolvimento fica impedido de ocorrer pela ausência de situações propiciadas pelo aprendizado (Kohl, 1993:57, Freitas 1999; Vygotsky,1996).

O processo de desenvolvimento ocorre, portanto, através da interação com outras pessoas e com o ambiente no qual elas estão inseridas. Tal processo ocorre de forma mais lenta que o aprendizado, já que este gera/impulsiona o desenvolvimento a partir da ocorrência e repetição de situações de interação. As ocorrências de situações de interação resultam na formação das Zonas de Desenvolvimento Proximal (Kohl, 1993).

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é definida por Vygotsky (1996) como sendo a distância entre o nível (zona) de desenvolvimento real (ZDR), que é determinado através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, que é a solução de problemas sob a orientação de uma adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. O nível de desenvolvimento real (ZDR) de uma criança pode ser então compreendido como aquelas funções que já amadureceram, ou seja, aquelas ações que a criança já é capaz de realizar sozinha. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), por sua vez, define as funções que ainda não amadureceram, porém, já se encontram em processo de maturação, de desenvolvimento. Dessa forma, a noção de ZDP parte do pressuposto básico de que os novos aprendizados nascerão a partir do que o indivíduo já domina, como uma construção progressiva.

Vygostky conceitua a noção de aprendizado que ocorre através das Zonas de Desenvolvimento Proximal a partir da internalização de dois conceitos básicos: **os conceitos espontâneos e os científicos** (Kohl, 1993).

Os **conceitos espontâneos** são aqueles adquiridos no cotidiano e que não necessitam de uma sistematização clara, isto é, aprendemos no dia a dia através da interação com os demais indivíduos e com o meio de forma natural. Já os **conceitos científicos** são aqueles que aprendemos através de sistematizações, definições e explicações, geralmente escolares. O aprendizado dos conceitos científicos ocorre sempre apoiado nos conceitos espontâneos já adquiridos, retornando-se, assim, à postulação presente na definição da ZDP de que o aprendizado ocorre sempre apoiado no que os indivíduos já dominam.

Além da conceituação a partir da internalização dos conceitos espontâneos e científicos, as reflexões da ZDP, conforme Vygostky (1996), envolvem também a consideração da capacidade mental de uma criança a partir dos sucessos alcançados através da interação e da colaboração com outro(s) indivíduos. Ou seja, a capacidade mental de uma criança passou a ser medida de forma prospectiva, considerando o que a criança é capaz de produzir na interação com outras pessoas “mais capazes”. Assim, as realizações alcançadas hoje em parceria com o outro são internalizadas e poderão ser executadas de forma individual amanhã (Kohl, 1993).

Ao falar sobre o que uma criança é capaz de fazer mediante a ajuda de outra pessoa, Vygostky aponta para a realização de tarefas e solução de problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhes são

fornecidas (Rego, 1995). Assim, o aprendizado se dá na interação com o outro e através de um aprendizado colaborativo.

Na mesma direção, considerando que o aprendizado se dá na interação, Newman e Holzman (2002) refletem sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como sendo um espaço dialético de formação coletiva, de tensão, de contradições que geram conflitos, de ações colaborativas, como um movimento constante de novas criações. As ações dos indivíduos são, assim, motivadas pelas ações dos outros e produzidas a partir dessas ações, uma vez que todos os participantes estão envolvidos de forma colaborativa na negociação e na criação de novos significados. (Magalhães, 2009).

Essas concepções de Vygostky sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humana foram aqui salientadas, pois entendemos que elas são precursoras nos estudos sobre a aprendizagem colaborativa e, portanto, trazem contribuições importantes para a sua compreensão no contexto do ensino mediado por computador, foco do presente trabalho.

Na seção que segue (III), discute-se a aprendizagem colaborativa mediada por computador, buscando defini-la. Na subseção III.I, foca-se a ferramenta *fórum de discussão* como um ambiente propício para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa.

3. APRENDIZAGEM COLABORATIVA MEDIADA POR COMPUTADOR

No contexto específico do ensino à distância mediado por computador, Pallof & Pratt (2002) postulam que a aprendizagem colaborativa é pautada na interação e na participação ativa/colaborativa de todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem. A participação colaborativa resulta na construção de um conhecimento conjunto e explícito que estará à disposição de todos. Neste contexto, a colaboração⁵ não é entendida como um fim em si mesma, mas um meio para se atingirem objetivos (Boavinda e Pontes s/d), que é o foco da aprendizagem colaborativa. Em outras palavras, na aprendizagem colaborativa foca-se o processo e não o produto (Pallof & Pratt 2002).

A aprendizagem colaborativa permite que os alunos, ao trabalharem conjuntamente, produzam um conhecimento mais significativo, deixando de ser independentes para se tornarem interdependentes. Não se trata, aqui, necessariamente, de um único propósito coletivo, mas encoraja-se a interação, visando a descentralização do papel do professor e uma maior participação dos alunos (Okada 2006).

O professor, no contexto da aprendizagem colaborativa, é visto como um facilitador do processo, um mediador e não mais um detentor do saber (Moran 2000, Oliveira Netto 2005), sendo também sua função interferir, de forma planejada, nos trabalhos dos alunos, a fim de incentivá-los a trabalharem na resolução de problemas, interesses e a compartilharem experiências. Isso deve ser feito através de simulações e questões relacionadas à vida dos alunos, ou seja, situações contextualizadas. Essas situações vão

⁵ Batista (2006) e Okada (2006) apresentam em suas obras uma breve distinção entre colaboração e cooperação. A cooperação é basicamente quando os trabalhos são realizados de forma individual e depois tudo se junta em um único trabalho. Enquanto, na Colaboração, há a interdependência dos indivíduos quando da construção de um trabalho coletivo. No presente estudo, fazemos referências somente a às noções de colaboração apresentadas pelos autores.

possibilitam um desvelar de cada aluno com a emergência de pensamentos, dilemas, experiências pessoais e histórias de vida que contribuirão para a construção conjunta e efetiva do conhecimento (Pallof & Pratt 2002). Os questionamentos devem levar os alunos ao raciocínio crítico, ao diálogo e à negociação visando interações produtivas. Caberá ainda ao professor apoiar o aluno estimulando sua autoria e autoconfiança, encorajando-o, assim, à exposição de suas ideias (Mill et. Al. s/d).

Dada essa nova realidade, o aluno torna-se o centro do processo de aprendizagem (Oliveira Netto 2005). Ele deve ser mais autônomo e responsável, participando ativamente de seu processo de aprendizagem. Além disso, os alunos vivenciam uma liderança compartilhada ao realizarem trabalhos em grupos onde o crescimento de cada um é uma responsabilidade de todos (Bernarski & Zych s/d).

Na aprendizagem colaborativa, devem ser contempladas, em geral, propostas de atividades a partir de situações complexas e incertas da vida real que incentivem o questionamento, as trocas coletivas, as críticas e a autocrítica, além da autonomia dos participantes (Okada 2006). Nesta proposta de aprendizagem, os indivíduos de um grupo passam a se conhecer a partir da leitura do que foi escrito por cada um deles, ou seja, é a partir da leitura da escrita do outro que o conhecimento se constrói e é transformado em informações que serão, portanto, disponibilizadas aos demais participantes do grupo (Batista 2006).

Para Pallof & Pratt (2002), a aprendizagem colaborativa ocorre por meio de trabalhos e reflexões nos quais os alunos dirigem seus comentários e contribuições aos demais membros do grupo e não somente ao professor. Nesse contexto, uma participação colaborativa pode ser definida como uma intervenção na participação (mensagem) do outro como uma co-construção do conhecimento e não somente responder a um questionamento

apresentado com um “sim” ou “não” (Silva 2006). Também Bruno (2007), ao tratar das evidências de um trabalho colaborativo em ambientes virtuais de aprendizagem, destaca que as trocas de experiências cumprem um papel informativo e um acréscimo aos conhecimentos pessoais.

Finalizando, no presente trabalho, adota-se, em concordância com as postulações anteriores, a noção de que a aprendizagem colaborativa é uma concepção de aprendizagem segundo a qual o conhecimento é construído de forma conjunta, focando-se na interação entre os indivíduos. A aprendizagem colaborativa será favorecida pela participação social em ambientes que propiciem a interação e a colaboração. A ferramenta fórum de discussão é apontada, por pesquisadores da área de ensino mediado por computador (Silva 2006; Souza et ali 2009; Santos 2006), como um ambiente colaborativo, uma vez que propicia a interação entre os seus participantes. Dada a relevância desta ferramenta como um ambiente que favorece a colaboração, a subseção 3.1 que segue busca discutir o papel do fórum de discussão no desenvolvimento da aprendizagem colaborativa.

3.1 Aprendizagem Colaborativa e o fórum de discussão

Dentre as diversas possibilidades de interação que são oferecidas pelos ambientes virtuais de aprendizagem⁶, destacamos a ferramenta fórum de discussão que, segundo Silva (2006), é capaz de potencializar a aprendizagem colaborativa. O fórum de discussão, de natureza assíncrona, ou seja, cada membro do grupo participa em momentos diferentes, permite que o debate se prolongue no tempo, além de possibilitar consultas às mensagens já postadas.

⁶ Doravante AVA

As mensagens postadas nos fóruns de discussão⁷ podem ser visualizadas pelos participantes de quatro maneiras diferentes: como mensagens aninhadas, mensagens começando pelas mais recentes ou pelas mais antigas, ou ainda, mensagens simplesmente listadas.

No caso das mensagens visualizadas de forma aninhada, as mensagens aparecem exatamente abaixo daquela na qual o participante clicou para responder, apresentando, portanto, um recuo à esquerda em relação à mensagem respondida, conforme figura 1, a seguir:

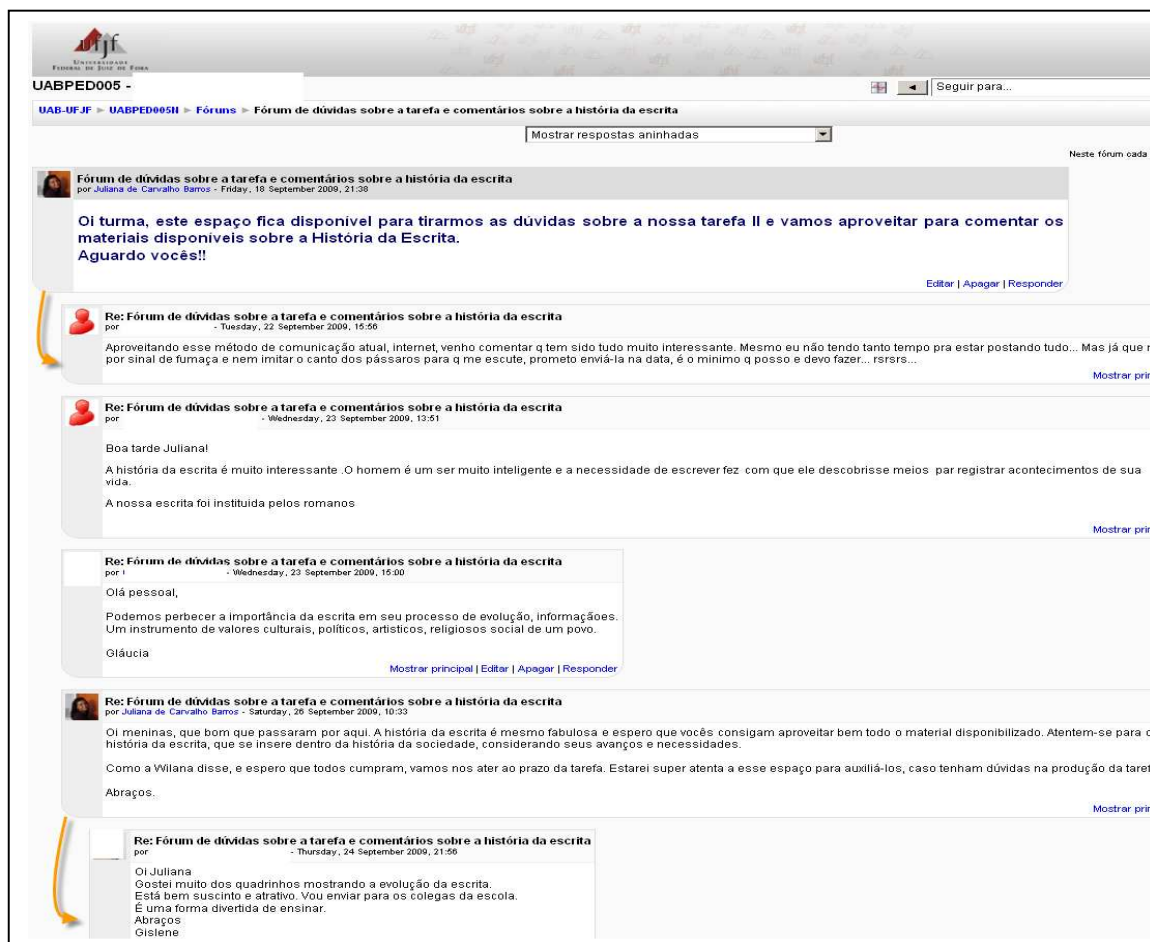


Figura 1: Exemplo de fórum de discussão com mensagens visualizadas de forma aninhadas. Fonte: fórum de discussão da disciplina investigada no presente trabalho.

⁷ Informações fornecidas a partir do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle versão 9.

Ao optar pela visualização das mensagens começando pela mensagem mais recente ou pela mais antiga, as mensagens aparecerão de acordo com a data da postagem, não apresentando nenhum recuo, conforme a figura 2, a seguir:



Figura 2: Exemplo de fórum de discussão com mensagens visualizadas começando pela mais recente. .
Fonte: fórum de discussão da disciplina investigada no presente trabalho.

Figura 2: Exemplo de fórum de discussão com mensagens visualizadas começando pela mais recente. .
Fonte: fórum de discussão da disciplina investigada no presente trabalho.

Por fim, se o participante do fórum optar por visualizar as mensagens listadas, não será possível ler o conteúdo das mensagens, somente o nome do autor e a data da postagem, conforme a figura 3 a seguir:

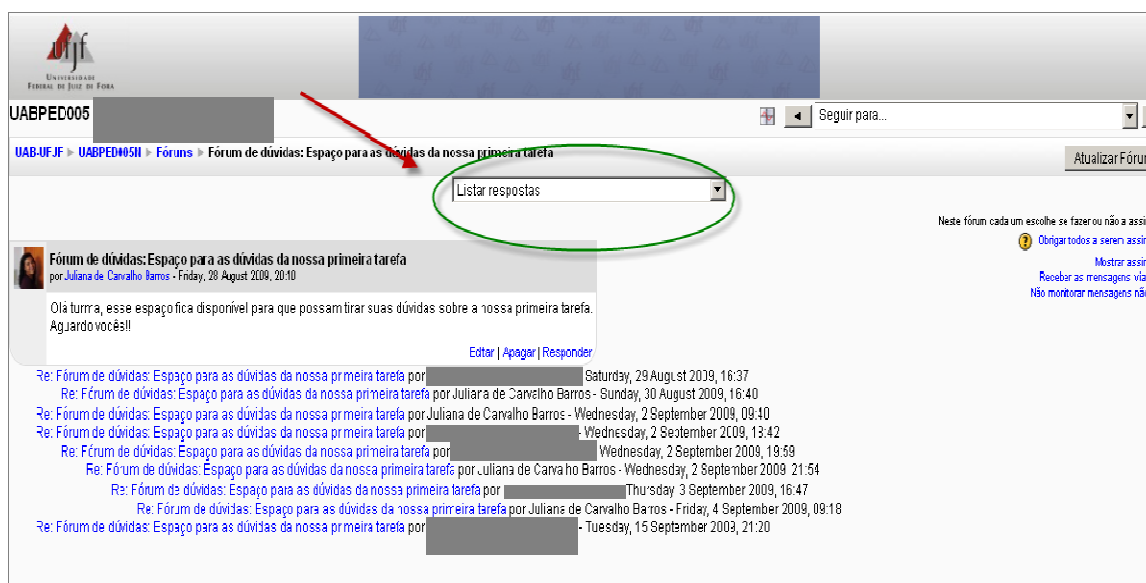


Figura 3: Exemplo de fórum de discussão com mensagens visualizadas de modo listadas. .
Fonte: fórum de discussão da disciplina investigada no presente trabalho.

Também é facultativo ao participante do fórum de discussão um monitoramento das mensagens não lidas nos fóruns de discussão. Ao optarem por esse monitoramento, os alunos têm acesso ao número de mensagens novas no fórum desde a sua última participação, mesmo sem acessar o fórum de discussão, conforme figura 4, a seguir:

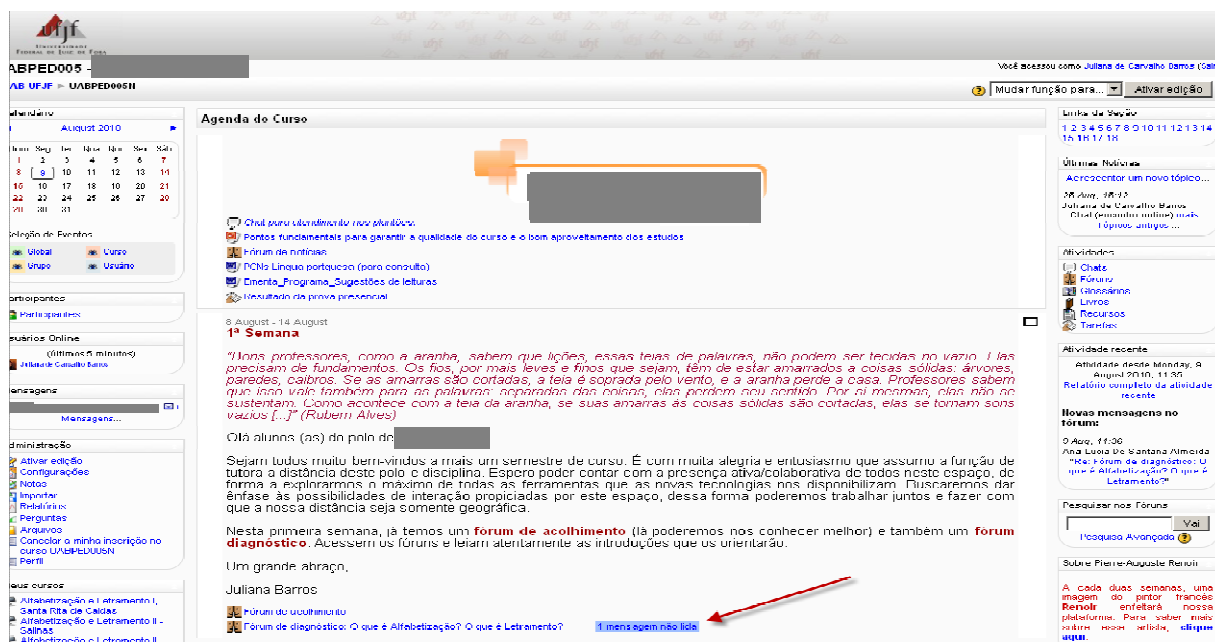


Figura 4: Exemplo de tela demonstrando o monitoramento de mensagens não lidas no fórum de discussão . Fonte: fórum de discussão da disciplina investigada no presente trabalho.

Além de optar pela forma de visualização das mensagens já postadas, o fórum de discussão também permite aos seus participantes a inserção de imagens, *links* e arquivos anexados, além da assinatura no fórum que implica no envio de todas as mensagens postadas no fórum de discussão para o email cadastrado no AVA. A assinatura do fórum de discussão poderá ser previamente definida por quem o propõe, assim como a avaliação e atribuição de notas às mensagens postadas. Em geral, os fóruns de discussão são propostos por professores e/ou tutores, sendo eles também os responsáveis por decidirem o tempo que o fórum ficará aberto para postagens e/ou consultas posteriores.

Os fóruns de discussão, geralmente, permitem três tipos básicos de formatação a saber: **Fórum de uma única discussão simples**, **Fórum geral** e **Fórum de perguntas e respostas**.

O Fórum de uma única discussão simples é aquele em que há somente um tópico para a discussão (mensagem inicial) o qual aparece na parte superior da página e é seguido das respostas dadas a esse tópico, conforme a figura 5, a seguir:

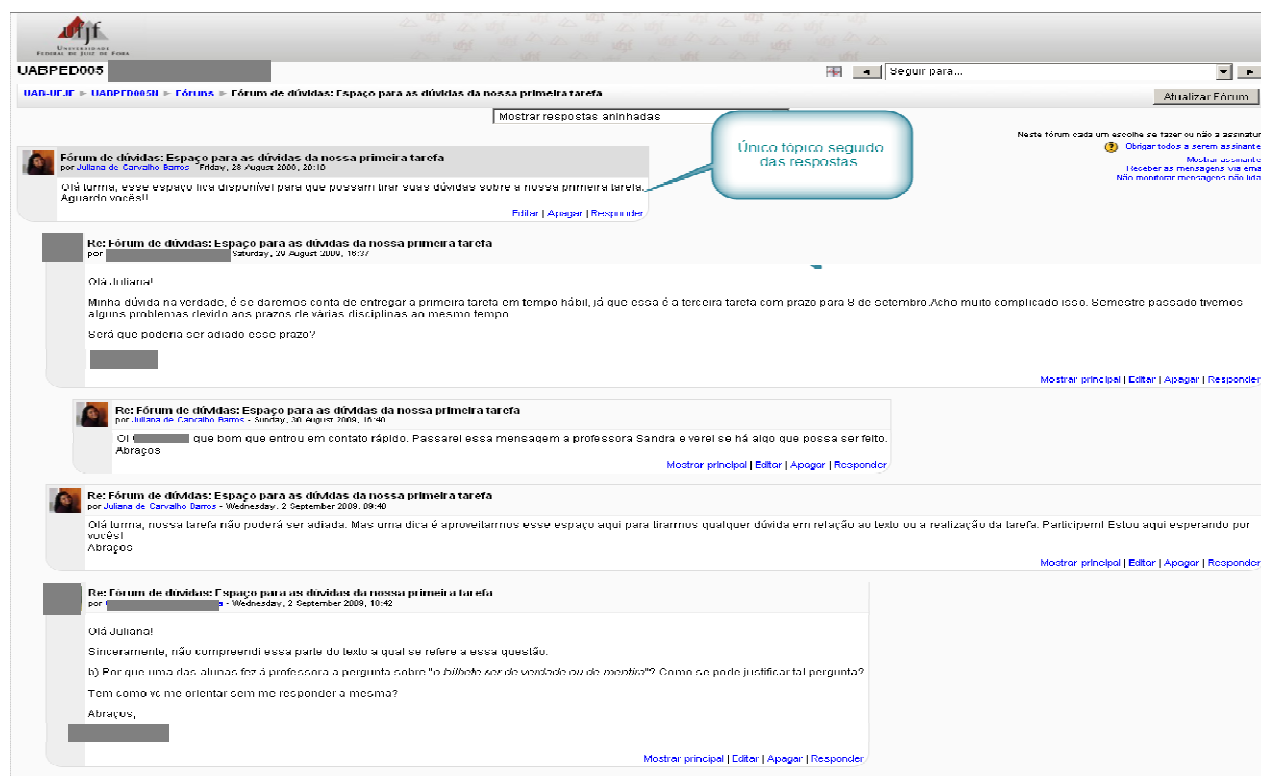


Figura 5: Exemplo de fórum de discussão formatado para uma única discussão simples. . Fonte: fórum de discussão da disciplina investigada no presente trabalho.

Geralmente, os fóruns de uma única discussão simples são utilizados para reflexões que visam uma discussão pautada em um assunto/tema específico, não expandindo para outros temas.

O **fórum geral**, por sua vez, é aquele que permite que cada participante, ou somente o professor e/ou tutor criem novos tópicos para discussão, ou seja, criam-se novos espaços com temas diferenciados, interligados ou não, a partir de um mesmo fórum de discussão. Esses tópicos ficam visíveis a todos do grupo de modo que eles possam escolher em qual(ou quais) tópico(s) irão participar, conforme a figura 6, a seguir:



Figura 6 Exemplo de fórum de discussão formatado como fórum geral. . Fonte: fórum de discussão da disciplina investigada no presente trabalho.

Por fim, o **Fórum de perguntas e respostas** no qual a visualização não difere da imagem 6 acima, porém, neste os participantes só poderão ler as mensagens já existentes no fórum de discussão e comentá-las ou respondê-las depois que publicarem a sua mensagem. Em outras palavras, antes da publicação de uma mensagem própria, os participantes não conseguem visualizar as mensagens já postadas no fórum de discussão.

Vale ressaltar que, em todos os três tipos de formatação dos fóruns de discussão, é permitida ao participante a edição de sua mensagem em até 30 minutos após a publicação da mesma.

Além dessa formatação acima apresentada para os fóruns de discussão, Moore (2007) propõe uma organização básica para o desenvolvimento das reflexões no interior dos fóruns, a saber: **mensagem inicial, respostas à mensagem inicial, mensagens de acompanhamento** e, por último, **resumo das mensagens**.

A **mensagem inicial** contém o propósito do fórum de discussão, ou seja, uma explicação e/ou reflexão sobre o tema a ser discutido. Após essa mensagem, inicia-se o desenvolvimento das reflexões no interior do fórum de discussão. Esse desenvolvimento das reflexões abarca as respostas à mensagem inicial e as mensagens de acompanhamento. As **respostas às mensagens iniciais** são as primeiras mensagens postadas no fórum de discussão e que podem ser feitas através de uma reflexão sobre o tema proposto na mensagem inicial, podendo conter uma nova ideia, ou alguma pergunta relativa ao tema. Já as **mensagens de acompanhamento** são aquelas em que os docentes, ou até mesmo outros participantes, comentam as mensagens anteriores. Por fim, **o resumo das mensagens**, geralmente feito pelo professor e/ou tutor, inclui aspectos relevantes, similaridades e diferenças apontadas pelo grupo, uma vez que o fórum poderá também servir para consultas posteriores e material de estudo para avaliações.

É importante salientar que nas **mensagens de acompanhamento** do fórum de discussão, aquelas que permeiam toda a reflexão, é onde o tutor realiza a mediação das interações do grupo. Tal mediação é chamada de mediação pedagógica e se dá através de um processo interacional pautado no uso da linguagem (Bruno,2007).

Segundo Tijiboy et ali (2009), para mediar o processo de apropriação e construção do conhecimento no fórum de discussão, o tutor/professor deve partir do nível de conhecimento real do aluno, ou seja, do seu conhecimento prévio que é demonstrado através da interação, para o nível de desenvolvimento potencial, que é aquilo que ele será capaz de aprender. Dessa forma, estimula-se a criação das Zonas de Desenvolvimento Proximas, conforme proposto por Vygotsky (1996), o que permitirá que aluno avance em seus conhecimentos.

Buscando explicar a mediação realizada nos fóruns de discussão, Tijiboy et ali (2009)⁸ propõem as seguintes categorias: **Focalização, Expansão, Significação, Afetividade, Recompensa, Regulação, Gerenciamento e Reflexão.**

A primeira categoria, a **Focalização**, refere-se ao direcionamento do aluno para o foco da tarefa proposta, podendo se realizar através de explicações, demonstrações, exemplificações, perguntas e frases que visem o retorno do aluno ao objetivo. A segunda categoria proposta é a **Expansão**. Tal categoria constitui-se da expansão do pensamento do aluno através das explicações dos conteúdos a partir de exemplos e comparações. A terceira categoria, a **Significação**, engloba as explicações e/ou manifestações que buscam auxiliar o aluno na compreensão do conteúdo. A quarta e a quinta categorias, a **Afetividade** e a **Recompensa**, referem-se às atitudes do tutor que expressem o seu envolvimento afetivo com o aluno. Essas categorias podem ocorrer através do incentivo à participação e à iniciativa por parte dos alunos, além de elogios e reconhecimento às ações realizadas por eles. A **Regulação**, por sua vez, refere-se às intervenções que são realizadas visando auxiliar o aluno a organizar sua ação, ou seja, realizar um planejamento de modo que

⁸ Para propor as categorias os autores apoiam-se em : Vectore et al. **Construção e validação de uma escala de comportamentos mediacionais de educadores infantis**. Psicologia Escolar e Fundamental, V. 10, p.68. 2006.

consiga alcançar seus objetivos. A penúltima categoria, o **Gerenciamento**, é a categoria que abrange as ações que buscam orientar os procedimentos dos alunos, contemplando questões comportamentais, atitudes realizadas no espaço do fórum de discussão, e até mesmo procedimentos mais específicos do ensino à distância. Por fim, a última categoria, a **Reflexão**, abarca os questionamentos e perguntas que visam à solução de um problema.

Segundo os autores, essas categorias englobam as atitudes do mediador que buscam desenvolver no aluno o raciocínio crítico e a criatividade, além de possibilitar que os alunos trabalhem de forma colaborativa na construção do conhecimento. Neste contexto, o fórum de discussão é entendido, portanto, como um espaço de questionamentos que visa à leitura da realidade de forma crítica pelos seus participantes (Lopes 2007). Porém, o fórum de discussão pode vir a ser um contra-exemplo de um espaço de leitura crítica da realidade se forem apresentadas, como proposta de trabalho, perguntas que visem simplesmente à memorização, não permitindo que se faça uma ponte com uma reflexão mais ampla sobre o assunto em questão. Isso pode ocorrer quando os fóruns de discussão são abertos com perguntas curtas sem apresentar orientações em relação a como deve acontecer a discussão. Nesses casos, ocorre uma lacuna sobre a atuação do aluno no espaço do fórum de discussão.

Ainda para Lopes (2007), tanto nos modelos de fóruns pautados na busca de um conhecimento compartilhado e uma leitura crítica da realidade, como naqueles que aparentemente visam somente a repetição de uma ideia previamente apresentada, a presença constante do tutor nesse espaço, realizando as mediações necessárias, será de extrema importância. Sua função é de orientar a aprendizagem dos alunos nunca apresentando respostas prontas e acabadas, mas instigando-os a buscarem suas próprias respostas de modo que eles possam trabalhar colaborativamente, visando à construção do

conhecimento (Tijiboy et ali 2009). Essa construção do conhecimento, no espaço do fórum de discussão, é oportunizada na medida em que todos dão sua contribuição para as reflexões. Desse modo, o conhecimento vem de lugares diversos e não de uma única fonte ou ponto estático e, nesse contexto, há um deslocamento contínuo dos papéis de receptor e emissor, ocorrendo a troca de conhecimentos entre os participantes do grupo e não somente um acúmulo de conhecimentos particularizados (Educação na cibercultura, UFBA/2007)⁹.

O fórum de discussão é assim um espaço onde ocorre o entrelaçamento de muitas vozes que constroem e desconstroem, questionam e respondem (Okada ,2006), alimentando, assim, a inteligência coletiva através da colaboração (Santos, 2006) . O fórum de discussão é, portanto, um espaço privilegiado para a interação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa. Nesse sentido, Lopes (2007) considera que as intervenções realizadas nos fóruns de discussão, ocorrendo através da forma escrita, através da apresentação de argumentos e contra-argumentos, centraliza o fórum de discussão como um espaço que se volta para a criação de uma comunidade de argumentação, com o predomínio da linguagem argumentativa. Na mesma direção, Damianovic (2009) postula que a argumentação é a base para o desenvolvimento da colaboração entre os participantes de um grupo.

Para Damianovic (ibidem), um processo de aprendizagem colaborativa deve pautar-se na argumentação e evitar o discurso autoritário. Para explicar sua colocação, a autora apresenta duas situações discursivas¹⁰, plausíveis à realização nos fóruns de discussão, que

⁹ Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=12821&chapterid=10529>. Acesso em 06 de junho de 2010.

¹⁰ A autora pauta-se em Liberali, Fernanda Coelho. Argumentation: tool and object in teacher education. Paper presented at the 7th International L.S. Vygotsky Memorial Conference Cultural-historical thory: Prospects os development. Moscou, 2007.

podem ou não gerar colaboração entre os indivíduos. Essas situações são chamadas de ganha-ganha, quando promovem a colaboração, e ganha-perde quando não há a colaboração.

Na situação ganha-ganha, temos, como ponto de partida para as reflexões, o conflito de conceitos e ideias. Em seu desenvolvimento, valorizam-se as ideias diferentes e a argumentação entre os indivíduos. Nesse sentido, a argumentação deve fazer parte do processo de construção do conhecimento não sendo apenas um instrumento para a obtenção de um produto final.

Já na situação ganha-perde, onde a argumentação é entendida como um instrumento para um determinado produto final, ocorre a predominância de opiniões e sugestões visando reflexões que possam ser avaliadas. O ponto de partida das reflexões é a controvérsia entre as pessoas. No desenvolvimento destas reflexões, busca-se convencer os participantes, ao contrário da situação ganha-ganha, na qual a expansão das ideias é valorizada. O convencimento impede a possibilidade de reconstrução de pontos de vista diferentes, o que resultará na ausência de construção colaborativa.

Uma organização discursiva colaborativa deverá, portanto, se constituir a partir de uma linguagem argumentativa que permita o confronto de ideias diferentes, podendo servir como incentivo para novas reflexões e possíveis consensos. Essas reflexões devem resultar em uma polifonia que enseje a expressão de opiniões diferentes oportunizando novas escolhas que ocorrerão pela inclusão de determinadas ideias e exclusão de outras (Liberalli, 2009).

Apesar da relevância da relação entre colaboração e argumentação, conforme discutida anteriormente, poucos são os estudos na área da Linguística que investigam essa relação. Dada essa lacuna teórica e a postulação de autores como Koch (2007) e Ducrot

(1987) de que a linguagem é essencialmente argumentativa, a seção 3 terá como foco central a argumentação e suas marcas no discurso.

4. ARGUMENTAÇÃO

Os estudos sobre argumentação datam da época da Grécia Antiga, sendo encontrados nos escritos de filósofos como Aristóteles e Descartes (Vieira, 2007, Ribeiro 2009, Perelman & Tyteca 2005, Ducrot 1987). A argumentação, nesse momento da história, é compreendida, basicamente, a partir das leis da lógica. Ou seja, parte-se sempre do princípio da razão entendendo a linguagem como um instrumento, um meio para persuadir. À argumentação, pautada no raciocínio lógico, chamaremos de Retórica Clássica, em contrapartida à Nova Retórica (Ribeiro 2009).

Na Retórica Clássica, condicionada às leis da lógica, a argumentação é um procedimento pelo qual se chega ao saber, ou ainda, um modo de convencimento sobre uma verdade ou tomada de decisão. Seu foco está na arte de falar em público de modo persuasivo. O auditório é entendido como aquele a quem se pretende convencer, ou seja, o destinatário. Dentro desse contexto, o auditório (destinatário) tem um papel fundamental, já que depende da aceitação, ou não, por parte do auditório, a validação da argumentação em questão¹¹. Nesse sentido, pode-se dizer que já haja um entendimento da fala como forma de ação, entretanto, o foco não está no conhecimento produzido e sim na finalidade para a qual a fala é utilizada, em outras palavras, o foco está na persuasão (Ribeiro 2009, Perelman & Tyteca 2005).

Na Nova Retórica, que se refere aos estudos contemporâneos sobre o tema, a argumentação é entendida a partir de uma nova perspectiva na qual o foco encontra-se na estrutura da argumentação, considerando-se os diferentes pontos de vista. Sem que haja

¹¹ A noção de auditório, conforme a retórica clássica, é mantida nos estudos contemporâneos, sendo equivalente, nos estudos linguísticos, ao termo interlocutor (Ribeiro 2009).

uma preocupação com as leis da lógica, os estudos sobre a argumentação passam a considerar o auditório, ou seja, o destinatário, como o centro da estrutura argumentativa. Além disso, será na relação orador e auditório que a argumentação se constituirá (Ribeiro, 2009; Perelman & Tyteca ibidem).

O auditório é classificado por Perelman & Tyteca (2005) em três tipos: O **Auditório Universal**, que é aquele constituído por toda a humanidade; O **Auditório Particular** que forma-se no diálogo produzido pelo(s) interlocutor (es) a quem o orador se dirige e, por último, o **Auditório Individual** que é aquele formado pelo próprio sujeito quando delibera as razões dos seus atos. O **Auditório Universal**, segundo Koch (1984), relaciona-se unicamente ao ato de convencer através do raciocínio lógico, uma busca pela razão com carácter demonstrativo e atemporal. Já o **Auditório Particular** está relacionado ao ato de persuadir, o que envolve a vontade e os sentimentos dos interlocutores, pautando-se no uso de argumentos plausíveis com carácter subjetivo e temporal. Para a autora, o ato de convencer conduz a certezas, enquanto, o ato de persuadir leva a inferências que podem ou não resultar numa adesão do auditório.

As reflexões sobre os auditórios e sua consideração demonstram a preocupação da nova retórica com a argumentação como sendo um produto da interação social e oriunda de processos discursivos, o que a aproxima das reflexões linguísticas (Ribeiro, 2009). Também nessa direção, Perelman & Tyteca (2005) refletem sobre as escolhas verbais na argumentação, salientando que estas nunca são neutras. O que pode ocorrer é a existência de escolhas que pareçam mais neutras e com as quais podemos realizar modificações na forma da argumentação. Essas escolhas, portanto, vão depender, principalmente, do auditório em questão.

As reflexões propostas por Perelman & Tyteca (2005) fundamentam as reflexões sobre a Nova retórica segundo a qual a argumentação não é mais entendida como advinda de um raciocínio lógico e formal, mas como um jogo no qual os argumentos são as peças essenciais para a vitória. Porém, dentro desse contexto, não encontramos um aprofundamento nos estudos relacionados à linguagem, apesar de esta ser entendida como um meio de ação.

Após as reflexões sobre a Retórica Clássica e a Nova Retórica, passamos a refletir sobre a argumentação a partir de autores que discutem a relação linguagem e argumentação. Tais autores concebem a linguagem como ação e resultado de processos interacionais, sendo, portanto, socioculturalmente construída.

Moraes (2001) entende a argumentação como a possibilidade de um sujeito influenciar na formação da opinião de outros. Além disso, ela permitiria a existência de outras vozes diferentes da do locutor que poderão defender e sustentar diferentes pontos de vista, o que, conseqüentemente, propiciará debates e reflexões. Na mesma direção, Ribeiro (2009) considera a argumentação como uma atividade interacional que pressupõe um movimento discursivo de emissão e troca de opiniões. Nesse movimento, os mecanismos de argumentação são naturalmente acionados sempre que somos incitados a explicar e/ou justificar nossos enunciados.

Nessa mesma perspectiva sobre argumentação, Damianovic (2009)¹² propõe que um raciocínio argumentativo implica em um protótipo da sequência argumentativa. Segundo a autora, a sequência argumentativa constitui-se de uma sucessão de quatro fases: **a Fase da Premissa ou Dados; a Fase da Apresentação dos Argumentos e dos Contra-**

¹² A autora pauta-se nas colocações de Adam (1992) e Bronckart (1997) para propor a noção de sequência argumentativa.

Argumentos e, por fim, a **Fase da Conclusão ou Nova Tese**, integrando os efeitos dos argumentos e contra-argumentos apresentados.

A **Fase da Premissa** pode ser compreendida como um ponto de partida onde temos uma constatação inicial e/ou os dados que estariam em discussão. Já as **Fases de Apresentação de Argumentos e Contra-Argumentos** constituem-se em apoio ou refutamento aos argumentos. Por fim, na última fase, a **Fase da Conclusão ou Nova Tese**, temos uma articulação direcionada a uma conclusão que pode ou não conter uma nova tese.

A sequência argumentativa, segundo Ribeiro (2009), não ocorre de forma condicional, ou seja, uma após a outra. É possível passar de uma fase a outra deixando alguma(s) fases implícitas, uma vez que a argumentação, entendida dentro do cotidiano das práticas sociais de linguagem, pode assumir as mais variadas formas e diferentes objetivos.

Koch (2007), ao tratar da relação argumentação e linguagem, compreende que sempre que interagimos através da linguagem temos objetivos, ou seja, fins a serem atingidos. Há sempre relações que buscamos estabelecer, efeitos que queremos causar e comportamentos que buscamos desencadear. Em outras palavras, sempre pretendemos atuar sobre os outros de alguma maneira, visando obter reações verbais ou não. Assim sendo, a autora afirma que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, ou seja, nossos enunciados são sempre produzidos visando uma orientação no sentido de determinadas conclusões com exclusão de outras.

Na mesma direção sobre a relação entre a argumentação e a linguagem, Ducrot (2009) postula que a argumentação está inscrita no funcionamento da língua e, além disso, sua estrutura básica são exatamente os encadeamentos argumentativos presentes no discurso (Carneiro, 2008; Campos, 2007). Conjectura-se, portanto, que a argumentação

não é somente uma característica ou mecanismo da língua, mas algo essencial e inerente a ela. Para Barbisan (2006), o que Ducrot busca explicar é que as possibilidades de argumentação não vão depender apenas de enunciados que possam servir como argumentos e/ou conclusões, mas dependem também dos princípios e recursos necessários para constituir os enunciados e permitir suas relações.

A postulação de que a argumentação está inscrita no funcionamento da língua (Ducrot 2009; Koch, 1984) nos direciona ao entendimento de que a argumentação engloba as questões especificamente linguísticas, ou seja, as marcas argumentativas da língua presentes no discurso. Para Ducrot (2009), será na constituição do discurso, em seus diversos encadeamentos, nas palavras do léxico, que a ação argumentativa ocorrerá.

Koch (1984), ao tratar das marcas argumentativas presentes no discurso, postula que toda língua possui em sua gramática alguns mecanismos que irão permitir a orientação argumentativa de seus enunciados. Esses mecanismos sempre encontrarão, de alguma forma, uma ancoragem linguística, sendo a argumentatividade algo inerente a algumas expressões da língua (Ducrot 1987).

Ao propor uma análise dos mecanismos da gramática de uma língua, Koch (2007) esclarece que o discurso deve constituir um texto, sendo que o que difere um texto de uma frase não é a quantidade de palavras que possui, mas sim o conteúdo da frase quando da realização de um enunciado. O enunciado, por sua vez, diferencia-se da frase que é concebida como uma unidade sintático-semântica da língua e estruturada de acordo com as regras gramaticais. O enunciado é entendido como a manifestação concreta das frases em situações de interlocução (Koch 1997). Será, portanto, o encadeamento dos enunciados que originarão os discursos, conseqüentemente, os textos.

Os textos, por sua vez, se caracterizam pela chamada textualidade (tessitura), uma rede de relações que faz com que um texto seja um texto e não apenas um somatório de frases. É nessa rede de relações que temos a conexão entre as intenções dos falantes, incluindo-se aqui suas ideias, e as unidades linguísticas que compõem um texto. São essas unidades linguísticas, seus mecanismos e relações existentes entre elas, que compõem o estudo do que tratamos como argumentação linguística.

Koch (1984, 1997, 2007) e Ducrot (1987) propõem, em suas reflexões sobre a linguagem, uma análise dos recursos linguísticos, ou seja, dos mecanismos da língua, considerando-os como parte de um discurso que se realiza através dos enunciados.

Koch (1984), ao refletir sobre os recursos linguísticos visando uma análise da lexicalização desses recursos, postula que nossos enunciados são sempre dotados de uma determinada força argumentativa e para tal lançamos mão dos mecanismos da gramática denominados *marcas linguísticas da enunciação e da argumentação*¹³. Tais marcas linguísticas são a lexicalização desses mecanismos em nosso discurso. Essas marcas são categorizadas pela autora e, dentre as categorias apresentadas, destacamos: os **Operadores Argumentativos**, os **Indicadores Modais, Atitudinais, de Avaliação e de Domínio** e os **Índices de Polifonia**.

Os **Operadores Argumentativos**, a primeira e mais complexa categoria apresentada pela autora, compõem os elementos da gramática que possuem a função de indicar (mostrar) a força argumentativa de um enunciado, além de estabelecer relações

¹³ Destaque conforme o original. A autora se pauta nas colocações de O. Ducrot (1976, 1984) criador da semântica argumentativa, sobre a da argumentação no discurso.

entre eles. Para explicar o funcionamento desses operadores, Koch (1984, 2007) apresenta as noções de **Classe Argumentativa** e **Escala Argumentativa**¹⁴.

A **Classe Argumentativa** “*é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão*” (Koch 2007:30). Temos, portanto, uma sequência de argumentos que apresenta a mesma intensidade em relação à conclusão em questão, conforme exemplo 1 abaixo, fornecido por Koch (2007).

Exemplo 1

Argumento 1: João tem boa formação na área

Argumento 2: Tem experiência no cargo

Argumento 3: Não se envolve em negociatas

Conclusão: Portanto, João é um bom candidato.

Dado que todos os argumentos acima apresentam peso igual para a conclusão de que “João é um bom candidato”, podemos dizer que esses argumentos formam uma classe argumentativa.

Já a **Escala Argumentativa** ocorre quando dois ou mais enunciados de uma classe argumentativa apresentam argumentos em gradação de forças direcionados a uma mesma conclusão. Ou seja, ocorre entre os argumentos apresentados uma escala de peso (força) em relação à conclusão, conforme o exemplo 2, a seguir, também fornecido pela autora.

Exemplo 2

¹⁴ A autora utiliza os termos cunhados por Ducrot (1976/1984).

Argumento 1: Estiveram presentes na apresentação personalidades do mundo artístico

Argumento 2: Também pessoas influentes no meio político

Argumento 3: Além do presidente da República (argumento mais forte).

Conclusão: Portanto, a apresentação foi coroada de sucesso

Através do exemplo 2 acima, podemos perceber que os argumentos apresentam uma gradação de força, diferente do ocorrido no exemplo 1, no qual todos apresentavam a mesma força em direção à conclusão. Neste caso, podemos ter os argumentos começando do mais forte para o mais fraco, ou, como é o caso no exemplo 2, do mais fraco “*Estiveram presentes na apresentação personalidades do mundo artístico*” para o mais forte “*Além do presidente da República*” Essa gradação de força compõe a escala argumentativa de uma classe argumentativa.

As classes e escalas argumentativas serão, portanto, encadeadas pelas marcas linguísticas chamadas operadores argumentativos. São essas marcas linguísticas que vão dar aos enunciados a orientação discursiva necessária, ou seja, as conclusões para as quais podem servir esse ou aquele argumento no discurso.

Enfim, é através das classes e escalas argumentativas que o discurso se desenvolve pautado na argumentação e, conseqüentemente, na articulação dos mecanismos linguísticos que permitem o seu encadeamento. Para uma análise mais detalhada das colocações de Koch sobre os Operadores Argumentativos, elaboramos o quadro 1 a seguir, a partir de duas obras da autora (1984/2007). No quadro, podemos encontrar as relações e as funções que os Operadores Argumentativos podem desempenhar no discurso.

Operadores Argumentativos	Funções que podem desempenhar no enunciado. ¹⁵	Relações que estabelecem entre os enunciados ¹⁶	Exemplos
até, até mesmo, inclusive.	Assinalam o argumento mais forte de uma escala objetivando uma determinada conclusão	SR*	A apresentação foi coroada com sucesso: estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes no meio político e <i>até</i> o Presidente da República.
Ao menos, pelo menos, no mínimo	Introduzem um dado argumento deixando subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes.	SR	O rapaz era dotado de grandes ambições. Pensava em ser, <i>no mínimo</i> , prefeito da cidade em que nascera.
E, também, ainda, nem (= e não), não só..., mas também..., tanto...como, além de..., etc.	Somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, ou seja, fazem parte de uma mesma classe argumentativa	Conjunção e/ou extensão/generalização	João é o melhor candidato: <i>não só</i> tem boa formação em economia, <i>mas também</i> tem experiência no cargo <i>e</i> não se envolve em negociatas.
Aliás	Mesma função dos anteriores, porém pode introduzir um argumento decisivo à conclusão.	Extensão/generalização	João é o melhor candidato: não só tem boa formação em economia, mas também tem experiência no cargo <i>e</i> não se envolve em negociatas. <i>Aliás</i> , é o único candidato que tem bons antecedentes.
portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente, etc.	Introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores.	Conclusão	O custo de vida continua subindo vertiginosamente; as condições de saúde do povo brasileiro são péssimas e a educação vai de mal a pior. <i>Portanto</i> , não se pode dizer que o Brasil esteja prestes a se integrar no primeiro mundo.
Ou, ou então, quer...quer, seja...seja, etc.	Introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas.	Disjunção argumentativa ou Contraste	Vamos juntos participar dessa passeata. <i>Ou</i> você prefere se omitir e ficar aguardando os acontecimentos?
mais que, menos que, tão...como, etc.	Estabelecem relações de comparação entre elementos com vistas a uma dada conclusão.	Comparação	A: Vamos convocar a Lúcia para redigir o contrato. B: A Márcia é <i>tão</i> competente <i>quanto</i> a Lúcia.
porque, que, já que, pois, etc.	Introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior.	Explicação ou justificativa	“Não fique triste <i>que</i> este mundo é todo teu, tu és muito mais bonita que a Camélia que morreu”

¹⁵ Segundo a obra “Interação pela linguagem” (Koch 2007)

¹⁶ Segundo a obra “Coesão Textual” (Koch 1984)

* SR : sem referência a esses operadores na obra em questão.

mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc). embora (ainda que, posto que, apesar de, etc.)	Contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.	Contrajunção ¹⁷	<i>Embora</i> o candidato tivesse se esforçado para causar boa impressão, sua timidez e insegurança fizeram com que não fosse selecionado.
Já, ainda, agora, etc.	Introduzem no enunciado conteúdos pressupostos.	SR	Paulo <i>ainda</i> mora no Rio (pressupõe-se que Paulo morava no Rio antes)
Um pouco, pouco, quase, apenas, só, somente.	Distribuem-se, em escalas opostas, ou seja, um deles funciona numa escala orientada para a afirmação total e o outro, para a negação total.	SR	Será que Ana vai passar no exame? A: Ela estudou <i>um pouco</i> (tem possibilidade de passar). B: Ela estudou <i>pouco</i> (provavelmente não vai passar).
Tanto que , uma vez que	Acrescentam uma possível comprovação do primeiro enunciado.	Comprovação	Encontrei seu namorado na festa, <i>tanto que</i> ele estava de tênis Adidas.
como, por exemplo	Quando, no segundo enunciado, particularizam ou exemplificam uma declaração de ordem mais geral apresentada no primeiro enunciado.	Especificação/Exemplificação	Nos países do terceiro mundo, <i>como</i> a Bolívia e o Brasil, falta saneamento básico em muitas regiões.
De fato, pelo contrário, isto é, ou melhor	Quando, no segundo enunciado, se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade que foi veiculada ou, ainda, se questiona a legitimidade da primeira enunciação.	Correção/Redefinição	Irei à sua festa. Isto é, se você me convidar. Pedro chega hoje. Ou melhor, acredito que chegue, não tenho certeza.

Quadro 1: Correlação e adaptação das referências e categorizações dos Operadores Argumentativos segundo Koch (1984 e 2007).

Observação: Os três últimos “blocos” de operadores argumentativos apresentados no quadro não foram referenciados na obra “A inter-ação pela Linguagem (2007)”. Porém, julgando a relevância dos mesmos na construção do discurso argumentativo e tratando-se da mesma autora, foram utilizadas somente suas referências encontradas na obra “Coesão Textual”.

¹⁷ Palavra ainda não dicionarizada: contrajunção, da mesma forma que disjunção, se refere a argumentos que direcionam a conclusões contrárias.

No intuito de completar as informações contidas no quadro anterior, é necessário dizer que o Operador Argumentativo “mas” é apresentado pela autora como o Operador Argumentativo por excelência¹⁸. Através do Operador Argumentativo “mas”, o locutor usa um argumento decisivo para fornecer uma conclusão contrária à primeira apresentada no enunciado anterior. Por exemplo: “*Paulo ganhou uma passagem para Flórida, mas não poderá ir, pois não conseguiu férias no trabalho.*”

Cabe acrescentar que os Operadores “embora” e “mas” possuem funcionamento parecido, sendo a diferença entre eles estabelecida pelo tipo de estratégia argumentativa utilizada¹⁹. No caso do Operador Argumentativo “mas”, tem-se uma “*estratégia de suspense*” em que o locutor faz com que venha à mente de seu interlocutor, primeiramente, uma conclusão X. Porém, a partir do operador “mas”, introduzem-se argumentos que levarão seu interlocutor à conclusão contrária de X. Já com o “embora”, temos uma estratégia de antecipação, uma vez que o locutor aponta que o argumento será anulado posteriormente. Vejamos os exemplos:

1. A equipe da casa não jogou mal, *mas* o adversário foi melhor e mereceu ganhar o jogo.
2. *Embora* a equipe da casa não tenha jogado mal, o adversário foi melhor e mereceu ganhar o jogo.

Segundo a autora, tais Operadores, por vezes, não são valorizados nos estudos gramaticais. No entanto, eles são responsáveis, em parte, pela força argumentativa dos enunciados, conseqüentemente, dos textos produzidos. Deveriam, portanto, receber uma maior atenção por parte dos livros didáticos e gramáticas existentes.

¹⁸ Koch pauta-se em Ducrot (1976, 1987) para tal afirmação.

¹⁹ A autora pauta-se em E. Guimarães (1987) para tratar de estratégias argumentativas.

Outra categoria trazida pela autora são os **Indicadores de Modais, Índices de Modalidade ou Modalizadores** que são os elementos que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz através da modalização. Tais elementos acrescentam ao conteúdo proposicional do enunciado uma indicação de modalidade a qual deverá ser interpretada pelo interlocutor. Será através do uso dos modalizadores que um mesmo conteúdo poderá ser veiculado por diferentes modalidades, o que, certamente, implicará em diversas formas de recepção e reação. Os principais tipos de modalidade apresentados são: **necessário/possível, certo/incerto, duvidoso e obrigatório/facultativo**. Destaca-se, ainda, a modalização através de expressões cristalizadas, como por exemplo, formações do tipo “é + Adjetivo” como em “*É obrigatório o uso de crachás.*”

Além da forma acima, outros elementos linguísticos também poderão realizar a função de modalização do discurso. São eles: alguns **advérbios ou locuções adverbiais** como em “*Possivelmente, viajarei no domingo.*”; ou **verbos auxiliares modais** “*Pode ser que eu viaje no domingo*”; **Construções de auxiliar + infinitivo** “*Quem vai ao centro deverá passar pelo novo elevador.*”; e, ainda, as **Orações modalizadoras** como “*Estou certo de que ele trará a encomenda.*”

A quarta categoria de marcas linguísticas apresentada pela autora são os **Indicadores Atitudinais, Índices de Avaliação e de Domínio**. Segundo Koch (2007), esses indicadores de atitude ou de estado psicológico são a forma como o locutor se representa subjetivamente nos enunciados que produz. Isso pode ser verificado em “*Infelizmente, não poderei ir à sua festa.*” Ou ainda: “*Felizmente, ninguém se machucou na queda.*”

A representação do locutor em seu enunciado pode também traduzir-se em uma avaliação ou valoração dos fatos, estados ou qualidades atribuídas a um referente. Neste caso, temos o uso de **expressões adjetivas e formas intensificadoras**, tal como em “O engenheiro realizou um *excelente* trabalho.” Ou ainda: “O orador foi *extremamente feliz* em sua exposição.”

Além dessas marcas linguísticas, pode-se considerar ainda o contexto no qual o enunciado deva ser entendido. Por exemplo, no enunciado: “*Politicamente*, ele está desmoralizado.” Somente no âmbito/domínio político haveria a desmoralização da pessoa em questão, não em outros domínios da sociedade, como o familiar, por exemplo. É ainda possível, que a representação do locutor seja observada no modo como o enunciado é formulado. Por exemplo, no enunciado: “Vou abordar *concisamente* esse aspecto da questão.” Salienta-se a forma como a questão será abordada pelo enunciador, ou seja, concisamente (de maneira concisa, sucinta).

Para compreender a sexta e última categoria, os **Índices de Polifonia**, cabe primeiro uma definição do termo Polifonia. Carneiro (2008), ao fazer uma leitura da obra de Ducrot²⁰, postula que a Polifonia refere-se à construção do sentido dos enunciados a partir da posição tomada pelo enunciador frente aos pontos de vista apresentados por outros enunciadores e/ou interlocutores. Serão os posicionamentos tomados, então, que irão constituir o sentido de um enunciado.

²⁰ O autor utiliza-se da obra “Polifonia e Argumentação” de Ducrot (1988).

Pode haver diferentes formas de posicionamento no enunciado que o locutor produz. Tais posicionamentos são apresentados e categorizados em quatro posições²¹ possíveis de ocorrer no discurso.

A primeira posição apresentada é quando há uma identificação do locutor com um dos enunciadores de modo a tentar impor um ponto de vista. É a chamada **Asserção**. O segundo caso é quando o locutor aprova o enunciado, indicando que está de acordo com o enunciador, mesmo que não se trate de um enunciado que tenha como objetivo essa aprovação, tal como ocorre com as **Pressuposições**. Outra posição possível é quando há **Oposição entre Locutor e Enunciadores** e, por fim, quando ocorre a **Identificação** de um enunciador com uma pessoa, que geralmente ocorre na ironia.

A noção de polifonia, conforme proposta acima, traz consigo uma valoração da polifonia frente à construção dos sentidos e, além disso, faz com que seja lógica uma análise dos enunciados a partir dos enunciadores e não mais dos enunciados em si, uma vez que é a partir da identificação dos posicionamentos no discurso que será construído o sentido.

Ainda na mesma direção, Moraes (2001) postula que a polifonia se inscreve em um ambiente de afirmação do heterogêneo, do outro, do que é diferente e, utilizando-se da cena enunciativa, ela argumenta fazendo com que os interlocutores se movimentem dando sentido aos conteúdos discursivos através da palavra.

Koch (1984/2007), também considerando a presença de diferentes posicionamentos em um discurso, os quais constituem a construção do sentido do mesmo, define a Polifonia como a incorporação que o locutor faz ao seu próprio discurso de asserções atribuídas a

²¹ Carneiro (2008) pauta-se na obra de Barbisan (2002) para apresentar as posições acima descritas.

outros enunciadores e/ou interlocutores. Assim, a polifonia pode ser compreendida como o fenômeno pelo qual, em um mesmo texto, percebe-se a presença de diferentes vozes que tratam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com os quais o locutor poderá ou não se identificar.

Dado o entendimento do termo Polifonia, retomamos a análise da sexta e última categoria destacada na categorização apresentada por Koch (2007): os **Índices de Polifonia**.

Os **Índices de Polifonia** são determinadas formas linguísticas que funcionam como indicativos da presença de outras vozes no discurso. Tais índices podem ser lexicalizados por determinados Operadores Argumentativos, como “ao contrário” em “Roberto não é um traidor, pelo contrário, tem-se mostrado um bom amigo”. No caso do exemplo em questão, o marcador “pelo contrário” faz com que se perceba no enunciado a presença de uma voz que afirma ser Roberto um traidor. Operadores como “mas” e “embora” e alguns Operadores Conclusivos, como “pois” podem também funcionar como índices de polifonia.

Além dos Operadores Argumentativos, a autora também apresenta como Índices de Polifonia os **Marcadores de Pressuposição** como o verbo “continua” em “*Mariana continua linda*”. O pressuposto de que Mariana era linda é compartilhado ao menos com um interlocutor. Além disso, o conteúdo do pressuposto não é de responsabilidade exclusiva do locutor, mas, em geral, é algo compartilhado. Também o **Uso de Verbos no Futuro do Pretérito como metáfora temporal** são citados pela autora como Índices de Polifonia. Neste caso, ocorre um distanciamento em relação ao que é dito como, por exemplo, o uso do verbo “estar” em “O técnico do Corinthians estaria disposto a se demitir”. O locutor não está afirmando que o técnico está disposto a se demitir, mas ele

ouviu dizer, de alguém, conhecido ou não, essa informação. Por último, a autora destaca o **Uso de Aspás** como um possível Índice de Polifonia, dado que frequentemente utiliza-se este recurso para expressar distanciamento e não comprometimento em relação ao que se diz, conforme o exemplo: *“As emissoras de TV no Brasil “distorcem a verdade” quando o assunto é pontos na audiência”*

Concluindo, as marcas linguísticas apresentadas pela autora são consideradas, portanto, índices de subjetividade. Dessa forma, não há texto neutro, objetivo ou imparcial, já que as marcas linguísticas indicam a orientação argumentativa de um texto. Assim, a neutralidade não faz parte da linguagem humana e a argumentatividade permeia todo e qualquer tipo de texto.

5. METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa que, realizada através de um estudo de caso, busca investigar, por meio de suas práticas discursivas, a atuação de uma tutora nos fóruns de discussão de uma disciplina do curso de graduação em Pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo como foco a promoção da aprendizagem colaborativa.

As questões de pesquisa que norteiam nosso trabalho são apresentadas a seguir:

1. Que estratégias pedagógicas são identificadas nas práticas discursivas da tutora nos fóruns de discussão que podem ser consideradas como promotoras da aprendizagem colaborativa?
2. A partir das estratégias pedagógicas encontradas, como elas se realizam nas práticas discursivas da tutora segundo a perspectiva da argumentação?

Entendemos por pesquisa exploratória aquela que busca, através da análise, o aprimoramento de alguma ideia específica, ou ainda, uma maior familiaridade com o problema, ou situação em questão, tornando-o mais explícito. Uma pesquisa exploratória se concretiza, normalmente, por uma pesquisa bibliográfica ou um estudo de caso (Rodrigues 2007). O estudo de caso, utilizado em nosso trabalho como forma de realização da pesquisa exploratória, pode ser compreendido como o estudo de uma entidade bem definida, que pode ser uma pessoa, um sistema educativo, uma entidade social entre outros. Neste caso, o pesquisador não busca intervir na situação em questão, mas conhecê-la tal como ela surge. Apesar do forte cunho descritivo presente nesse tipo de pesquisa, é possível ao pesquisador

interrogar a situação em questão de maneira a confrontá-la com outras situações e também analisá-la a partir de teorias já existentes.

5.1 O Contexto da pesquisa

A pesquisa tem como cenário o curso de graduação em pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora, realizado através do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)(vide capítulo 1). Este curso teve início no segundo semestre de 2007 e tem duração de oito semestres letivos, conforme ocorre no presencial. O curso se realiza totalmente à distância e através do ambiente virtual Moodle²² tendo somente as avaliações e oficinas sendo realizadas presencialmente nos polos de apoio.

Atualmente, o curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora atende a 10 cidades no estado de Minas Gerais. Conta com uma equipe de 14 professores, 113 tutores à distância e 30 presenciais. Além da coordenação e da secretaria.

Os professores do curso são os responsáveis pelo planejamento e pela gestão das disciplinas e, em conjunto com os tutores à distância, produzem e/ou selecionam os materiais didáticos para a disciplina e as estratégias de aprendizagem no Moodle.

²² O Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é um software livre e de fonte aberta que pode ser instalado em qualquer computador sem custos aos usuários. Além disso, pode ser formatado por qualquer programador que domine sua linguagem. O acesso ao Moodle pode ser feito de qualquer computador conectado à Internet, geralmente, através de identificação e senha fornecidos pela instituição e/ou responsável pelo curso em questão. O Moodle pode ainda ser definido como um sistema gerenciador de atividades educacionais que, pautadas na aprendizagem colaborativa, volta-se para a criação de comunidades online. Para tal, o Moodle oferece aos seus participantes diversas ferramentas que proporcionam, entre outras coisas, a interação entre os participantes do curso.

Os tutores à distância, tratados no curso como tutores-professores²³, devido às funções que desempenham, atuam diretamente com o professor da disciplina e são responsáveis pela mediação pedagógica realizada no ambiente Moodle, além das avaliações dos alunos. O curso de Pedagogia à distância da UFJF oferece formação continuada para os professores e tutores-professores do curso por meio de oficinas e cursos de capacitação (presenciais), reuniões semanais (professores e coordenadores) e quinzenais (tutores), além da formação constante realizada também através do ambiente Moodle.

Os tutores presenciais são também graduados e esses permanecem no polo presencial de apoio, estando em contato direto com os alunos. Sua função é orientá-los no que se refere ao uso dos recursos digitais e na organização de atividades presenciais que sejam solicitadas.

²³ A nomenclatura tutor tem sido alvo de muitas reflexões e até mesmo discussões. O termo tutor-professor é utilizado por Bruno (2009) ao refletir sobre as atribuições do tutor à distância no curso de Pedagogia da UFJF.

A disciplina investigada do curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora teve a duração de 18 semanas e foi realizada no segundo semestre de 2009. Parte da tela principal da disciplina no Moodle pode ser observada na figura 7 abaixo:

Figura 7: Parte da tela inicial da disciplina investigada.

The screenshot displays the Moodle interface for the course 'UAB-UFJF - UABPED005H'. On the left, there is a calendar for August 2010 and a list of navigation options like 'Alunos', 'Curso', and 'Usuário'. The main content area is titled 'Agenda do Curso' and shows two weeks of activities. The 1st week (August 6-14) features a welcome message from Juliana Barros, a quote by Rubem Alves: "Bons professores, como a aranha, sabem que lições, essas teias de palavras, não podem ser tecidas no vazio...", and a forum for diagnosis. The 2nd week (August 15-21) includes a quote by Pieter Ronsard: "Lactans and Coeo" and a discussion prompt about literacy and alphabetization. The right sidebar contains 'Links da Seção', 'Últimas Notícias', 'Atividades', and 'Atividade recente'.

Para o planejamento e o desenvolvimento da disciplina foram realizados, semanalmente, encontros entre os tutores-professores e o professor responsável pela

disciplina. Nesses encontros, foram discutidas questões relativas à proposta de trabalho da disciplina, a forma de avaliação e sua realização.

Os conteúdos da disciplina eram disponibilizados semanalmente para os alunos no ambiente Moodle, em geral, a partir de textos teóricos, que os alunos deveriam ler para participar das discussões nos fóruns de discussão e demais atividades desenvolvidas na disciplina.

Durante as 18 semanas de duração da disciplina, foram realizados 17 fóruns de discussão, quase um fórum por semana. A disciplina, basicamente, demandou dos alunos a leitura de textos teóricos e discussões sobre os mesmos nos fóruns de discussão mediados pelos tutores-professores. Outras ferramentas também foram usadas na disciplina, porém com menor assiduidade. Entre elas, podemos citar os *chats* realizados como plantões online oferecidos por tutores-professores e a ferramenta Livro, utilizada para a revisão dos conteúdos.

Foram matriculados na disciplina investigada 45 alunos, com idades médias entre 30 e 45 anos. É relevante comentar que alguns desses alunos já estão afastados do ambiente escolar há muito tempo, o que por vezes dificultou o acompanhamento das reflexões na disciplina. É preciso considerar ainda a dificuldade apresentada por alguns alunos no uso das novas tecnologias, apesar de todo esforço e auxílio dos tutores presenciais. Além disso, alguns alunos não possuíam acesso à Internet em suas casas e, portanto, acessavam a disciplina em questão somente nos fins de semana nos polos de apoio presencial.

5.2 Sujeito da pesquisa

O sujeito da pesquisa é a tutora à distância da disciplina investigada que, no caso, sou eu, pesquisadora do presente trabalho. Atuo como tutora à distância (tutora-professora) do curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora desde seu início em outubro de 2007. Os tutores à distância²⁴ do curso em questão, além da formação continuada que recebem, conforme dito anteriormente, devem ter formação mínima de pós-graduação²⁵ e aderência à área de conhecimento em que irão atuar. Este pré-requisito deve-se ao formato do curso de Pedagogia à distância da UFJF que prevê um tutor à distância por disciplina/polo e não por uma determinada quantidade de alunos, visando a um melhor desempenho por parte do tutor-professor na mediação pedagógica realizada no ambiente Moodle. Em geral, esses tutores à distância são pós-graduandos, mestres ou doutorandos²⁶. No meu caso específico, sou formada em Letras (Português e Espanhol) pela UFJF. Devido a minha formação atuei em outras disciplinas do curso de Pedagogia à distância da UFJF, sempre na área de língua portuguesa.

No caso específico da disciplina investigada, da qual fui tutora, participei de encontros semanais com a professora responsável e com os demais tutores, responsáveis pelos outros polos nos quais a disciplina também foi oferecida. Nesses encontros, além das discussões referentes à disciplina, a professora responsável também ofereceu aos tutores à distância, através de textos teóricos, discussões e apresentações, uma formação continuada específica para a atuação na referida disciplina.

²⁴ Reconhecidos pelo curso como tutores-professores.

²⁵ Há alguns casos (poucos) em que a pós-graduação pode ser substituída por no mínimo 3 anos de experiência em sala de aula.

²⁶ Atualmente o curso conta com X tutores realizando o doutorado.

Além de atuar como tutora à distância do curso de Pedagogia da UFJF, eu também desenvolvo um trabalho de apoio à coordenadora de tutores à distância do referido curso, no sentido de oferecermos formação continuada aos tutores-professores.

5.3 O *corpus* da pesquisa e os procedimentos de análise

O *corpus* de análise da pesquisa²⁷ constitui-se das práticas discursivas da tutora presentes nos seis dos 17 fóruns de discussão investigados da disciplina do curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vale ressaltar que os dados não foram gerados no momento das reflexões aqui presentes, mas sim anterior a essas, ou seja, não se trata aqui de uma pesquisa-ação.

Selecionamos, para a análise, os fóruns temáticos, pois esses apresentavam como proposta para a discussão a reflexão sobre um tema ou assunto específico. Desse modo, excluimos os fóruns de notícias, acolhimento, dúvidas, formação de grupos, entre outros.

Os fóruns pertencentes ao *corpus* de análise encontram-se listados no quadro 2 que segue:

²⁷Todas as mensagens da tutora que foram realizadas nos fóruns investigados encontram-se em anexo. Para preservarmos os nomes de todos os alunos que participaram dos fóruns, utilizamos nomes fictícios.

Ordem de realização dos fóruns na disciplina	TEMA	Objetivo do fórum ²⁸	Duração
FÓRUM I	O que é Alfabetização e Letramento?	Discutir os conceitos de Alfabetização e Letramento.	1 semana
FÓRUM II	O ensino da oralidade nas escolas	Discutir o trabalho com a oralidade em sala de aula.	1 semana.
FÓRUM III	O processo de ensino e aprendizagem	Discutir a noção de concepção de aprendizagem.	1 semana
FÓRUM IV	As concepções de ensino e aprendizagem	Discutir as concepções de aprendizagem.	1 semana
FÓRUM V	A concepção Mecanicista de ensino	Discutir a concepção Mecanicista de ensino.	2 semanas
FÓRUM VI	A concepção Construtivista de ensino	Discutir a concepção Construtivista de ensino.	1 semana

Quadro 2 : Lista dos fóruns de discussão selecionados para a análise.

Foram analisados, nos fóruns listados no quadro 2, anteriormente apresentado, apenas as falas da tutora à distância, foco de nossa pesquisa. Não fazem parte de nossa análise, portanto, as mensagens dos alunos nos fóruns de discussão. Para facilitar a análise, as falas da tutora foram organizadas a partir da categorização proposta por Moore (2007) para a formatação dos fóruns de discussão, a saber: mensagem inicial, mensagem de acompanhamento e mensagem final.

A mensagem inicial será, no presente trabalho, tratada como **Introdução do fórum de discussão**. Esta, segundo Moore (2007), deve apresentar o conteúdo e/ou objetivo para o qual o fórum proposto destina-se. A mensagem de acompanhamento contempla os comentários referentes às demais mensagens do fórum de discussão. Ela será tratada como

²⁸ Todos os textos teóricos foram disponibilizados previamente aos alunos para a leitura.

Intervenções da tutora. Por fim, a mensagem final, aqui tratada como **Encerramento do fórum de discussão**, é geralmente feita pelo tutor à distância que encerra as discussões no fórum de discussão em questão, apresentando, de forma sistematizada, o resumo das reflexões realizadas. Cabe mencionar aqui que o encerramento do fórum IV foi excluído de nossa análise, pois este foi realizado pela professora responsável pela disciplina e não pela tutora²⁹.

Após a organização das falas da tutora com base em Moore (2007), estas serão analisadas visando responder às questões de pesquisas apresentadas anteriormente. A análise será ancorada nas teorias sobre aprendizagem colaborativa (vide capítulo 2) e teorias sobre argumentação (vide capítulo 3). No que se refere à argumentação, contemplamos, em nossa análise, somente os aspectos que julgamos se relacionar com o nosso foco de pesquisa, a promoção da aprendizagem colaborativa nos fóruns de discussão, pois, segundo Koch (2007) e Ducrot (1987), a linguagem é essencialmente argumentativa, o que nos levaria a uma análise extensa e exaustiva, que poderia desviar a atenção do objetivo aqui proposto. Assim, abordaremos os seguintes aspectos da teoria da argumentação em nossa análise: a forma de apresentação dos argumentos (Perelman & Tyteca, 1996); as postulações sobre a argumentatividade (Ducrot, 1987 e Koch, 2007); algumas marcas da argumentação (Koch, 1984/2007) e a sequência argumentativa e a situação discursiva colaborativa (Damianovic, 2009).

²⁹ Não é costume da professora atuar no ambiente Moodle com os alunos. O contato com do professor com os alunos, no caso da disciplina investigada, é feito através de mensagens pessoais.

6 . ANÁLISE DOS DADOS

“Quando pensamos em contextos pedagógicos, podemos entender que as escolhas feitas por professores, em sala de aula, podem conseguir diferentes resultados de engajamento e participação de alunos, pois, dependendo do agir discursivo de um professor, este poderá alcançar diferentes tipos de resultados de aprendizagem.”

(Gervai 2008:65)

Dado que existem poucos trabalhos que discutem a atuação do tutor nos ambientes virtuais de aprendizagem, principalmente no que se refere a exemplos práticos, a presente pesquisa objetiva investigar, por meio das práticas discursivas de uma tutora, como ela atua nos fóruns de discussão de uma disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, centrando-se na promoção da aprendizagem colaborativa. Para tal, a presente análise busca responder as seguintes questões de pesquisa:

1. Que estratégias pedagógicas são identificadas nas práticas discursivas da tutora nos fóruns de discussão que podem ser consideradas como promotoras da aprendizagem colaborativa?
2. A partir das estratégias pedagógicas encontradas, como elas se apresentam nas práticas discursivas da tutora segundo a perspectiva da argumentação?

Como já mencionado, para responder a essas questões, as falas da tutora serão divididas em três partes, conforme proposto por Moore (2007): mensagem inicial, mensagem de acompanhamento e resumo das mensagens. Tais divisões serão tratadas no presente trabalho, respectivamente, como: **Introduções, Intervenções e Encerramentos.**

6.1 As Introduções dos fóruns de discussão

A **introdução do fórum de discussão**, que corresponde à mensagem inicial, apresenta o propósito do fórum, ou seja, uma explicação e/ou reflexão sobre o tema a ser discutido (vide capítulo 3). Localizada na parte superior do fórum de discussão, a introdução inicia e permanece nesta posição durante todo o desenvolvimento da discussão, o que contribui para sua relevância nas participações dos alunos.

A **introdução do fórum de discussão**, segundo Pallof & Pratt (2002), deve trazer propostas de discussão e reflexão que partam de exemplos práticos retirados do cotidiano dos alunos. Tais exemplos práticos, sejam eles reais ou simulações, são considerados pelos autores como ponto de partida para a promoção da aprendizagem colaborativa, pois oportunizam o compartilhamento de experiências e/ou dilemas pessoais (vide capítulo 3).

Com base nessas reflexões, identificamos, em duas introduções dos fóruns investigados (fóruns II e V) o **(1) Uso de exemplos práticos do cotidiano dos alunos**, uma estratégia que pode favorecer a aprendizagem colaborativa.

A introdução retirada do fórum II, apresentada a seguir, traz os relatos de dois professores de língua portuguesa (professor Wanderson e professor Pedro Paulo) sobre as suas práticas pedagógicas no ensino da oralidade. A prática do professor Wanderson é descrita como uma prática planejada e sistematizada a partir dos gêneros orais de ensino. Já a prática do professor Pedro Paulo é descrita como pouco planejada e, conseqüentemente, pouco produtiva. Os alunos deveriam escolher, dentre os dois relatos, aquele que melhor se adequava à proposta de ensino da oralidade discutida nos textos teóricos lidos:

Exemplo 1

Leia, abaixo, o breve relato sobre a prática pedagógica de dois professores de Língua Portuguesa:

1. “O professor Wanderson inclui, em seu programa de curso, o planejamento e a realização de atividades com determinados gêneros orais, de forma que os alunos, estudando-os e praticando-os de maneira sistemática e consciente, possam se sentir capazes de dominá-los, em situações públicas em que a língua oral é exigida.”

(...)

2. (...) Pedro Paulo, por exemplo, reserva cerca de 20 minutos para incentivar a oralidade entre os seus alunos. (...) sempre abre espaço nas aulas, para que os alunos expressem suas opiniões sobre acontecimentos variados e polêmicos (...) embora, por vezes, sinta-se bastante incomodado com as discussões “acaloradas” surgidas entre os alunos, o que, quase sempre, acaba por prejudicar que cheguem a um consenso ou mesmo que compreendam aspectos importantes do tema abordado.(...)

Considerando o que você estudou até aqui, a respeito da importância do ensino da oralidade na escola, compare a abordagem pedagógica de cada professor e responda:

Qual deles parece entender melhor os objetivos das práticas orais na escola? Por quê?

Observa-se que a proposta de trabalho apresentada nesta introdução, na verdade, busca verificar a compreensão dos alunos dos textos lidos, os quais valorizavam um

trabalho com o oral a partir de uma sistematização das atividades e de um planejamento pautado nos gêneros orais, como fez o professor Wanderson.

Conclui-se que a atividade proposta na introdução do fórum II se constrói a partir de uma argumentação na qual os exemplos práticos fornecidos (os relatos dos professores) são argumentos que, conflitantes entre si, serviram de base para orientar os alunos para uma determinada conclusão em detrimento de outra: “*Qual deles parece entender melhor os objetivos das práticas orais na escola? Por quê?*” No caso, os alunos devem apontar o relato do professor Wanderson, visto que este se adequava melhor às informações contidas nos textos teóricos lidos.

A introdução do fórum V, exemplo II, apresentado a seguir, traz como argumentos para a reflexão, exemplos práticos do cotidiano dos alunos, são eles: duas páginas de exercícios de cartilhas (exemplo da Doriania e o exemplo do Palhaço) utilizadas na alfabetização de crianças, as quais apresentam diferentes abordagens para a alfabetização.

Exemplo 2

“Olá turma, nesta semana temos a excelente oportunidade de utilizarmos o espaço do fórum para discutirmos sobre exemplos práticos utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Vamos observar as atividades dos livros didáticos abaixo e começarmos nossas reflexões, a partir da pergunta que segue os exemplos:

Exemplo Palhaco

The activity for 'Biriba' includes a clown illustration, a grid of word cards (Biriba, beco, bule, batata, boneca), and handwriting practice with the word 'Biriba' written in various styles and sizes. A yellow box highlights the word 'Biriba' written in a cursive script.

Exemplo Doriana

The activity for 'Doriana' features an illustration of a 'Doriana' margarine box. It includes a list of questions:

1. Que produto vem dentro desta embalagem?
MARGARINA
2. Qual é a marca desta margarina?
3. Quantas letras tem a palavra Margarina?
4. Agora vou separar a palavra. Veja como ficou e complete com as letras que faltam.

M	A	R	G	A	R	I	N	A
M		R		A	R			A
	R		G		I	N		
	A	R	G	A	R			A

5. Pesquise e escreva outras palavras que começam do mesmo modo que margarina.
6. Descubra outras palavras dentro da palavra: Doriana.
7. O nome de algum de seus colegas começa com a letra M?

Junte-se com sua classe e escreva o nome de outras marcas de produtos usados na sua região.

Referências

AULICINO, Antônio Luiz et. al. *Cartilha*. São Paulo: Editora Descubra. 1975 (atividade do Biriba)
 PONTES, Edna Maria et. al. *Alfabetização e parceria*. Curitiba: Editora Módulo. 1996 (atividade da Doriana)

As duas atividades têm como objetivo ensinar a criança a ler e a escrever. Qual (is) a(s) diferença(s) entre as duas abordagens?

Igualmente à introdução do fórum II, a introdução do fórum V (exemplo 2), objetiva verificar a compreensão dos alunos sobre os textos teóricos lidos que abordam a alfabetização das crianças destacando a concepção Construtivista de ensino como uma

alternativa possível ao trabalho mecanicista, o qual é pautado nas cópias e repetições excessivas de letras, palavras e pequenos textos.

O exemplo 2, diferentemente do ocorrido no exemplo 1, não objetiva a eleição de um exemplo em detrimento do outro, mas o destaque, por parte dos alunos, das diferenças existentes entre as duas abordagens do processo de alfabetização presentes nos exemplos apresentados: “*As duas atividades têm como objetivo ensinar a criança a ler e a escrever. Qual (is) a(s) diferenças (s) entre as duas abordagens?*”. Essa forma de argumentação, que propõe o apontamento das diferenças entre as abordagens presentes nos exemplos da Doriania e do Palhaço, é mais produtiva visto que permite uma maior reflexão e exposição de ideias por parte dos alunos.

Porém, cabe aqui salientar que o exemplo da Doriania é muito mais propício a uma avaliação positiva por parte dos alunos, pois é, claramente, um exemplo de uma prática da concepção Construtivista de ensino, defendida nos textos teóricos lidos pelos alunos. Tal concepção é apontada como uma alternativa significativa ao trabalho mecânico, aqui representado pelo exemplo do Palhaço.

Dessa forma, novamente temos a apresentação de dois argumentos que orientam os alunos para uma determinada conclusão (avaliação positiva do exemplo da Doriania) em detrimento de outra (avaliação positiva do exemplo do palhaço).

Nas demais introduções dos fóruns investigadas, verificou-se, por meio das práticas discursivas da tutora, outra estratégia que pode contribuir para o aprendizado colaborativo no fórum de discussão, a saber: (2) Orientações para a participação nos fóruns de discussão.

Entre as orientações fornecidas pela tutora nas introduções, analisaremos aquelas que focam a interação entre os participantes no fórum de discussão e o

conteúdo das mensagens postadas, uma vez que estes componentes são contemplados na teoria sobre aprendizagem colaborativa, discutida no capítulo II.

No que se refere à interação, Vygotsky (vide capítulo 2) afirma que o aprendizado ocorre na medida em que situações de interação são propiciadas permitindo a criação de zonas de desenvolvimento. A partir desta colocação, pode-se dizer que a tutora, ao orientar os alunos a relacionarem os seus comentários com os dos colegas e discutirem com eles suas respostas, incentiva a aprendizagem colaborativa. Tal orientação sobre a interação no fórum de discussão é observada no exemplo 3, retirado do fórum III, que segue:

Exemplo 3

Para participar no nosso fórum, temos pontos fundamentais a considerar:

1. As orientações

(...)

Interação com o grupo: vocês podem/devem relacionar os seus comentários com os de seus colegas, discutir as respostas dos outros participantes, interagir com a tutora e com o grupo.

(...)

Além das orientações sobre a interação nos fóruns de discussão, destacamos também as orientações dadas aos participantes quanto ao conteúdo das mensagens postadas. No exemplo 4 abaixo, retirado da introdução do fórum III, os alunos são orientados a justificarem ou comentarem suas opiniões e colocações.

Exemplo 4

Conteúdo das mensagens: procurem postar mensagens objetivas, claras e substanciais (ainda que vocês possam expressar dúvidas em relação ao tema em discussão). As respostas do tipo “adorei o vídeo”, ou ainda, “o vídeo é lindo”, deverão vir acompanhadas de um reflexão para que sejam consideradas.

Pode-se apontar que a orientação, no sentido de promover a interação (exemplo 3), somada à busca por um conteúdo mais completo das mensagens dos alunos (exemplo 4), corrobora a definição do que seja uma participação colaborativa: uma intervenção na participação (mensagem) do outro como uma co-construção do conhecimento a partir do que o outro apresenta (Silva 2006).

Retomando e concluindo, a análise das introduções dos fóruns de discussão investigados permitiu-nos identificar estratégias pedagógicas que podem contribuir para a promoção da aprendizagem colaborativa nos fóruns de discussão. São elas: o uso de exemplos práticos do cotidiano dos alunos; orientações que visam a interação entre os alunos nos fóruns de discussão; e orientações que visam uma contribuição mais significativa por parte das mensagens dos alunos.

6.2 As intervenções da tutora nos fóruns de discussão

Tratar das intervenções nos fóruns de discussão (mensagens de acompanhamento) é falar mais diretamente da mediação realizada pela tutora neste espaço. A mediação, conforme Vygotsky (vide capítulo 2), é fundamental no processo de aprendizagem. E, tratando-se, mais especificamente, do contexto educacional, essa mediação deve ocorrer através da interação tendo, como seu principal instrumento, a linguagem (Bruno 2007). Será, então, pela mediação pedagógica, realizada através da linguagem, que a tutora direcionará e orientará as participações dos alunos, assim como responderá a questionamentos e dará as explicações necessárias.

Nas intervenções da tutora realizadas no desenvolvimento dos seis fóruns de discussão investigados, identificam-se mais quatro estratégias que podem gerar a aprendizagem colaborativa nos fóruns de discussão, a saber: (3) Incentivo à participação dos alunos nos fóruns de discussão; (4) Definição do fórum de discussão (5) Explicitação da dinâmica esperada no fórum de discussão (6) Manutenção da dinâmica no fórum de discussão.

A estratégia de Incentivo à participação dos alunos no fórum de discussão apresenta-se de três maneiras diferentes nos fóruns de discussão analisados.

Primeiramente, observa-se este incentivo quando a tutora, ao tecer comentários sobre as colocações feitas pelos alunos, faz referência ao nome dos mesmos, conforme mostra o exemplo 5 a seguir, retirado do fórum I:

Exemplo 5

*Olá turma, que bom que estão participando. (...)
Olá, Joana, Claudia, Gisele e André. Suas definições estão corretas e os questionamentos levantados muito interessantes. Os números do governo apresentam realmente algumas complicações nesse sentido do que considerar analfabeto ou não.(...)*

O tratamento individualizado, neste caso, demonstra o envolvimento afetivo do tutor com o aluno e, segundo Tijiboy et ali (2009), é parte integrante da categoria de mediação Afetividade (vide capítulo 2) que pode funcionar como um incentivo à participação dos alunos no fórum de discussão.

O incentivo à participação dos alunos no fórum de discussão também ocorre por meio da valorização dos exemplos trazidos pelos alunos, conforme mostra o exemplo 6 a seguir, também retirado do fórum I:

Exemplo 6

(...)

“Paula, adorei seu exemplo dos alunos do EJA. A maioria não foi à escola e é tão claro que eles convivem com a leitura e escrita, que não será preciso explicar a eles o que são as letras, que elas se juntam e formam uma palavra.”

Neste caso, a valorização do exemplo apresentado pela aluna Paula se realiza por meio de uma marca argumentativa no discurso da tutora. Mais especificamente, identificamos a posição da tutora frente ao exemplo apresentado através do verbo “adorei” que funciona como um Índice de Avaliação, uma forma de representação subjetiva do locutor no discurso (vide capítulo 4).

A estratégia **Incentivo à participação dos alunos no fórum de discussão** também se realizou por meio do incentivo ao compartilhamento de experiências vividas pelos alunos, no espaço do fórum de discussão, o que pode ser visto no exemplo 7 a seguir, retirado do fórum V:

Exemplo 7

“Turma, vejo que muitas já comentam no fórum que vivenciaram a concepção mecanicista de ensino em seu processo de alfabetização. Podem aproveitar esse espaço para trazer também esses comentários, sempre relacionando-os com o texto que estamos discutindo.”

Neste exemplo, observa-se que a tutora incentiva os alunos a continuarem comentando sobre o seu processo de alfabetização. Isso favorece o aprendizado colaborativo uma vez que a troca de experiências entre os alunos contribui para a construção conjunta do conhecimento. Porém, observa-se que a tutora impõe uma restrição ao compartilhamento de experiências, as quais devem estar relacionadas aos textos lidos pelos alunos: “sempre relacionando-os com o texto que estamos discutindo.” Percebe-se, nesta restrição, o “tom” autoritário no discurso da tutora que se realiza por meio do uso implícito

do Operador Argumentativo “mas” que introduz uma informação definitiva em relação ao enunciado anterior (vide capítulo 5): “*Podem aproveitar esse espaço para trazer também esses comentários, (mas) sempre relacionando-os com o texto que estamos discutindo.*”

O discurso autoritário é parte de uma organização discursiva argumentativa que não promove a colaboração (vide capítulo 3). Acredita-se, assim, que a tutora, ao impor restrições às participações dos alunos, pode prejudicar o aprendizado na medida em que inibe a participação dos alunos nos fóruns de discussão.

Entretanto, cabe aqui também comentar que, se por um lado a postulação de tal restrição pode prejudicar a troca de experiências entre os alunos, por outro lado, ao incentivar que os comentários sejam relacionados ao texto em discussão, a tutora contribui para que a reflexão no fórum de discussão mantenha-se no foco proposto, evitando, assim, desvios exagerados do tema principal.

A estratégia **Definição do fórum de discussão** identificada nas intervenções da tutora nos fóruns de discussão investigados, igualmente à estratégia de **Incentivo a participação dos alunos**, pode favorecer ao aprendizado colaborativo. Nos exemplos 8 e 9 a seguir, retirados dos fóruns I, e, no exemplo 10, retirado do fórum III, ao definir para os alunos o fórum de discussão, a tutora salientou a sua função que é a de propiciar a reflexão, a troca e a construção conjunta do conhecimento, reforçando a importância da interação entre os participantes do fórum de discussão :

Exemplo 8

“Não podemos nos esquecer de que o fórum é um espaço de construção conjunta do conhecimento.”

Exemplo 9

“Não vamos nos esquecer que esse é nosso espaço de trocas (...)”

Exemplo 10

“Fórum é local de reflexão mesmo”

Após definir o espaço do fórum de discussão como um espaço de interação e construção do saber, a tutora avança no sentido da conscientização dos alunos sobre a **dinâmica esperada neste espaço**. Esta é outra estratégia identificada nas intervenções da tutora. No caso do exemplo 11 a seguir, retirado do fórum I, a tutora realiza um verdadeiro “apelo” aos alunos para que eles utilizem o fórum de discussão como um espaço de argumentação:

Exemplo 11

(...)

É preciso ler as colocações, dizer o que pensamos, por que pensamos dessa forma, ARGUMENTAR a favor de nossas colocações ou contra a dos outros. É essa a dinâmica desejada em um fórum. Falar, argumentar, contra-argumentar.... E chegarmos a uma conclusão (ou não, pode ser que não nos entendamos), mas isso também faz parte. Se somente entramos no fórum, deixarmos nosso registro e não interagirmos com o que está acontecendo aqui, não estaremos de forma alguma, aproveitando tudo o que esse tipo de espaço e discussão nos proporciona.

Conforme o exemplo apresentado anteriormente, podemos dizer que a tutora faz uso de uma metalinguagem, uma vez que utiliza uma linguagem claramente argumentativa para explicar e incentivar a argumentação no espaço do fórum de discussão. Mais detalhadamente, podemos dizer que, para explicar aos alunos a argumentação esperada, a tutora constrói seu discurso a partir de uma sequência argumentativa (vide capítulo 3), contemplando suas três fases básicas: a fase da premissa, a fase do desenvolvimento e, por fim, a fase da conclusão.

A sequência argumentativa, realizada pela tutora no fórum I, apresenta como ponto de partida, ou fase da premissa, a necessidade/importância da argumentação: *“É preciso*

ler as colocações, dizer o que pensamos, por que pensamos dessa forma, ARGUMENTAR”. Já a fase do desenvolvimento da sequência argumentativa ocorre na explicação sobre a argumentação: *“Falar, argumentar, contra-argumentar...”* Por fim, na fase da conclusão, a tutora explica que deve-se chegar a uma conclusão que pode ou não ser um consenso de todos: *“E chegarmos a uma conclusão (ou não, pode ser que não nos entendamos)”*.

Nesta intervenção, na qual a tutora explica a argumentação para os alunos, observa-se que a forma como a tutora compreende e explica a argumentação aproxima-se da situação discursiva chamada *ganha-ganha*, que gera a colaboração (vide seção 3.1). Na situação *ganha-ganha*, a argumentação é valorizada e entendida como parte do processo e não somente um instrumento para o resultado. Assim sendo, é possível dizer que o discurso da tutora realizado desta forma, valorizando a argumentação, favorece a aprendizagem colaborativa no fórum de discussão.

Ainda sobre o exemplo 11, apresentado anteriormente, a tutora encerra sua intervenção sobre a dinâmica esperada no fórum de discussão argumentando a favor da interação, apresentando-a como uma condição para o aproveitamento da ferramenta fórum de discussão:

“(...)Se somente entramos no fórum deixarmos nosso registro e não interagirmos com o que está acontecendo aqui, não estaremos de forma alguma, aproveitando tudo o que esse tipo de espaço e discussão nos proporciona.”

A interação é o que torna a ferramenta fórum de discussão um ambiente colaborativo (vide capítulo 3). Logo, o incentivo à interação pode contribuir para promoção da colaboração entre os alunos. Observa-se que a tutora (no exemplo 11) argumenta a favor

da interação no espaço do fórum de discussão através do uso implícito do operador argumentativo “consequentemente” que apresenta uma consequência em relação ao enunciado anterior (vide capítulo 4):

*“Se somente entramos no fórum deixarmos nosso registro e não interagirmos com o que está acontecendo aqui, (**consequentemente**) não estaremos de forma alguma, aproveitando tudo o que esse tipo de espaço de discussão nos proporciona.”*

Após analisarmos as colocações da tutora sobre o que é o fórum de discussão e qual a dinâmica esperada neste espaço, direcionamo-nos à análise da estratégia **Manutenção da dinâmica do fórum de discussão**, que também pode favorecer a aprendizagem colaborativa.

Entendemos como manutenção da dinâmica do fórum de discussão as atitudes da tutora que visam manter a dinâmica previamente apresentada por ela, tutora. Essas atitudes da tutora podem ser consideradas pertencentes à categoria de mediação Gerenciamento, proposta por Tijiboy et alli (2009)(vide seção 3.1), que se refere às práticas do tutor que visam fomentar e orientar as atitudes dos alunos no espaço do fórum de discussão.

A manutenção da dinâmica do fórum de discussão é identificada nas intervenções da tutora através de três formas diferentes, a saber: (A) Através dos pedidos de expansão das ideias trazidas pelos participantes dos fóruns; (B) Pela utilização das participações dos alunos para sistematizar e explicar os conteúdos discutidos e (C) Pelo incentivo à leitura e à interação com as mensagens já postadas no fórum de discussão.

Primeiramente, temos as intervenções nas quais a tutora solicita aos alunos a expansão das ideias trazidas pelos participantes do fórum de discussão. No exemplo 10, a

seguir, retirado do fórum III³⁰, temos a retomada do registro da impressão de uma aluna sobre um trecho do vídeo assistido:

Exemplo 12

Turma (...) Uma colega nossa postou o seguinte comentário: " O mestre deixou que o aluno aprendesse, a seu modo e a seu tempo. Podemos perceber que não houve muita mediação do professor na primeira atividade, já no segundo momento, sua orientação facilitou mais sua aprendizagem." Alguém pode expandir mais essa ideia?"

Nesta intervenção, a tutora retoma o registro de uma aluna: "*Turma (...) Uma colega nossa postou o seguinte comentário:....*" e, a partir desta retomada, pede aos demais participantes do fórum de discussão que expandam, ou expliquem melhor, a ideia apresentada: "*Alguém pode expandir mais essa ideia?*" Desse modo, há modelo da categoria de mediação Expansão, segundo a qual busca-se a expansão do pensamento dos alunos, categoria também proposta por Tijiboy et alli e2009) (vide seção 3.1), com que a tutora promove a expansão do pensamento dos alunos e, conseqüentemente, promove um avanço nas reflexões no fórum de discussão. A expansão das ideias, conforme observado aqui, deve partir dos demais participantes do fórum de discussão e não da tutora, o que nos leva a conclusão de que há também nesta intervenção, como no exemplo 5 analisado anteriormente, um incentivo à participação dos alunos nos fóruns de discussão.

É importante ressaltar ainda que a argumentação da tutora, ao buscar o avanço das reflexões a partir das colocações dos próprios alunos, pauta-se na persuasão e não no convencimento, visto que ela não apresenta uma informação como verdade a fim de convencer os alunos. Ao contrário, ela deixa que os alunos participem e concluam a favor ou contra determinada posição. Vale lembrar que o uso da persuasão, em detrimento do

³⁰ Conforme no capítulo metodológico o fórum III objetivou a discussão sobre as concepções de Alfabetização a partir de um vídeo disponibilizado para os alunos.

convencimento, demonstra uma argumentação entendida como fruto da interação social e oriunda de processos discursivos (vide capítulo 4).

A segunda maneira de realização da estratégia **manutenção da dinâmica no fórum de discussão** é a utilização das participações dos alunos em sistematizações e explicações de conteúdos no fórum de discussão. Isso pode ser observado na intervenção da tutora, presente no exemplo 13 a seguir, retirado do fórum I, na qual ela retoma uma participação realizada no fórum de discussão para explicar aos alunos a relação existente entre os conceitos de Alfabetização e Letramento e, na sequência, a tutora expande tais conceitos:

Exemplo 13

Turma (...)

"Será muito importante que, daqui pra frente, tenhamos clara uma colocação da Josiane: "Alfabetização e Letramento são duas coisas distintas, mas que devem ser interligadas, para um melhor aproveitamento da escrita e da leitura." (...)

Mais do que percebermos que são coisas diferentes, é preciso saber que possuem especificidades próprias, ou seja, existem coisas que são pertencentes à alfabetização, enquanto outras serão diretamente ligadas ao letramento. (...)

Ao utilizar uma participação do fórum de discussão para explicar conteúdos, a tutora pode contribuir para a promoção da aprendizagem colaborativa visto que essa atitude se insere na categoria de mediação Significação, proposta por Tijiboy et alli, 2009, categoria esta que engloba as explicações do tutor que visam auxiliar os alunos na compreensão dos conteúdos. Pode-se dizer, ainda, que a tutora torna essa categoria de mediação ainda mais rica quando apresenta em suas explicações as contribuições dos demais participantes do grupo. Dessa maneira, o conhecimento passa a vir de lugares distintos e não de uma única fonte, no caso a tutora.

Ainda no exemplo 11, observa-se que, ao retomar a participação de uma aluna para explicar o conteúdo, a tutora também argumenta a favor da relevância da compreensão da

colocação da aluna. Esta argumentação se realiza a partir do uso da expressão adjetiva intensificadora “muito importante”: “*Será muito importante que, daqui pra frente, tenhamos clara uma colocação da Josiane (...)*” O uso desta expressão, considerada um Índice de Avaliação (vide capítulo 4), faz o que será expresso posteriormente seja recebido pelo interlocutor, no caso os participantes do fórum de discussão, como algo realmente relevante. Em outras palavras, o uso da expressão “*será muito importante*” aumenta a força argumentativa do enunciado que introduz (vide capítulo 4).

Após as duas formas de realização da estratégia de **manutenção da dinâmica do fórum de discussão**, ou seja, a solicitação aos alunos da expansão de uma ideia apresentada no fórum de discussão e a utilização das participações dos alunos para explicar e expandir conteúdos, abordamos a última forma de realização dessa estratégia: o incentivo à leitura e à interação com as mensagens já postadas.

Primeiramente, cabe ressaltar que, de um modo geral, os alunos da disciplina em questão tendem a desconsiderar as mensagens já postadas no fórum de discussão ao realizarem as suas participações, o que, geralmente, resulta em participações descontextualizadas. Isso prejudica a dinâmica interativa desejada neste espaço, acarretando a subutilização da ferramenta que passa, portanto, a funcionar como um repositório de mensagens isoladas. É neste contexto que a tutora busca incentivar os alunos a lerem e a interagirem com as mensagens já postadas.

Tais intervenções da tutora foram realizadas a partir da colocação de argumentos a favor da leitura dessas mensagens. Os argumentos apresentados pela tutora não estão em uma mesma intervenção, eles aparecem em intervenções diferentes e sempre que a tutora solicita a leitura de alguma mensagem anteriormente postada.

O primeiro argumento apresentado pela tutora a favor da leitura das mensagens já postadas é o uso desta leitura como forma de compreensão de uma explicação anteriormente dada, conforme mostra o exemplo 14, retirado do fórum II, a seguir. Tal exemplo é uma resposta da tutora a uma mensagem postada por uma aluna sobre uma questão já discutida no fórum de discussão. Para auxiliar a aluna na sua compreensão, a tutora solicita que a aluna leia uma determinada participação já realizada no fórum de discussão.

Exemplo 14

“Olá Marcela, vejo que na sua participação você comenta sobre as aulas do professor Paulo. No fórum trouxemos reflexões bem interessantes sobre as aulas dele. Dê uma olhada. A participação da nossa amiga Gislene é um ótimo exemplo

O segundo argumento apresentado pela tutora aos alunos é a leitura das mensagens da tutora visando o acompanhamento por parte dos alunos das reflexões que estão em andamento nos fóruns de discussão, conforme o exemplo 15 a seguir, retirado do fórum V. Neste exemplo, a tutora solicita aos alunos que estejam atentos às respostas que ela, tutora, deu aos colegas no decorrer do fórum de discussão:

Exemplo 15

“Olá turma!!! Nas últimas postagens houve instigantes questionamentos sobre o nosso tema da semana. Por favor, atentem-se às minhas respostas aos colegas e participem!!”

A leitura das mensagens da tutora pode auxiliar na compreensão do momento exato em que a reflexão se encontra, visto que é usual a participação de alunos que, não lendo as

mensagens já postadas, participam questionando situações já discutidas e resolvidas no fórum de discussão.

Acredita-se que a tutora busca, com essa atitude, garantir o acompanhamento das reflexões já realizadas no fórum de discussão em questão, evitando, assim, participações deslocadas ou, até mesmo, repetitivas.

Por fim, o terceiro e último argumento apresentado pela tutora a favor da leitura das mensagens já postadas no fórum de discussão é a obtenção de participações mais significativas por parte dos alunos. Conforme o exemplo 16 a seguir, retirado do fórum II, a tutora orienta os alunos para que leiam as colocações já postadas pelos colegas a fim de que suas participações se tornem mais produtivas:

Exemplo 16

“(...) Procurem ler as colocações dos colegas, assim sua participação pode se tornar mais produtiva”

No caso mais específico do último exemplo apresentado (16), percebe-se que a apresentação do argumento a favor da leitura das mensagens já postadas se realiza a partir do uso do Operador Argumentativo “assim” que introduz uma conclusão que serve de argumento para a validação do enunciado anterior (vide capítulo 4): *“Procurem ler as colocações dos colegas, **assim** sua participação pode se tornar mais produtiva”*

Ainda sobre a argumentação realizada pela tutora a fim de promover a leitura das mensagens já postadas, podemos concluir que essa argumentação realiza-se a partir de uma classe argumentativa (vide capítulo 4) que compreende um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento a uma dada conclusão. Nos exemplos 13, 14 e 15 apresentados anteriormente, os argumentos utilizados a favor da leitura das mensagens já

postadas foram: (A) o uso dessa leitura como forma de compreensão de uma questão já discutida; (B) o uso dessa leitura como forma de acompanhamento das reflexões já realizadas no fórum de discussão; (C) O uso dessa leitura como forma de enriquecer as participações no fórum de discussão. A conclusão é a relevância da leitura das mensagens já postadas no fórum de discussão.

As três formas de realização da estratégia **Manutenção da dinâmica do fórum de discussão** discutidas anteriormente podem ser entendidas como uma forma de incentivo à interação entre os participantes do fórum de discussão, visto que compreendem a leitura e a utilização das mensagens já postadas. Um pedido específico de interação pode ser observado no exemplo 17 a seguir, retirado do fórum V:

Exemplo 17

“Olá turma, estou muito satisfeita com as colocações que já se encontram no nosso fórum. Meu único comentário é que podemos buscar interagir mais com as respostas dos colegas, mas, de qualquer forma, as participações até o momento estão trazendo contribuições interessantes.”

No caso do exemplo 17 acima, o pedido de interação com as mensagens dos colegas ocorre através de um discurso excessivamente modalizado que pode ser verificado, primeiramente, pelo uso da expressão adjetiva “muito satisfeita” em: “*estou muito satisfeita com as colocações que já se encontram no nosso fórum.*” Essa expressão funciona como um Indicador atitudinal (vide capítulo 4) que, neste caso, demonstra a subjetividade do locutor no discurso, representando a valorização e argumentação a favor das colocações já feitas. Além disso, um novo argumento a favor da modalização do pedido realizado aos alunos é apresentado através do uso do Operador Argumentativo “mas” (Koch 2007) seguido da

expressão “de qualquer forma”: (...) *mas, de qualquer forma, as participações até o momento estão trazendo contribuições interessantes.*” A inserção desse novo argumento valoriza novamente as mensagens já postadas e modaliza ainda mais o pedido de interação com as mensagens dos colegas. Este excesso de modalizadores presentes no discurso da tutora pode, de alguma forma, interferir na validação do pedido de interação feito aos alunos.

Com a análise anterior do exemplo 17, encerramos as reflexões sobre as estratégias que podem promover a aprendizagem colaborativa encontradas nas intervenções da tutora no desenvolvimento dos fóruns de discussão. Concluimos, portanto, que essas estratégias pautaram-se, basicamente, na atitude da tutora de incentivar de várias formas a participação dos alunos nos fóruns de discussão e de buscar que os alunos compreendam e utilizem o fórum de discussão como um espaço de construção conjunta do conhecimento no qual espera-se uma dinâmica argumentativa interativa e colaborativa.

Na subseção V.III que segue, analisaremos as estratégias encontradas nos encerramentos dos fóruns de discussão.

6.3 Os encerramentos dos fóruns de discussão

Os encerramentos dos fóruns de discussão (resumo das mensagens) contêm os posicionamentos do tutor frente às participações dos alunos no desenvolvimento dos fóruns de discussão e uma síntese das reflexões realizadas. Esta síntese, segundo Moore (2007), deve conter as similaridades e diferenças apontadas pelo grupo durante a realização dos fóruns.

Dado que os encerramentos apresentam o posicionamento do tutor frente ao desenvolvimento do fórum de discussão, nossa análise se pautará, principalmente, na questão da polifonia existente no discurso da tutora e, conseqüentemente, na sua forma de argumentação. Conforme Carneiro (s/d) (vide capítulo 4), a Polifonia é a construção do sentido de um enunciado que emerge pela posição tomada pelo locutor frente aos pontos de vista apresentados. Ampliando essa definição, Koch (2007) postula que a polifonia é a incorporação que o locutor faz ao seu próprio discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores e/ou interlocutores, sendo, portanto, o fenômeno pelo qual em um mesmo texto percebe-se a presença de diferentes vozes.

O discurso polifônico e argumentativo, ao contemplar outras “vozes”, que não só a do locutor, e pontos de vista diferentes, aproxima-se da noção de organização discursiva chamada ganha-ganha que é uma situação que pode gerar a colaboração por contemplar o conflito de ideias e a argumentação como forma de construção do conhecimento (vide capítulo 3). A partir dessa compreensão, encontramos, nos encerramentos dos fóruns de discussão investigados, as seguintes estratégias que podem promover a aprendizagem colaborativa: **(7) Sínteses e sistematizações organizadas a partir das participações dos alunos nos fóruns de discussão;** **(8) Retomada de conflitos e equívocos ocorridos no desenvolvimento do fórum de discussão** e, por fim, nossa última estratégia encontrada: **(9) Reconstrução das reflexões feitas pelos alunos no fórum de discussão.**

No que se refere à realização das sínteses e sistematizações a partir das colocações das participações dos alunos nos fóruns de discussão, a tutora apresenta o seu discurso a partir de uma polifonia que, além de considerar o discurso do outro, também reafirma a ideia de que não há um detentor do saber, mas que todos podem contribuir na construção do conhecimento. No exemplo 18 a seguir, retirado do fórum III, temos um trecho do

encerramento no qual a tutora retoma uma participação realizada no fórum para explicar a sua colocação:

Exemplo 18

*“(...)Neste fórum, começamos elogiando as aulas do professor Wanderson e, posteriormente, pedi que vocês trouxessem para o nosso espaço os acertos do professor Paulo. **Retomemos uma participação interessante nesse sentido:** “O professor Paulo acerta quando incentiva a prática da leitura oral entre os alunos, quando ele pede para que todos acompanhem a leitura (...)”*

No exemplo apresentado, a Polifonia no discurso da tutora realiza-se quando ela dá um maior sentido ao seu enunciado: “*pedi que vocês trouxessem para o nosso espaço os acertos do professor Paulo*” por meio de uma identificação (vide capítulo 4) com a colocação de uma aluno realizada no fórum de discussão: “*(...)Retomemos uma participação interessante nesse sentido: “O professor Paulo acerta quando incentiva a prática da leitura oral(...).”*

Um discurso polifônico também se realiza através dos chamados **Índices de Polifonia**. Esses índices são formas linguísticas (marcas linguísticas) que funcionam como índices da presença de outras vozes no discurso (vide capítulo 4).

O uso dos Índices de Polifonia pode ser observado no exemplo 18 a seguir, retirado do fórum I, no qual a tutora utiliza-se do Operador Argumentativo “uma vez que”, funcionando como um Índice de Polifonia que demonstra que há outras “vozes”, além da “voz” dela (tutora), que afirma o conteúdo do seu enunciado anterior:

Exemplo 18

*“Nossa linha de reflexão começou enveredando para a questão de que o letramento seria um complemento da alfabetização (...) Isso não confere, **uma vez que** uma pessoa pode ser letrada sem ser alfabetizada.(...)”*

Conforme visto no exemplo 18 anteriormente apresentado, há uma identificação por parte do enunciador com outros enunciadores e/ou interlocutores. Além disso, nesse exemplo, o Operador Argumentativo “uma vez que” também estabelece com o enunciado anterior uma relação de explicação e/ou justificativa (Koch 2007): (...) *Isso não confere. Uma vez que (...)*. Neste caso, a tutora, ao realizar a asserção: “*uma vez que uma pessoa pode ser letrada sem ser alfabetizada*”, demonstra existirem outras “vozes”, além da dela, com as quais ela se identifica e que também afirmam ser o fato apresentado uma verdade.

Será a partir do discurso da tutora analisado no exemplo anterior (18) que realizaremos a análise da próxima estratégia que pode promover a colaboração: **Retomada de conflitos e equívocos ocorridos no desenvolvimento do fórum de discussão.**

No exemplo 19 a seguir, que é uma extensão do exemplo anterior (18), temos a tentativa da tutora de realizar a retomada de um equívoco cometido pelos alunos no fórum de discussão apoiada em outras “vozes”. Neste caso, retoma-se primeiro o início das reflexões no fórum de discussão que, segundo a tutora, não foram encaminhadas corretamente:

Exemplo 19

*“Nossa linha de reflexão começou enveredando para a questão de que o letramento seria um complemento da alfabetização no sentido de que primeiro realizamos um (a alfabetização) e depois a complementamos com o letramento. Isso não confere (...), uma vez que uma pessoa pode ser letrada sem ser alfabetizada. Como isso? Discutimos bastante isso no nosso fórum. **Vale a pena conferir!***

“Vamos pensar em analfabeto como aquele que não teve acesso à escola, ok? Podemos sim ter pessoas analfabetas que são letradas. O que estamos falando agora é que existem graus (ou níveis) de letramento.

No nosso dia a dia, convivemos com pessoas que apresentam graus de letramento variados (...).” (intervenção da tutora no fórum de discussão)

Encerrando a retomada ao equívoco realizado pelos alunos, a tutora busca, no desenvolvimento do fórum de discussão, parte de uma de suas intervenções que explica a questão que gerou o equívoco:

(...)

“Vale a pena conferir: “vamos pensar em analfabeto como aquele que não teve acesso à escola, ok? Podemos sim ter pessoas analfabetas que são letradas. O que estamos falando agora é que existem graus (ou níveis) de letramento. No nosso dia a dia convivemos com pessoas que apresentam graus de letramento variados (...).” (intervenção da tutora no fórum de discussão)

Neste trecho, a tutora aumenta a força argumentativa do seu enunciado (Koch 2007, vide capítulo 4) ao utilizar, mesmo que implicitamente, o Operador Argumentativo “pois” que introduz uma justificativa ao enunciado anterior:

*“(...)vamos pensar em analfabeto como aquele que não teve acesso à escola, ok? **(Pois)** Podemos sim ter pessoas analfabetas que são letradas. O que estamos falando agora é que existem graus (ou níveis) de letramento.*

A partir da reflexão realizada acerca do exemplo 19 apresentado, podemos dizer que a estratégia de retomada dos equívocos realizados pelos alunos nos fóruns de discussão é uma forma de mediação que, pautada em um discurso polifônico argumentativo, pode promover a aprendizagem colaborativa, visto que se aproxima da organização discursiva ganha-ganha que gera colaboração (vide capítulo 3, subseção 3.1), na medida em que contempla o conflitos de ideias e a argumentação como forma de construção do conhecimento.

Por fim, temos a última estratégia encontrada nas práticas discursivas da tutora nos encerramentos dos fóruns de discussão: **Reconstrução das reflexões feitas pelos alunos.**

De acordo com o exemplo 20 a seguir, retirado do fórum V, esta reconstrução ocorre a partir da retomada dos objetivos do fórum de discussão seguida das considerações da tutora:

Exemplo 20

Olá turma, vamos encerrar nossas discussões neste fórum?

*Tivemos neste espaço dois objetivos que se dividiram em momentos referentes à semana 10 e 11. Na semana 10, iniciando com o texto **Receita de alfabetização**, tínhamos que refletir sobre a concepção mecanicista e responder as seguintes questões:*

(...)

*Já na semana 11, continuamos com o texto da Receita, porém voltamos nossas reflexões para as **abordagens analíticas e sintéticas e os métodos de alfabetização**.*

Portanto, vamos às nossas considerações:

Respondendo a primeira questão (...)

O exemplo 20 apresenta um modelo de estrutura que está presente em quase todos os encerramentos investigados, a saber: um título: “*Turma, vamos encerrar nossas discussões neste fórum?*”, seguido da retomada do objetivo do fórum de discussão em questão: “*Tivemos neste espaço dois objetivos que se dividiram em momentos referentes à semana 10 e 11. Na semana 10 (...)*” e, por último, as considerações sistematizadas sobre as questões discutidas no fórum: “*Portanto, vamos às nossas considerações: Respondendo a primeira questão (...)*”.

A partir desta estrutura básica presente nos encerramentos dos fóruns de discussão, podemos concluir que a atitude da tutora de organizar a apresentação dos encerramentos dos fóruns de discussão facilita a compreensão dos alunos sobre as reflexões realizadas, visto que, normalmente, os fóruns de discussão são retomados como material de estudo para avaliações. A organização dos encerramentos, na mesma direção da estratégia de expansão de uma ideia trazida pelos alunos, insere-se na categoria de mediação Significação (vide capítulo 3), segundo a qual o tutor realiza explicações que visam auxiliar os alunos na compreensão dos conteúdos.

Concluindo, nos encerramentos dos fóruns de discussão foi possível encontrar, nas práticas discursivas da tutora, estratégias que podem gerar a aprendizagem colaborativa entre os participantes do fórum de discussão. Tais estratégias, conforme visto anteriormente, pautaram-se, basicamente, em um discurso polifônico e argumentativo visando à reorganização das ideias e dos conteúdos discutidos no fórum de discussão.

7. CONCLUSÃO

O presente trabalho, inserido nas reflexões sobre a atuação do professor nos ambientes virtuais de aprendizagem, objetivou investigar, por meio de suas práticas discursivas, a atuação de uma tutora nos fóruns de discussão de uma disciplina do curso de graduação em Pedagogia à distância da Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo como foco a promoção da aprendizagem colaborativa. Para tal, nos guiamos por duas questões de pesquisa as quais retomaremos aqui.

No que se refere a nossa primeira questão de pesquisa: *“Que estratégias pedagógicas são identificadas nas práticas discursivas da tutora nos fóruns de discussão que podem ser consideradas como promotoras da aprendizagem colaborativa?”* nossa análise apontou, nas introduções dos fóruns de discussão, as seguintes estratégias pedagógicas que podem gerar a aprendizagem colaborativa: **Uso de exemplos práticos do cotidiano dos alunos** como uma forma de iniciar as reflexões, incitando a troca de experiências entre os participantes; **Orientações para a participação nos fóruns de discussão**, também consideradas estratégias pedagógicas que podem gerar a aprendizagem colaborativa, pois contemplaram a interação entre os participantes dos fóruns de discussão e o conteúdo de suas mensagens.

Nas intervenções da tutora, realizadas no desenvolvimento dos fóruns de discussão, também identificamos, por parte da tutora, o **incentivo à participação dos alunos**, estratégia pedagógica realizada através de elogios e valorização dos exemplos trazidos pelos alunos. Identificou-se, também, como possíveis estratégias pedagógicas que podem gerar a aprendizagem colaborativa a **definição do que seja o fórum de discussão** e a

explicitação da dinâmica desejada neste espaço. Estas estratégias contemplaram o fórum como espaço de trocas e construção conjunta do conhecimento, possível de se realizar através de uma dinâmica interativa e colaborativa. Complementando as duas últimas estratégias pedagógicas, identificamos **a manutenção da dinâmica no fórum de discussão**, estratégia pedagógica que contemplou as atitudes da tutora que visavam manter, dentro do espaço do fórum de discussão, a dinâmica anteriormente explicitada por ela (tutora) aos alunos. Nesta estratégia, inserem-se os pedidos de expansão das ideias trazidas pelos participantes do fórum de discussão, as retomadas de participações já realizadas como forma de sistematização dos conteúdos e, além disso, os pedidos da tutora de leitura das mensagens já postadas.

Após as estratégias pedagógicas identificadas nas introduções e nas intervenções da tutora, restam-nos as estratégias encontradas nos encerramentos dos fóruns de discussão. São elas as **Sínteses e sistematizações organizadas a partir das participações dos alunos nos fóruns de discussão**, contempla-se aqui, mais uma vez a valorização da participação dos alunos, conseqüentemente, um incentivo à participação nos fóruns de discussão. A **Retomada de conflitos e equívocos ocorridos no desenvolvimento do fórum de discussão** e a **Reconstrução das reflexões feitas pelos alunos no fórum de discussão**.

As três últimas estratégias pedagógicas identificadas, presentes nos encerramentos dos fóruns de discussão, podem ser consideradas um esquema básico pelo qual quase todos os encerramentos foram realizados. Basicamente, os encerramentos se realizaram a partir de uma estrutura que contemplava a realização de sínteses e sistematizações dos conteúdos discutidos nos fóruns de discussão, geralmente seguidos da retomada dos conflitos e

equivocos gerados no desenvolvimento dos fóruns. Estrutura esta realizada de maneira a reconstruir o caminho das reflexões feitas pelos alunos nos fóruns de discussão.

No que se refere a nossa segunda questão de pesquisa “*A partir das estratégias pedagógicas encontradas, como elas se apresentam nas práticas discursivas da tutora segundo à perspectiva da argumentação?*”, concluímos que, apesar da realização da análise de algumas marcas argumentativas presentes no discurso da tutora, destacando-se o uso dos Operadores Argumentativos, os Índices Atitudinais e os Índices de Polifonia, além do uso de sequências argumentativas para explicar a argumentação esperada no fórum de discussão, há ainda uma enorme necessidade de um aprofundamento das teorias sobre a argumentação de modo a relacioná-las com a promoção da aprendizagem colaborativa. O que se justifica pelo fato de a linguagem ser essencialmente argumentativa (Koch 2007) e as escolhas discursivas feitas pelos professores em sala de aula terem um impacto direto no aprendizado dos alunos (Gervai 2008). Desse modo, um estudo que relacione argumentação e colaboração poderá apoiar consideravelmente os professores, nos ambientes de aprendizagem, virtuais ou presenciais.

As teorias sobre a argumentação foram, portanto, nossa primeira limitação de pesquisa: há teorias sobre a argumentação, porém poucas discutem a relação entre a argumentação e a colaboração, o que dificultou nossa análise. Além disso, reconhecemos uma segunda limitação, o tempo que, entre outras coisas, nos impediu de realizar, por meio da análise das participações dos alunos nos fóruns de discussão, o impacto resultante da aplicação das estratégias pedagógicas identificadas como possíveis promotoras da aprendizagem colaborativa nos fóruns de discussão. No caso, para identificação dessas estratégias pedagógicas, tivemos como respaldo somente a teoria encontrada sobre o assunto.

Acreditamos, porém, ser a análise desse impacto um excelente caminho para pesquisas futuras.

Como contribuições teórico-metodológicas do nosso trabalho, apontamos a busca da aproximação das teorias sobre a argumentação e a promoção da aprendizagem colaborativa. Aproximação realizada através de uma análise que visou contemplar a argumentação presente nas práticas discursivas da tutora nos fóruns de discussão, focando-se na promoção da aprendizagem colaborativa.

A contribuição prática de nosso trabalho é, certamente, a sistematização de estratégias pedagógicas que podem contribuir para a promoção da aprendizagem colaborativa no fórum de discussão, o que não deve ser considerado um guia ou um manual, porém, poderá auxiliar os professores que atuam nos ambientes virtuais de aprendizagem na medida em que essas estratégias pedagógicas, identificadas a partir de dados reais, podem ser adequadas e utilizadas em diferentes contextos. Inclusive poderão vir a ser utilizadas em cursos de formação de tutores.

Por fim, encerrando nosso trabalho, destacamos a sensação de incompletude que fica, ao ter que colocar, mesmo que provisoriamente, um ponto final a esta reflexão.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. **A abordagem qualitativa de pesquisa.** In: Etonografia da prática escolar. Ed. Papirus. Campinas, SP. 1995.

BATTEZZATI, S. **A aprendizagem colaborativa em ambientes de CMC.** Apresentado no 4º Encontro de Educação à distância da Universidade Metodista de São Paulo. - UMESP – São Bernardo do Campo - 2005. Disponível em: http://www.comtec.pro.br/prod/artigos/silma_amb.pdf Acesso em: 24 de março de 2010.

BATISTA, C. J. L. **Aprendizagem Colaborativa Mediada por Computador.** Revista Colabor@ n. 11 V. 3 (julho de 2006). Disponível em: <http://culturaderede.pbworks.com/f/aprendizagemcolaborativa.pdf> acesso em 12 de maio de 2010.

BARBISAN, L. B. **O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot.** In: Revista Letras n. 33 UFSM. Santa Maria, RS. 2006. Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistaletras/artigos_r33/revista33_3.pdf Acesso em 26 de fevereiro de 2010.

BARROS, Kazue. CRESCITELLI, M. **Prática docente virtual e polidez na interação.** In: Interações virtuais: perspectivas para o ensino de língua portuguesa à distância. Cabral et. Al (orgs) São Carlos, Sp: Claraluz, 2008.

BERNARSKI & ZYCH. **Aprendizagem Colaborativa aplica em uma sala de recursos.** (s/d) Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2052-8.pdf> acesso em 27 de fevereiro de 2010.

BRUNO, A. R. **Os fóruns de discussão como espaços de aprendizagem em ambientes online: formando comunidades de gestores.** (2007) Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/420200712027PM.pdf> Acesso em: 05/03.2009.

BRUNO, A. R. e LEMGRUBER, M. S. **A dialética professor-tutor na educação online: o curso de pedagogia UAB/UFJF em perspectiva.** III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte, MG. 2009. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/a/a-dialetica-professor-tutor.pdf> Acesso em 23 de abril de 2010.

CAMPOS, C. M. **O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua.** In: Revista da Abralín, v. 6 n.2 (2007).

CARNEIRO, W. J. M. **Argumentação Linguística e o sentido no texto.** In: Pesquisa em Foco, v. 16, n.1 (2008) Disponível:
http://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/viewFile/10/194 Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

CARVALHO, A. B. **Os Múltiplos Papéis do Professor em Educação à distância: Uma Abordagem Centrada na Aprendizagem** In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN. Maceió, 2007.

COLLINS, H. FERREIRA, A. (orgs) **Relatos de experiências de ensino e aprendizagem de línguas na internet.** Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004.

COSCARELLI, CARLA VIANNA (org). **Novas Tecnologias, Novas Textos, Novas Formas de Pensar.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DAMIANOVIC, M. C. **Vygotsky: uma estratégia para lidar com conflitos.** In: Vygotsky: Uma revisita no século XXI. Orgs: Schettini et. Al. São Paulo: Andross, 2009.

DANIELS, H.(org.) **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos.** São Paulo: Papirus, 1994.

DOMINGUES, E. **Avaliando fóruns de discussão.** (s/d). Disponível em:
<http://wiki.sintectus.com/bin/view/EaD/AvaliacaoDeForunsDeDiscussao>
Acesso em 12 de julho de 2009.

DUCROT, OSWALD. **O dizer e o dito.** Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, OSWALD. **Argumentação Retórica e Argumentação Linguística.** In: Letras de Hoje. v.44 n. 1 (2009) PUCRS. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5648> Acesso em: 02 de fevereiro de 2010.

Educação na Ciberultura_UFBA (2007). Disponível em:
<http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=12821&chapterid=10529>. Acesso em 06 de junho de 2010.

FIORENTINI, D. **Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente.** In: **Pesquisa qualitativa em educação matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 47-46

FREITAS, M. T. **Vygotsky e Bakhtin psicologia da educação: um intertexto.** São Paulo: Ática, 1999.

GERVAI, S. **A GSF: um caminho para a análise da mediação de professores em contextos de aprendizagem online.** In: Linguística Sistêmico Funcional como instrumento na educação. Pedro e João Ed. São Paulo, 2008.

GUBERT, R. L & MACHADO, M. R. F. C. **A prática docente e o novo paradigma educacional virtual.** IX Congresso Nacional da Educação (EDUCERE) III Encontro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3418_1822.pdf Acesso em: 23 de abril de 2010.

KOCH, INGEDORE VILLAÇA. **A Interação pela Linguagem.** 10ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

KOCH, INGEDORE VILLAÇA. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Ed. Cortez, 1984.

KOCH, INGEDORE VILLAÇA; TRAVAGLIA, L. CARLOS. **Texto e Coerência.** 5ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

KOHL, OLIVEIRA MARTA. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento/um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

LIBERALI, F. C. **Por um sujeito livre que não teme; faz escolhas.** In: Vygotsky: Uma revisita no século XXI. Orgs: Schettini et. Al. São Paulo: Andross, 2009.

_____. **Formação crítica de educadores: questões fundamentais.** Cabral Editora. Taubaté – SP, 2008.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva.** Trad. L. P. Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

LOPES, C. **O fórum de discussão como espaço de intersubjetividade e perspectivas de pesquisa.** II Encontro Nacional sobre Hipertexto (2007). Disponível em: http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art48_Lopes.swf acesso em 12 de março de 2010.

MAGALHÃES, M. C. **O método para Vygotsky: A zona proximal de desenvolvimento como zona de colaboração e criticidade criativas.** In: Vygotsky: Uma revisita no século XXI. Orgs: Schettini et. Al. São Paulo: Andross, 2009.

MARQUESI, SUELI MARIA ; ELIAS, VANDA MARIA DA SILVA; CABRAL, ANA LUCIA TINOCO. **Interações Virtuais: Perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa à distância.** São Carlos: Claraluz, 2008.

MEDEIROS, Z. e NASCIMENTO, S. S. **Interações discursivas em um fórum online.** III Encontro Nacional Sobre Hipertextos. Belo Horizonte, MG. 2009. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/g-1/interacoes-discursivas.pdf> Acesso em 10 de janeiro de 2010.

MEHLECKE, Q.T.C. e GUEDES, A.T. **Estratégias do professor para promover a interação dos alunos nas alunas à distância online.** (s/d) Disponível em: <http://www.liberato.com.br/upload/arquivos/0131010717395616.pdf> Acesso em 26 de maio de 2010.

MENEZES, V. (org). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual.** Faculdade de Letras _ UFMG, 2001.

MILL at. al **O desafio de uma interação de qualidade na educação à distância: o tutor e sua importância nesse processo.** Disponível em: http://www.diaadia.pr.gov.br/ead/arquivos/File/Textos/texto_mill_desafio_interacao_qualidade_ead.pdf acesso em 12 de julho de 2009.

MORAES, C. R. A. **Linguagem Verbal, Argumentação e Polifonia.** In: Unimontes Científica. V. 1 n. 1 Montes Claros, 2001. Disponível em: <http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista%201/word%20e%20pdf/LINGUAGEM%20VERBAL.pdf> Acesso em 27 de janeiro de 2010.

MORAN, J. MANUEL. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. In: Informática na educação: Teoria e prática. Porto Alegre, vol. 3. n. 1 (UFRGS) Setembro de 2000.

MOORE, M. G. **Educação à distância: uma visão integrada.** Trad. Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEWMAN, F. & HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky : cientista revolucionário.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo, SP : Ed. Loyola, 2002.

OKADA, A. L. P. **Desafio para EAD: como fazer emergir a colaboração e a cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem?** In: Educação online. Marco Silva (org) São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, N. A. **Novas tecnologias & Universidade: da didática tradicionalista à inteligência artificial: desafios e armadilhas.** Petrópolis, Rj: Vozes, 2005.

PALLOF, R. M. & PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço.** trad. Vinícius Figueira. _ Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEREIRA, R. **Vygotsky – Teoria sócio-cultural** – Seminário apresentado no grupo de estudos de informática aplicada à aprendizagem matemática _ UFSC _ em 11/10/2001. Disponível em: <http://www.mtm.ufsc.br/geiaam/> Acesso em: 06 de julho de 2009.

PERELMAN, CHAIM; TYTECA, L. OLBRECHTS. **Tratado da Argumentação: a nova retórica.** Trad. Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. 2ª ed. São Paulo: 2005.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RIBEIRO, R. MARINHO. **A construção da argumentação oral no contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCA, O. **A autoformação e a formação à distância: as tecnologias da educação nos processos de aprendizagem**. In: Para uma tecnologia educacional. Org: Juana Maria Sancho. Artmed 1998.

SANTOS, E. O. **Articulação de saberes na EAD online**. In: Educação online. Marco Silva (org). São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, M. (org). **Educação Online**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **O que é interatividade**. (s/d) Disponível em:
http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/o_que_eh.html#O%20que%20%C3%A9%20interatividade

SCHERER, S. **O papel do professor nos ambientes virtuais de aprendizagem**. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – MERCOSUL, 7, 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis-SC: CTAI-Senai, 2003.

SCHETTINI, R. et. al (orgs) **Vygotsky: uma revisita no século XXI**. São Paulo: Andross, 2009.

SOUZA, C. F. e MATOS, E. L. M. **Fórum como ferramenta de aprendizagem colaborativa na educação à distância**. IX Congresso Nacional da Educação (EDUCERE) III Encontro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009. Disponível em:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1874_1174.pdf Acesso em 12 de abril de 2010.

SOUZA, R. R. **Contribuições das teorias pedagógicas de aprendizagem na transição do presencial para o virtual**. IN: Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autentica, 2007. Cap. 7

SOUZA, R. R. **Aprendizagem colaborativa em comunidades virtuais: o caso das listas de discussão**. In: **Carla Viana Coscarelli (Org.)**. Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, v. 1, p. 1-144.

TAVARES, K. C. **Discutindo a formação do professor online – de lista de habilidades docentes ao desenvolvimento da reflexão crítica**. Disponível em:
<http://www.comunicar.pro.br/artigos/reflex.htm> Acesso em: 27 de fevereiro de 2010.

TIJIBOY et al. **Compreendendo a mediação do tutor à distância**. Centro Interdisciplinar de novas tecnologias da educação (CINTED) _ Ufrgs. Disponível em:

http://www.cinted.ufrgs.br/renote/jul2009/artigos/3b_lediane.pdf acesso em 10 de dezembro de 2009.

VIEIRA, AMITZA TORRES. **A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança.** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007. 148 fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Trad. Maria da Penha Vilalobos. 6ª ed. São Paulo: Ícone, 1998.

_____. **A formação social da mente.** Trad. Neto et. al/Cole et. al (orgs). 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VOIGT, P. C. G. e LIGIA, S. (2004). **Investigando o papel do professor em cursos de educação à distância.** In: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/143-TC-D2.htm> acesso em 12 de dezembro de 2009.

ANEXOS

Observação: Os espaços em branco na “fala” da tutora referem-se aos nomes dos alunos da turma que foram preservados.

Mensagens da tutora : fórum I

 Fórum: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (DISPONÍVEL ATÉ 30/08 _ DOMINGO)



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (hora de retomarmos as idéias do fórum de diagnóstico)

por Juliana de Carvalho Barros - Thursday, 20 August 2009, 22:38

Olá _____ e _____. Que bom que já estão aqui nosso fórum para partilhar. Vi que trouxeram considerações sobre os temas abordados, queria portanto propor que desenvolvessemos um pouco mais as idéias.

Por exemplo: As três falam algumas palavras que estão relacionadas: mundo da leitura e da escrita, realidade do aluno, meio social... (algumas diretamente retiradas do texto). Todas relacionadas ao ato de ler. Certamente essas são idéias que se aproximam do letramento, mas, fica minha questão: **E a alfabetização?** Senti que houve mais autoria por parte de vocês na escrita do que seja o Letramento. Vamos pensar no que é Alfabetização? Busquemos sempre nossas próprias palavras para nossas participações nos fóruns, assim como nas tarefas e provas. Quando trouxermos as de outras pessoas é preciso identificar.

Atenção: Para as meninas que já participaram e para os demais. É preciso voltar ao fórum diagnóstico e rever a sua colocação sobre o que é Alfabetização e Letramento. Você pode reafirmá-la ou retificá-la. Lembre-se sempre de comentar.

Não vamos nos esquecer que esse é nosso espaço de trocas. Vamos sempre ler as colocações dos colegas e interagir.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (hora de retomarmos as idéias do fórum de diagnóstico)

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 21 August 2009, 19:58

Olá _____ que bom que o texto ajudou na sua compreensão. Vou aproveitar para pensarmos juntos sobre o que é esse uso social da leitura e da escrita??

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (hora de retomarmos as idéias do fórum de diagnóstico)

por Juliana de Carvalho Barros - Saturday, 22 August 2009, 18:17

Olá turma, que bom que estão participando. **Alguns ainda não atenderam ao pedido de retomada do primeiro fórum para revermos nossas posições.**

Não vamos nos esquecer, ok?

Nossa colega _____ fez um comentário sobre novos nomes que estamos conhecendo. Tenho certeza de que muitos termos ainda virão nessa caminhada e o importante será que estejamos seguros sobre o entendimento desses termos. Não pensando em definições técnicas, mas vamos pensar sempre em aplicação na nossa sala de aula.

_____, sua colocação está muito boa e certamente esse "mundão" nos desafia. É preciso preparar nossos alunos da melhor maneira possível. Isso só será possível se compreendermos as teorias que embasam nossa prática.

Olá _____, no caso da alfabetização, realmente se aproxima mais da técnica da escrita e da leitura, mas quando falamos em auxiliar nossos alunos no mundo das novas tecnologias, estamos falando de uma alfabetização que, sem o letramento, não ajudará muito o nosso aluno. Podemos dizer que o letramento está mais próximo de um trabalho que visa às novas tecnologias do que a alfabetização.

Olá _____, _____ e _____. Suas definições estão corretas e os questionamentos levantados muito interessantes. Os números do governo apresentam realmente algumas complicações nesse sentido do que considerar analfabeto ou não. Se alguém se interessar, há como buscar algumas regras utilizadas pelo governo para considerar alguém como analfabeto. Há algum tempo, o governo também utiliza a opção analfabeto funcional.

_____, compreender uma palavra em seu contexto ajudará, sim, o aluno no seu uso da escrita e da leitura. Não podemos esquecer de que o letramento vai além disso. Vamos conversando isso por aqui.

respondendo à sua pergunta sobre iletrado. Como vimos no texto, o termo letramento não está ainda dicionarizado, sendo assim, temos que iletrado está relacionado à questão do não conhecimento literário. O analfabeto funcional seria aquele indivíduo que domina alguns códigos (letras/números), mas não consegue fazer interpretações de textos e operações matemáticas. Esse é um termo utilizado pelo governo em seus censos. Mas se pensarmos em iletrado como contrário de letramento, ele pode, sim, se aproximar da idéia de um analfabeto funcional.

Turma, vamos responder aqui (e juntos) essa questão do roteiro:

Que diferença de significado existe entre as expressões: "*ter-se apropriado da escrita*" e "*ter aprendido a ler e a escrever*"?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum I



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (hora de retomarmos as idéias do fórum de diagnóstico)

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 24 August 2009, 19:18

Olá turma, fico feliz que estejam participando do fórum e retomando as colocações do primeiro (alguns ainda não o fizeram).

Acredito que responder a questão sobre o que é ter aprendido a ler e a escrever e também o que é ter se apropriado da escrita, possibilitou esclarecermos alguns pontos, porém, é hora de começarmos a acertar alguns detalhes **MUITO IMPORTANTES**. Sendo assim, peço à todos, **muita atenção às colocações abaixo que escrevi a partir das participações de vocês:**

- o A apropriação da escrita certamente envolve o seu uso de forma adequada nas suas diferentes possibilidades. O que é diferente de dominar a técnica da escrita, ou seja, os traços que compõem suas letras e os sons que juntas produzem. Mas atenção, isso não pode ser resumindo como **LETRAMENTO**.
- o Faz parte do letramento o uso social da escrita, porém, não podemos **resumir** ou **delimitar** o letramento ao uso da escrita. **Por quê?** Porque o letramento vai além do uso da leitura e da escrita (aprendidas nas escolas) nas práticas sociais. **Como assim?** É que o letramento vai englobar pessoas que nunca foram à escola e nunca tiveram acesso a regras de português/matemática sistematizadas, e mesmo assim, são pessoas que estão inseridas na sociedades e em suas práticas sociais realizando-as de forma satisfatória. **Um exemplo?** Uma pessoa nascida e criada na roça que nunca tenha tido acesso à escola pode saber lhe explicar muito bem o processo de plantação/germinação/crescimento de determinado alimento. Isso pode vir a ser explicado de tal modo que você compreenda e até mesmo poderá ficar admirado com tal conhecimento.
- o Você acredita que uma pessoa como a do exemplo acima mereça o adjetivo de analfabeta? Consideremos que ela desenvolveu as habilidades necessárias para a prática social que a rodeava. Além das habilidades ela é capaz de utilizar recursos como narração/dissertação/argumentação e outros de forma adequada (mesmo que não conheça tais nomes). Tenho certeza que conhecemos pessoas assim. Não podemos nos esquecer que o mundo atual apresenta diferentes exigências.
- o Ao pensarmos em **LETRAMENTO** será necessário pensar em um letramento que devemos buscar em nossas práticas nas salas de aula. Esse deverá ocorrer juntamente a **ALFABETIZAÇÃO**. Dessa forma o aprendizado será muito mais significativo e proveitoso para esse aluno.
- o Também discutimos aqui um **LETRAMENTO** que envolve as práticas sociais no caso de pessoas que nunca tiveram acesso à escola. São estas pessoas (muitas vezes) possuidoras de grandes conhecimentos que não devem ser considerados menores por não terem sido aprendidos com quadro negro e giz.
- o Não podemos esquecer que falamos também do conhecimento que as **crianças** já possuem ao chegarem nas escolas. O que elas já apresentam é um certo grau de letramento que deve ser considerado pelo professor. Ficando claro que a Alfabetização não vem antes do Letramento, nem deve ser considerada um aperfeiçoamento da mesma. No contexto escolar ambos os conceitos devem caminhar juntos.

Turma, tenho certeza que minhas colocações vão gerar alguns questionamentos. Estou aguardando!! Não se esqueçam sempre de aproveitar as colocações dos colegas e interagir com os mesmos. **Esse é nosso espaço de troca de idéias e construção de conhecimento.**

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (hora de retomarmos as idéias do fórum de diagnóstico)

por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 26 August 2009, 10:23

Olá turma, estou super animada de ver que alguns alunos voltaram ao nosso fórum e, **principalmente**, adorei ver que **discordaram** da minha colocação.

Somente dessa forma vamos **construir um conhecimento verdadeiro** que nos acompanhará por toda a vida acadêmica/pessoal. **É preciso ler as colocações, dizer o que pensamos, porque pensamos dessa forma, ARGUMENTAR a favor de nossas colocações ou contra a dos outros.** É essa a dinâmica desejada em um fórum. **Falar, argumentar, contra-argumentar....** E chegarmos a uma conclusão (ou não, pode ser que não nos entendamos) mas isso também faz parte.

Se somente entramos no fórum deixarmos nosso registro e não interagirmos com o que está acontecendo aqui, não estaremos de forma alguma, aproveitando tudo o que esse tipo de espaço e discussão nos proporciona.

Fica o exemplo de algumas participações para que todos possam refletir.

Atenção: Hoje ainda volto para refletir sobre os questionamentos que levantaram sobre minha colocação. Vou esperar até a noite pra ver se mais alguém discorda ou concorda da colocação e porque. OK?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum I



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (hora de retomarmos as idéias do fórum de diagnóstico)
por [Juliana de Carvalho Barros](#) - Wednesday, 26 August 2009, 21:06

Olá turma, conforme prometido vim responder as questões. Queria comentar que acabamos de ter o **nosso chat** que contou com a presença de alguns de vocês e foi **MUITO** proveitoso. Temos um novo chat já marcada para a próxima quarta as 19:00 horas.

Vamos as perguntas colocadas:

- o **Letramento é TUDO que envolve o processo da leitura e escrita?**

O letramento vai envolver a leitura e a escrita nas mais diversas práticas sociais. Porém, é preciso lembrar, que a leitura e a escrita não estão somente nos domínios e fronteiras das escolas. Muitas pessoas que não frequentaram as escolas lidam com a escrita/leitura em seu dia a dia em suas mais diversas práticas sociais, mesmo que muitas vezes não dominem as regras que as regem.

- o **Uma pessoa pode ser analfabeta porém letrada?**

Antes de responder a essa questão gostaria de trazer uma definição da palavra analfabeto:

analfabeto (é)

s. m.

1. Aquele que ignora o alfabeto.

adj.

adj.

2. Que não sabe ler nem escrever.

3. Que é muito ignorante.

Fonte: <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=analfabeto> (Dicionário Priberam online)

Por essas definições podemos pensar um pouco sobre todo o sentido que carrega essa palavra analfabeto. O uso dessa palavra tornou-se muito preconceituoso, tomando aquele que não frequentou a escola um ser menor, ou seja, muitas vezes considerado incapaz.

Aproveite essa colocação para falar sobre a questão do conhecimento institucionalizado. Esse conhecimento nos é trazido pela escola, não sendo porém o único existente. Há vários conhecimentos que não estão nas escolas mas que precisam e são aprendidos diariamente.

Em geral, o que temos, são pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar as escolas mas adquiriram conhecimento em suas práticas do dia a dia. Será possível termos hoje pessoas que ignoram a existência do alfabeto? Podem não dominar a técnica de manuseio e criação com o mesmo, porém, estão em contato direto com ele em seus afazeres diários.

Mas, vamos pensar em analfabeto como aquele que não teve acesso à escola, ok? **Podemos sim ter pessoas analfabetas que são letradas.** O que estamos falando agora é que existem graus (ou níveis) de letramento.

No nosso dia a dia convivemos com pessoas que apresentam graus de letramento variados. Aquelas que tiveram acesso às escolas normalmente apresentam um grau de letramento diferente daqueles que não a frequentaram. Isso porque tiveram oportunidades diferentes. O que não quer dizer que pessoas que não tiveram acesso às escolas são ignorantes ou não possuem conhecimentos.

Preciso do retorno de vocês se essa questão da alfabetização não ser pré-requisito para o letramento ficou mais clara para vocês? Um bom exemplo são as crianças que muitas vezes ao chegarem às escolas já possuem muitos conhecimentos até mesmo relacionados ao mundo das letras.

Nosso fórum continua aberto para que retornem com suas considerações e tragam novas!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (DISPONÍVEL ATÉ 30/08 _ DOMINGO)
por [Juliana de Carvalho Barros](#) - Friday, 28 August 2009, 22:16

Olá turma, após a leitura do capítulo sobre **O que é letramento e Alfabetização**, vamos refletir, neste espaço, sobre o conteúdo do texto e as nossas colocações lá do fórum de diagnóstico. Portanto, vamos reler o que colocamos no primeiro fórum e reafirmar ou rever os nossos conceitos, ok?

No primeiro fórum, alguns de vocês falaram sobre a dinâmica de um fórum de discussão, espero que possamos colocá-la em prática aqui. Lembrem-se, estamos aqui para trocarmos com todos (**tutor/aluno(s)** e **aluno(s)/aluno(s)**).

Estarei sempre presente, mas espero contar com a ajuda de vocês na construção do conhecimento. Tenho certeza de que todos têm muito a contribuir. **Procurem ler as colocações dos colegas, assim sua participação pode se tornar mais produtiva.**

[Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (hora de retomarmos as idéias do fórum de diagnóstico)
por [Juliana de Carvalho Barros](#) - Saturday, 29 August 2009, 12:44

Olá turma, vejo que nossa discussão está evoluindo bastante. Estamos juntos traçando um conceito do que seja alfabetização e letramento e, sendo assim, estamos consolidando esse conhecimento.

Em nossas reflexões, já inserimos a questão dos níveis de letramento, podemos conferir isso nas participações das nossas amigas e . Isso é super importante, uma vez que envolverá até mesmo questões relacionadas ao existente preconceito em relação às pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar as escolas.

Não podemos nos esquecer, como bem colocou nosso colega , de que a sociedade de hoje é muito exigente e a escola é essencial. Por isso, caberá a nós, educadores, muito mais do que só alfabetizar, mas alfabetizar letrando.

Será muito importante que, daqui pra frente, tenhamos clara uma colocação da : **"Alfabetização e Letramento são duas coisas distintas, mas que devem ser interligadas, para um melhor aproveitamento da escrita e da leitura."** Mais do que percebermos que são coisas diferentes, é preciso saber que possuem **especificidades próprias**, ou seja, existem coisas que são pertencentes à alfabetização, enquanto outras serão diretamente ligadas ao letramento.

Será o desafio do professor alfabetizar letrando, sem perder de vista as especificidades de cada processo.

Turma, a discussão está muito legal e vou deixar para encerrar esse fórum somente no domingo, ok?

Coloquei, na semana 2, o **gabarito do roteiro de leitura** do texto: O que é letramento e alfabetização. Aproveitem esse será um excelente material de estudo para a prova presencial.

Uma perguntinha: Vocês leram a entrevista com a professora Magda Soares? Ninguém comentou nada? Vale a pena ler, é um texto de fácil compreensão e muito esclarecedor.

Até mais turma!!



[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum I



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (DISPONÍVEL ATÉ 30/08 _ DOMINGO)
por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 31 August 2009, 11:07

Olá turma! , certamente estamos todos aqui buscando um aprimoramento dessa prática da leitura de forma a extrair o máximo (e de forma satisfatória) o conteúdo daquilo que lemos. Pode ter certeza de que a prática é o caminho. No decorrer do curso, verá que a leitura dos textos científicos (acadêmicos) se tornará cada vez mais produtiva.

, adorei seu exemplo dos alunos do EJA. A maioria não foi à escola e é tão claro que eles convivem com a leitura e escrita, que não será preciso explicar a eles o que são as letras, que elas se juntam e formam uma palavra....

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (DISPONÍVEL ATÉ 30/08 _ DOMINGO)
por Juliana de Carvalho Barros - Saturday, 19 September 2009, 09:11

Oi colegas, que chegaram depois, que pena que não participaram no momento do fórum. Certamente teriam muita coisa a contribuir (como pude perceber). A postulação que o coloca é (ou pelo menos foi) o pensamento de muitas pessoas durante muito tempo.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão do texto: O que é Letramento e Alfabetização (DISPONÍVEL ATÉ 30/08 _ DOMINGO)
por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 26 October 2009, 17:41

Dando um nó em nossas discussões

Começamos nossa reflexão neste fórum com o intuito ,após a leitura do texto de Magda Soares, retomarmos nossas primeiras idéias sobre letramento e alfabetização (Nós as registramos no primeiro fórum diagnóstico). Mesmo que muitos não tenham atendido a essa solicitação, nossa discussão foi muito produtiva.

Algumas participações foram mais isoladas, não contemplando a riqueza das mensagens dos colegas que ficam disponibilizadas. Não podemos nos esquecer de que o fórum é um espaço de construção conjunta do conhecimento.

Nossa linha de reflexão começou enveredando para a questão de que o letramento seria um complemento da alfabetização no sentido de que primeiro realizamos um (a alfabetização) e depois a complementamos com o letramento. Isso não confere, uma vez que uma pessoa pode ser letrada sem ser alfabetizada. Como isso? Discutimos bastante isso no nosso fórum. **Vale a pena conferir!**

*"(...)vamos pensar em analfabeto como aquele que não teve acesso à escola, ok? **Podemos sim ter pessoas analfabetas que são letradas.** O que estamos falando agora é que existem graus (ou níveis) de letramento.*

No nosso dia a dia convivemos com pessoas que apresentam graus de letramento variados. Aquelas que tiveram acesso às escolas normalmente apresentam um grau de letramento diferente daquelas que não a frequentaram. Isso porque tiveram oportunidades diferentes. O que não quer dizer que pessoas que não tiveram acesso às escolas são ignorantes ou não possuem conhecimentos. (intervenção da tutora no fórum)"

Passamos a uma discussão do que seria alfabetizar e a necessidade de se alfabetizar letrando.

"(...) nós, como alfabetizadoras, devemos perceber e ter nas nossas práticas que o ato apenas de alfabetizar não enriquece o indivíduo. Devemos alfabetizar letrando nossas crianças, para elas sejam o diferencial nesta sociedade de mudanças em que estamos inseridos." (participação no fórum)

Teremos tempo e espaço em nossa disciplina para discutirmos juntos sobre como realizar a prática da alfabetização somada ao letramento.

Uma nova temática e importantíssima que tivemos foi a **questão das particularidades da alfabetização e do letramento**. Mesmo sem se aprofundar nesse tema, já tivemos uma primeira conversa. Essa também será tema de nossa disciplina posteriormente.

"Alfabetização e Letramento são duas coisas distintas, mas que devem ser interligadas para um melhor aproveitamento da escrita e da leitura" (participação no fórum)

Certamente a discussão no fórum foi muito válida e servirá de material de apoio para nossas provas e para futuras consultas.

É importante que, neste momento, tenhamos claras as noções de **alfabetização** e **letramento**. É preciso perceber que ambos os conceitos são distintos, cada qual com suas especificidades, porém são complementares quando pensamos em um professor que busca para os seus alunos uma formação que vise um cidadão capaz de fazer um bom uso da leitura e da escrita em suas práticas sociais.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum II

 **Fórum: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)**

Nota: -



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 16 September 2009, 14:08

Oi turma, percebo que estão compreendendo o trabalho do professor Wanderson. Isso é excelente. Gostaria de pedir que não se esqueçam dos critérios de participação no fórum (6ª semana) e que os próximos a participarem tragam uma reflexão do fórum com comentários do trabalho do professor Paulo, relacionando com o que já foi dito sobre o professor Wanderson, ok?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Thursday, 17 September 2009, 14:44

Olá . . . Concordo com vocês, quando dizem que o professor Wanderson realiza um trabalho melhor em relação à oralidade, conforme destacou a Valéria: *"O planejamento do professor Wanderson atende melhor às expectativas das práticas orais na escola, pois prioriza situações planejadas de uso da língua oral."* A questão está em que também o professor Paulo trabalha em sua sala de aula a oralidade. Se pensarmos na visão tradicional de ensino, as aulas do professor Paulo já representam um avanço. Uma vez que ele considera a oralidade importante, reservando um tempo de sua aula para o trabalho com a mesma; além disso, permite aos alunos trazerem para a sala de aula assuntos que lhes interessam; sobre a possível confusão gerada, ele até mesmo diz ser o preço para uma aula não ser apática. Podemos verificar que há um trabalho que considera a oralidade.

Onde estou querendo chegar com isso?

É preciso perceber que, apesar de o professor Wanderson realizar um trabalho mais próximo do que estamos vendo em nossas teorias, também o professor Paulo realiza alguns acertos em suas aulas.

NOVAS QUESTÕES PARA O NOSSO FÓRUM

Que acertos o professor Paulo alcança em suas aulas no que se refere ao trabalho com a oralidade?

O que será que falta às aulas do professor Paulo para que elas cheguem mais próximas do objetivo de uma aula que considere oralidade e escrita como importantes e complementares?

A maioria dos professores que estão hoje atuando nas salas de aula se aproxima mais do trabalho do professor Wanderson ou do de Paulo? Explique sua resposta.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Thursday, 17 September 2009, 14:49

Olá . . ., você está correta ao comentar os vários acertos do professor Wanderson e em dizer que ele trabalha melhor a oralidade. Certamente ele realiza um bom trabalho, já que suas aulas são bem planejadas e as atividades com a oralidade permeiam a aula como um todo. Vários colegas trouxeram comentários que explicam bem esse trabalho.

É preciso, porém, perceber **que o professor Paulo também realiza alguns acertos em sua sala de aula**. Por exemplo, não podemos considerar um erro do professor Paulo a leitura em voz alta na sala de aula, nem mesmo a sua correção (se bem realizada), quando necessário. É preciso perceber que há, sim, nas aulas de Paulo uma preocupação com a oralidade, mesmo que, às vezes, possa estar sendo realizada, em alguns momentos, de forma equivocada. Não podemos dizer que as aulas de Paulo sejam repetitivas, uma vez que, se os alunos trazem os temas de seu interesse, não devem ficar entediados com isso. Podemos pensar que os alunos devem até mesmo gostar da dinâmica das aulas.

Sobre a sua colocação acerca da desenvoltura das crianças de classe alta ser melhor do que as de classe mais baixa, precisamos pensar que isso não necessariamente é uma regra e que muitos fatores estão envolvidos nisso. Ao tratarmos de uma desenvoltura da linguagem, precisamos deixar claro de que tipo de linguagem estamos tratando: a coloquial (espontaneamente adquirida) ou a linguagem mais formal (a que necessita de um trabalho mais sistemático que pode ser encontrado nas escolas). Não podemos dizer que alguém tenha uma linguagem superior à de outros, a linguagem é algo natural do ser humano e, como professores, temos que lutar para que esse não seja mais um motivo de exclusão em nossa sociedade. Os alunos de classe alta podem apresentar uma linguagem formal mais desenvolvida pelo fato de terem oportunidades às vezes negadas aos alunos de classe baixa.

É possível que escolas particulares (devido a inúmeros fatores que conhecemos muito bem, como salários e infra-estruturad) desenvolvam um trabalho mais acentuado e planejado em relação à oralidade, mas nada impede que os professores da rede pública também desenvolvam esse tipo de trabalho. O que pode ocorrer (e muitas vezes é o que ocorre) é que escolas particulares, em geral, apresentam mais eventos nos quais os alunos têm a oportunidade de trabalhar mais a oralidade. Mesmo assim, caberá ao professor a tarefa de garantir que esse trabalho seja produtivo.

O que precisamos perceber é que não está nas crianças (na sua capacidade ou classe social) a questão de ter uma linguagem mais ou menos desenvolvida. Isso dependerá de um bom trabalho realizado pelo professor em sala de aula.

Espero que meus comentários possam ajudar e te espero aqui no fórum para refletirmos mais 😊

Abraços.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum II



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 18 September 2009, 21:28

Olá _____, **e turma**. Vejo que compreenderam bem as questões que permeiam as práticas dos dois professores. Destacaram muito bem os acertos do professor Paulo, conforme solicitei. O trabalho desse professor também tem seu valor e considera a importância do trabalho com a oralidade na sala de aula.

Concordo com você, _____ que a maioria dos professores se guia hoje pelo trabalho de Paulo. O que não é totalmente condenável, uma vez que estão preocupados com a oralidade e buscam trabalhá-la em suas salas de aula. **Mas por que será que a maioria dos professores trabalha na mesma direção do professor Paulo e não da do professor Wanderson?** (não acho que falta de recursos seja a questão).

_____, ao destacar os acertos de Paulo, você coloca o planejamento. Concordo que haja planejamento, pois até o tempo para o trabalho com a oralidade é pre-determinado. **Mas o que podemos dizer sobre esse planejamento do professor Paulo? (está completo? atende aos objetivos do trabalho com a oralidade? o que falta?)**

_____, você coloca que o professor Wanderson, ao realizar o seu trabalho, consegue mostrar aos alunos as diferenças entre os gêneros orais existentes. **Como podemos mostrar aos alunos a diferença entre os gêneros orais? Somente deixando-os produzir gêneros diferentes? No trabalho com a oralidade e escrita, o que será essencial mostrar para os alunos que difere de gênero para gênero?**

_____, adorei sua colocação de que o professor deveria seguir um roteiro. **Você poderia trazer para nossa reflexão algumas coisas que deveriam constar nesse roteiro, para que fosse realizado um bom trabalho com a oralidade?**



Turma, todas essas questões nasceram das colocações já postadas no nosso fórum. A idéia é que possamos ler as colocações e responder aos questionamentos acima, sempre considerando as reflexões já feitas pelos colegas. Sendo assim, as questões são para toda a turma, ok?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 18 September 2009, 21:32

Oi _____, que bom que retornou ao fórum. Nunca me chatearei com as opiniões de vocês, este é nosso espaço. Estamos aqui para refletirmos juntos e construirmos conhecimento. Isso só será possível se ouvirmos uns aos outros.

Tentando responder a sua pergunta sobre a linguagem dos pais (no caso de classe alta) interferir na dos filhos, vou retomar o que disse primeiro. Antes de mais nada, como professores, devemos combater essa idéia de que a linguagem de um é melhor do que a de outros. Há um autor chamado Marcos Bagno, que escreveu um livro intitulado "O preconceito linguístico". É um livro excelente, se tiver oportunidade, deve adquiri-lo. Mas vamos pensar nos pais novamente: se, na sua casa, a criança convive com livros, tem acesso a diferentes gêneros orais e escritos (jornais, revistas, entrevistas....) essa criança terá mais facilidade com a linguagem nos seus diversos gêneros, pois já tem um certo contato com os mesmos. O que não está atrelado à classe social da criança.

Sobre a cultura, já parou para pensar em quanta cultura e história guarda a cidade de Tiradentes? Nossa, eu sou louca para conhecer. É uma cidade histórica e que, com certeza, não só faz parte da cultura brasileira, mais do que isso, essa cidade é cultura. Certamente há muito o que se explorar nessa cidade no âmbito cultural e, caso essas situações não sejam exploradas, caberá aos professores esse incentivo. É preciso depurar nosso conceito de cultura. Vamos pensar na leitura: Quantas escritas não deve haver sobre a cidade de Tiradentes e os acontecimentos que marcam sua história? Quantas peças de teatro isso não pode gerar? Poesias? músicas? entre outros. Se isso ainda não ocorre na cidade, vocês, professores ou futuros professores têm essa missão.

_____, fica o seu exemplo como argumento a favor da minha colocação.

Para retomar o foco de nossas discussões, queria perguntar se entendeu os acertos do trabalho do professor Paulo? O que você sugeriria ao professor Paulo que fizesse em suas aulas?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Sunday, 20 September 2009, 10:44

Olá _____, certamente a conversa informal ajuda o aluno na construção de conhecimento, uma vez que ele se sente à vontade para expor dúvidas e comentários. No caso de Paulo, importante ressaltar os acertos, como você fez, mas não se esquecer de que, para que esse trabalho alcance o objetivo, é preciso um melhor planejamento, que contemple o trabalho com a oralidade e que considere os diversos gêneros existentes (principalmente os mais formais).

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum II



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Sunday, 20 September 2009, 10:46

Oi _____, que bom que estão completando e interagindo com as respostas dos colegas, porém, não se esqueçam de, conjunto a isso, formular em as suas interpretações e questionamentos sobre o trabalho dos professores. É super legal que as participações sejam mesmo pautadas nas reflexões dos colegas. Mas aproveitem para pegar uma das tantas questões que já formulei aqui no fórum para realizarem sua participação de forma mais conteudística. Fórum é local de reflexão mesmo 😊 É excelente que estejam lendo e interagindo com as participações dos colegas. Nosso aprendizado cresce significativamente quando trabalhamos assim.

Sobre a colocação da bagunça, conforme a _____ também citou, precisamos perceber que toda a movimentação nasce do desejo do professor de que sua aula não seja desestimulante para os seus alunos. Já levantamos aqui alguns pontos de acertos do professor Paulo.

Abraços.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Sunday, 20 September 2009, 10:49

Oi _____, está ótima sua participação em relação ao trabalho do professor Wanderson, porém, volto a insistir, temos acertos na prática do professor Paulo que devem ser considerados. Inclusive, quando se fala de uma discussão acalorada, entende-se que, com isso, ele não terá uma turma apática e desinteressada. Dê mais uma olhadinha na parte que trata da aulas do professor Paulo.

Concordo com você sobre 'os Pedro Paulo de nossas vidas.' Sempre temos interessantes (outros nem tanto) casos de nossos professores de infância. Porém, apesar de tudo, tive pouquíssimos professores que se importavam com o trabalho com a oralidade na sala de aula. Em geral, se preocupavam somente com a escrita.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 21 September 2009, 19:51

Olá _____ vejo que na sua participação você comenta sobre as aulas do professor Paulo. No fórum trouxemos reflexões bem interessantes sobre as aulas dele. Dê uma olhada. A participação da nossa amiga Gislene é um ótimo exemplo 😊

Abraços

Pode me procurar se tiver dúvidas, ok?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum avaliativo (valor 5 pontos _ prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 22 September 2009, 10:03

Olá _____, veja que na sua participação você coloca as aulas do professor Paulo como tardionais. Ao pensarmos no ensino tradicional o que temos são aulas que, diferentemente das do professor Paulo, nem sequer consideram o desenvolvimento da oralidade como função da escola. Você está correto ao eleger as aulas do Wanderson como mais planejadas, resultando no alcance dos seus objetivos. Veja porém que o professor Pulo também tem acertos muito bem colocados por alguns alunos aqui no fórum.

Qualquer dúvida, estou a disposição, ok 😊

Abraços

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum II



Fórum avaliativo (valor 5 pontos - prazo máximo para participação 21/09 segunda-feira)
por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 6 October 2009, 22:29

Oi turma, atem-se para as orientações sobre a participação no fórum de discussão na 6ª Semana! Elas são relevantes não somente pela questão da avaliação, mas porque essas orientações são importantes para que possamos ter um aprendizado significativo.

Estarei atenta ao fórum para auxiliá-los. Não se esqueçam de que estou aqui para que possamos construir juntos um conhecimento sólido e evitar que esse caia no esquecimento, ao término da disciplina.

Juliana Barros

Para participar do fórum:

Leia, abaixo, o breve relato sobre a prática pedagógica de dois professores de Língua Portuguesa:

Pedro Paulo e Wanderson lecionam no Ensino Fundamental (6º. ao 9º. ano) e, há muito, estão convencidos da necessidade de dedicar atenção ao ensino da oralidade em suas aulas e em seu planejamento pedagógico.

1. Pedro Paulo, por exemplo, é enfático ao afirmar que, em cada uma de suas aulas, reserva cerca de 20 minutos para incentivar a oralidade entre os seus alunos. Nesses momentos, pede que alguns deles leiam trechos de textos do livro didático, em voz alta, e permanece atento para interferir, sempre que julga necessário corrigir a pronúncia de algumas palavras mais difíceis. Os outros alunos devem estar atentos ao texto lido, pois podem ser solicitados a continuarem a leitura, assim que ele decidir.

Além disso, sempre abre espaço nas aulas, para que os alunos expressem suas opiniões sobre acontecimentos variados e polêmicos (ocorridos na escola, na casa dos alunos, na cidade, etc.), embora, por vezes, sinta-se bastante incomodado com as discussões "acaloradas" surgidas entre os alunos, o que, quase sempre, acaba por prejudicar que cheguem a um consenso ou mesmo que compreendam aspectos importantes do tema abordado. Mas, segundo ele, "*é o preço que se paga, quando não se deseja lecionar para uma classe totalmente apática e desinteressada*".

Outra atividade que Pedro Paulo incentiva são as perguntas e respostas a respeito dos conteúdos que leciona. Ou seja, nas aulas de Pedro, os alunos falam muito, falam sobre qualquer assunto, a qualquer momento, pois o professor acredita que o oral é tão importante quanto o escrito.

2. O professor Wanderson inclui em seu programa de curso o planejamento e a realização de atividades com determinados gêneros orais, de forma que os alunos, estudando-os e praticando-os de maneira sistemática e consciente, possam se sentir capazes de dominá-los, em situações públicas em que a língua oral é exigida. Por exemplo, em suas aulas, ao longo do ano letivo, Wanderson abre espaço para o estudo e a organização de um debate regrado, de um seminário, de apresentações orais individuais de conteúdos estudados na série, previamente preparados, de apresentações orais para alunos de outras séries sobre temas que seus alunos dominem, entre outros gêneros da oralidade.

Wanderson entende que o estudo e a prática sistematizada desses e de outros gêneros orais na sala de aula garantem aos alunos a possibilidade de desenvolverem habilidades linguísticas orais adequadas às diferentes situações de comunicação, que lhes assegurem a plena participação social. Sendo assim, não podem deixar de ser exercitados na escola.

Considerando o que você estudou até aqui, a respeito da importância do ensino da oralidade na escola, compare a abordagem pedagógica de cada professor e responda:

**Qual deles parece entender melhor os objetivos das práticas orais na escola? Por quê?
OBS: Vejam outras questões para o fórum na minha última intervenção. (Juliana)**

[Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum III

 Fórum: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

Nota: -



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 28 September 2009, 19:33

Oi ! , acho que postamos nossas mensagens quase que ao mesmo tempo no fórum.

Turma, queria chamar a atenção para uma palavra trazida pela colega | **MEDIADOR.**

O que podemos dizer sobre essa palavra em relação ao mestre que vimos no filme e o que ele desejava ensinar ao aprendiz?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 29 September 2009, 09:12

Oi ! , que bom que veio participar do nosso fórum. Na última questão, você coloca a atitude do aprendiz como característica do método. **Vejamos que não estamos tratando ainda de métodos e sim de concepções.** Essa diferença ficará muito mais clara quando estudarmos os métodos um a um. Por enquanto, vamos pensar no que seja a concepção. Uma concepção é a idéia que temos sobre algo. Por exemplo, temos uma concepção do que seja um casamento, que deve ser diferente da concepção do que seja um namoro. Isso quer dizer que pensamos algo sobre esses conceitos, temos uma idéia do que sejam. Nesse momento estamos discutindo qual idéia (concepção) de aprendizagem pode ser percebida no vídeo.

Se ainda tiver dúvidas, volte ao fórum 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 29 September 2009, 09:15

Oi **meninas**, que bom que assistiram ao vídeo e gostaram. Vejo que estiveram atentas às questões colocadas. Estão de parabéns nas colocações que fizeram ,principalmente no que se refere à insistência, à prática e aos "erros" por parte do aprendiz. Espero que voltem ao fórum para fazerem novas considerações, principalmente sobre a concepção de aprendizagem, depois que os outros também trouxerem suas contribuições.

Turma, estou aguardando vocês aqui no fórum 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 29 September 2009, 22:12

Oi **meninas**, vejo que estão trazendo a questão inicialmente levantada sobre o papel mediador do mestre e também a persistência do aprendiz.

Agora vamos continuando a pensar no comportamento desse mestre: Ele se ausenta? abandona o aprendiz a sua sorte com seus erros? Como ele procede? Por quê?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 30 September 2009, 11:04

Oi , você tocou em algo super interessante: não pular etapas.

Essa é uma dificuldade encontrada por muitos seja nas escolas ou na vida pessoal também. Um professor tem que sempre estar atento aos seus alunos para que cada etapa seja concluída com êxito, desse modo não haverá problemas no futuro. Também é preciso pensar nessas etapas ao planejar nossas aulas 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Thursday, 1 October 2009, 16:09

Oi **turma**, que bom que cresceram as participações em nosso fórum. Vejo que gostaram do filme e estão tecendo comentários muito interessantes sobre a atitude do mestre e do aprendiz. Percebi que alguns começaram a arriscar um nome para essa concepção de aprendizagem. Muito bem, não há problemas, principalmente porque justificaram tal apontamento, porém, neste momento, podemos continuar refletindo sobre o vídeo considerando cada atitude do mestre e do aprendiz. Vamos pensando no que nos revela cada ato do mestre no que se refere ao que ele concebe como sendo aprendizagem.

Vamos pensar.... Considerando cada atitude do mestre, o que é para esse mestre ensinar? Como esse mestre entende o que seja ensinar? Por quê? Quais atitudes do mestre nos revelam o seu entendimento sobre o que é ensinar?

Uma colega nossa postou o seguinte comentário: " O mestre deixou que o aluno aprendesse, a seu modo e a seu tempo. Podemos perceber que não houve muita mediação do professor na primeira atividade, já no segundo momento sua orientação facilitou mais sua aprendizagem."

Alguém pode expandir mais essa idéia?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum III



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 2 October 2009, 13:19

Oi ! , realmente o mestre ensina com humildade e mostra ao aluno como se faz. Mas ele só mostra? O que mais ele faz para auxiliar esse aluno?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Sunday, 4 October 2009, 15:56

Oi turma, vejo que estão trazendo reflexões interessantes no que tange ao processo de mediação do mestre em relação ao aprendiz e ao conteúdo que esse deseja dominar. Queria aproveitar a oportunidade para compartilhar com vocês algo que percebi, ao assistir ao vídeo mais uma vez.

Podemos perceber, no vídeo, que há um momento específico para o aprendizado da técnica, mesmo que esse momento seja envolvido por todo contexto que também envolve o mestre e o aprendiz, considerando até mesmo o desejo do aprendiz de executar o trabalho com o barro. Foi necessário um momento para o aprendizado da técnica e, posteriormente, o aprendiz foi capaz, através do uso dessa técnica, alcançar a "mágica" do trabalho realizado pelo mestre. Mas vejamos, essa técnica foi aprendida através da prática.

Pensando nessa relação, vejo que muito se aproxima do que estudamos em relação à alfabetização e ao letramento. **Concordam?**

Não podemos nos esquecer, porém, de que a técnica, para que faça sentido para o aprendiz, precisa ter um objetivo claro. Isso só é possível se essa técnica (no caso da alfabetização) for ensinada juntamente com o "letramento". Ou seja, a prática se dá já com o direcionamento para as práticas sociais que envolverão essa técnica.

O que acham?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Sunday, 4 October 2009, 15:59

Oi adorei sua colocação do mestre como alguém que é admirado pelo aluno e representa algo que o aluno deseja alcançar. Essa sua visão, por vezes, pode nos levar a pensar em um mestre que esteja em um patamar muito elevado em relação ao aluno, isso poderia deixar o aluno até mesmo frustrado ou receoso desse mestre. Mas o mais legal para pensarmos sobre o nosso vídeo é que o mestre pode, sim, representar tudo isso para o aluno, mas o mestre se coloca dessa forma para o aluno? Ele é um ser superdotado de sabedoria que quer manter-se intocável e inatingível?

Sua colocação sobre os gestos também está ótima. Nossos gestos/attitudes sempre dizem muito àqueles que nos tomam como referência.

Turma, há tantos gestos nesse filme. Alguém poderia comentar um gesto específico do mestre que se relacione à nossa reflexão no fórum?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Sunday, 4 October 2009, 22:11

Oi meninas, que bom que compreenderam bem a metáfora 😊 E mais, foram além, complementando-a. O aprendiz já convivia com a mágica e isso despertou nele o interesse. Daí ele querer aprender, buscar, desejar e alcançar.

Como muitas colocaram, a ansiedade as vezes nos atrapalha em nossos planos mas persistir e ter alguém que nos auxilei nesse processo nos leva ao êxito.

Podemos concluir que o mestre (no filme) alfabetiza o aprendiz sem deixar de letra-lo. É um mestre presente e sempre incentiva o aprendiz.

Vocês perceberam aquele momento em que ele coloca as mãos do aprendiz nas dele????? O que podemos dizer sobre esse ato? Se pensarmos na metáfora em discussão, no que o mestre se centra nesse momento?

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 6 October 2009, 22:48

Oi turma, vejo que muitos vieram participar agora no último dia. Sem problemas 😊 Mas vamos tentar acompanhar a discussão durante a semana, dessa forma podemos trocar com os colegas e aprender ainda mais.

Como hoje é até zero hora, amanhã passo para fazer nossa síntese das discussões. O outro fórum já está aberto.

Abraços.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum III



Fórum sobre o vídeo (Avaliativo disponível até 05 de outubro) Valor: 5 pontos
por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 9 August 2010, 20:46

Olá turma, este é nosso espaço de reflexão sobre o vídeo.

Para participar no nosso fórum, temos 2 pontos fundamentais a considerar:

1. As orientações

Participação: a frequência deve ser de duas vezes, no mínimo, não sendo essas em um mesmo dia; ou seja, você deve voltar ao fórum quando a discussão estiver em outro ponto.

Interação com o grupo: vocês podem/devem relacionar os seus comentários com os de seus colegas, discutir as respostas dos outros participantes, interagir com a tutora e com o grupo.

Conteúdo das mensagens: procurem postar mensagens objetivas, claras e substanciais (ainda que vocês possam expressar dúvidas em relação ao tema em discussão). As respostas do tipo *adorei ao vídeo*, ou ainda, *o vídeo é lindo*, deverão vir acompanhadas de um reflexão para que sejam consideradas.

Nossas primeiras questões:

1. Qual foi o papel do mestre no processo de ensino-aprendizagem apresentado no vídeo? Como ele ensinou? Por quê?
2. Qual foi o papel do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem descrito? Como ele aprendeu? Por quê?
3. Que concepção (ou idéia) de aprendizagem você identificou na história apresentada no vídeo?

Aguardo vocês!!

[Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum IV

Fórum: Fórum de discussão sobre o texto da semana



Re: Fórum de discussão sobre o texto da semana

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 9 October 2009, 08:49

Olá concordo com você quando diz que a alfabetização não é intacta (acredito que esteja se referindo a história da mesma) porém, muito mais do que se transformar devido às necessidades do processo de ensino aprendizagem, essa se transformou ancorada nas modificações existentes na sociedade.

Tratam-se de questões sociais, políticas e econômicas. Conforme o texto nos coloca, desde o Brasil colônia, época dos jesuítas, iniciou-se a questão do ensino no Brasil. Esse ensino foi sofrendo/mudando/crescendo/progredindo em uma direção satisfatória ou não, sempre de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade como um todo. Passamos pela questão de uma educação pertencente as elites da época, posteriormente, o positivismo com ideário da educação em massa (encontra-se aqui a concepção mecanicista de ensino) e, posteriormente, como veremos mais a frente na disciplina, outras mudanças acarretaram novas concepções de ensino.

Gostaria de fazer uma pergunta, não compreendi a relação que fez do positivismo com o mecanicismo? Você poderia explicar melhor? Se tiver dúvidas, pode me procurar.

Abraços

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão sobre o texto da semana

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 9 October 2009, 09:07

Olá meninas, , e l . Que bom que leram o texto e estão aqui para podermos comentá-lo e aprofundarmos mais a nossa leitura através das reflexões.

Conforme o texto nos coloca, a alfabetização vai acompanhando as movimentações ocorridas na sociedade. Dessa forma, o processo de ensino aprendizagem acaba vivenciando essas transformações/movimentações com resultados as vezes mais satisfatórios outras vezes nem tanto. Entretanto, será relevante, na nossa caminhada acadêmica, sermos capazes de fazer uma leitura crítica de todas essas fases pelas quais a alfabetização (o processo de ensino aprendizagem) passou. **O que seria uma leitura crítica dessas fases? Temos que estar atentos para que durante a nossa leitura a cada nova fase que nos é apresentada, sejamos críticos no sentido de compreendê-las como pertencentes ao seu momento na história e, principalmente, sermos capazes de identificar em cada uma delas o que há de positivo e o que há de negativo.** Como muito bem colocou a Kerley, uma nova concepção surge quando a presente não mais atende as necessidades do mundo que a rodeia. Acrescento, somente, que cada nova concepção que se instaura, se apóia na anteriormente em vigor, seja para ir contra essa ou para aprimorá-la/desenvolvê-la. Importante é percebermos que ciência(teoria) se constrói sempre a partir de algo que veio antes. Dessa forma, mesmo não concordando com as teorias que estudaremos, sempre teremos com as mesmas o respeito e o valor devido.

Turma, ficou claro essa questão sobre as concepções e como essas se formam?

Gostaria que os próximos a entrarem no fórum trouxessem para nós uma reflexão sobre o Positivismo?

Aguardo vocês.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Fórum de discussão sobre o texto da semana

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 9 October 2009, 09:08

Olá turma, no nosso texto da semana temos uma definição do que seja concepção (o que nos ajuda a sistematizar as idéias discutidas no fórum do vídeo). Temos também um breve histórico sobre a educação. Seguido a isso, temos uma discussão sobre o positivismo e a concepção mecanicista de ensino.

Vamos iniciar nosso fórum pensando nessa relação?

O que podemos dizer sobre a forma como tem sido tratada historicamente a alfabetização no Brasil? Além disso, que relação podemos fazer entre o positivismo e a concepção mecanicista de ensino? Sugiro que não façam cópias do texto, tentem explicar com as palavras de vocês essa relação.

Atenção: Leiam minhas últimas postagens no fórum 😊

[Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum IV



Re: Fórum de discussão sobre o texto da semana
por Juliana de Carvalho Barros - Sunday, 11 October 2009, 22:54

Turma, preciso urgentemente da atenção de vocês para tratarmos da questão do positivismo. Estão ocorrendo alguns equívocos em relação à compreensão do que seja uma concepção positivista. Vamos refletir:

Vou buscar trechos dos nossos textos para nos auxiliarem e para guiarem a leitura ou releitura, se necessário:

Trechos do texto: Concepções de alfabetização:

"A partir da segunda metade do século XIX, os intelectuais brasileiros receberam forte influência das idéias dos chamados pensadores positivistas franceses, como Augusto Comte. Foi uma época de grande movimentação política e cultural no país. A República Federativa do Brasil nasceu, assim, sob o lema positivista da "ordem e do progresso" e esse período de efervescência social exigiu um novo modelo de educação: a educação de massa, incluindo o maior número possível de pessoas. Para o Positivismo, a educação era considerada como condição de evolução e garantia de liberdade do homem." (p. 2)

Primeira informação que temos sobre o positivismo: buscava-se uma educação de massa, ou seja, levar a educação ao maior número de pessoas possível. Vejamos, turma, buscar uma educação de massa não significa garantir aos cidadãos direitos e melhoria de vida. Ao tratar de uma educação de massa, o positivismo está preocupado com números, quer alcançar tal educação através de um método único, que resolva o problema da educação em todo e qualquer lugar. Realmente, o positivismo considera a educação como garantia de liberdade, mas o que precisamos descobrir é de que tipo de educação estamos falando.

Mais um trecho do texto:

"Ao final do século XIX, a alfabetização passou a ser concebida como uma questão de método e foram travadas muitas discussões político-pedagógicas a respeito do ensino da Língua Portuguesa, todas convergindo para um mesmo ponto: a busca pelo melhor método, o mais científico e positivo, considerado a base de uma alfabetização cientificamente fundamentada."

No positivismo, busca-se um método ideal que possa dar conta de alfabetizar a todos, de forma rápida e eficiente. Um método totalmente científico, ou seja, desconsiderando o lado humanista da sociedade. Espera-se que um único método (cientificamente comprovado) seja capaz de resolver as questões educacionais.

Mais texto:

"Nessa época, a alfabetização tinha como princípio a soletração, seguida da silabação, organizada em função de dificuldades ortográficas crescentes, respeitando uma progressão que ia da letra ao texto. Havia discussões acaloradas a respeito de diversos métodos "considerados melhores", mas, ao final da segunda década do século XX, a maior parte dos professores ainda alfabetizava pela soletração."

Um método, conforme os moldes positivistas, só poderia ser possível de forma mecânica. Usava-se a soletração e acreditava-se que com ela todos seriam alfabetizados de forma igualitária.

Todo esse pensamento positivista gerou situações de que, acredito, nos recordamos bem, como: salas exclusivas para os repetentes (pois, quem não aprendia por aquele método considerado ideal, tinha problemas e atrapalhava os demais); professores autoritários que desconsideravam a realidade de cada aluno/região (os alunos, ao entrarem nas escolas, eram considerados como "folhas em branco" a serem preenchidas, uma vez que o método era único para todos); cópias incontáveis de palavras/frases/textos (trabalho mecânico e exaustivo); pouquíssimas reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem (já que o que resolveria seria um único método)...

Como resultado....

Outra parte importante do texto:

"O certo é que o Positivismo não conseguiu a universalização da alfabetização, reduziu os debates sobre a alfabetização à questão dos métodos e não promoveu a ampliação dos níveis de alfabetização. Em 1920, de acordo com dados oficiais, 65% da população brasileira eram analfabetos." (p. 3)

Como podemos perceber, o positivismo não resolve o problema da educação; além disso, faz com que diminuam significamente o debate e as reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem.

No Brasil, o positivismo vai resultar na concepção mecanicista de ensino. Concepção essa pautada na decoreba, cópias e mais cópias, tratando o aluno como mais um número entre tantos que precisam alcançar (a qualquer custo) o nível desejado. Vejamos que, nessa concepção, o professor é o centro de tudo, uma vez que ele domina o método que levará a educação a todos.

Vejamos mais uma vez:

"O positivismo admite apenas o que é real, verdadeiro, inquestionável, aquilo que se fundamenta na experiência"

O que esse trecho nos traz é que somente o cientificamente comprovado é aceitável. Tomando-se, assim, inquestionável. Como ficam os alunos nessa situação? E a aprendizagem? Será que todas as situações enfrentadas em sala de aula podem ser unificadas, de modo que um único método possa dar conta da educação? Se se admite apenas o real (comprovado), como ficam as discussões sobre tudo que o aluno já traz consigo ao ingressar nas escolas?

Turma, precisamos repensar nossas colocações sobre o positivismo. Espero que esse resumo possa ajudar. Estou à disposição para esclarecer todas as dúvidas. Mas, lembrem-se, precisamos ler atentamente os nossos textos para que não façamos confusões em relação aos conteúdos.

Aguardo vocês!!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão sobre o texto da semana
por Juliana de Carvalho Barros - Saturday, 17 October 2009, 07:56

Olá turma, vejo que estão compreendendo melhor a questão do mecanicismo. Porém, não nos esqueçamos do que eu coloquei sobre como se faz ciência: sempre a partir da teoria anterior.

Como algumas de vocês colocaram, o positivismo buscava uma educação em massa, que não permitia reflexões e discussões sobre individualidades, uma vez que era preciso chegar a um número satisfatório no final. Acreditava-se que todos aprendiam da mesma forma e a partir do mesmo molde. Sendo assim, era fornecido ao professor um manual de como fazer (na idéia de uma receita) e os alunos que não conseguissem se adaptar a esse modelo seriam considerados problemáticos. O problema era sempre do aluno, nunca do sistema. Isso ocasionou, acredito que nos lembramos bem, aquelas turmas de repetentes de alunos que nada sabiam.

Vamos continuar essas reflexões no fórum da semana 10. Estou aguardando vocês lá 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum IV



Re: Fórum de discussão sobre o texto da semana

por Juliana de Carvalho Barros - Saturday, 17 October 2009, 07:57

Olá, agora está certamente no caminho certo. Como coloquei em nosso fórum, o positivismo prevê um ensino em massa que dê conta de alfabetizar o maior número de pessoas possíveis. Como uma produção em massa de qualquer coisa (produtos, por exemplo), essa forma de ensino (em massa) também vai prever processos mecânicos e repetitivos que possam gerar os resultados esperados no tempo estimado. Reflexões e/ou considerações sobre individualidades não fazem parte desse processo. Quando você diz que mecanicismo e positivismo não se perpetuaram devido a sua não flexibilidade (acredito que tenha sido isso que quis dizer) você não pode se esquecer da reflexão que fiz nesse fórum sobre como as ciências (teorias) se constroem. Hoje, em nossas salas de aula, ainda temos muitos resíduos do que foi a concepção mecanicista e do positivismo. Além de traços que ficaram que não são desejáveis, há também muita coisa que se aprendeu com tais concepções. Na próxima semana (essa agora), estamos começando a nos aprofundar no mecanicismo. Veremos, juntos, que havia nessa concepção muitos problemas, porém algumas coisas podem/devem ser aproveitadas.

Abraços

Fico feliz que tenha compreendido 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum de discussão sobre o texto da semana

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 19 October 2009, 07:10

Olá turma, estou passando para **encerrar esse fórum**. As discussões devem continuar no fórum da próxima semana.

Este fórum foi aberto para discutirmos o texto da semana, no qual tivemos acesso a um pouco da **história da alfabetização no Brasil** e também um primeiro contato com a **concepção mecanicista de ensino**. Começamos então, a partir desse texto, a discutir as concepções de aprendizagem.

A história da alfabetização no Brasil começa logo na época do Brasil colônia, sendo essa história marcada pelos principais momentos vividos na história da sociedade. Primeiramente temos a atuação dos jesuítas, segundo os quais a catequese é o principal motivo do processo de alfabetização. Inicialmente contemplava os filhos dos índios, mas, posteriormente, acabou por determinar à educação popular um lugar menos privilegiado, uma vez que voltou-se para a educação da elite. Posteriormente, com a expulsão dos jesuítas do Brasil, a educação passa a ser de responsabilidade do Estado. Nesse momento, a influência positivista alcança a educação, tendo o mecanicismo como sua representação prática. Após a 1ª Guerra Mundial, temos o movimento da Nova Escola, o qual valorizava o aspecto político da educação, colocando-a como questão social, dessa forma não deveria ser privilégio da classe dominante. Com a chegada da ditadura no Brasil (1937), a educação passa a contar com os métodos de medição da maturidade individual, de modo que os métodos utilizados contassem com a homogeneidade das turmas. Finalmente, com a criação da ONU, em 1945, no contexto da democracia a educação passa a ser tida como um direito de todos e abre-se espaço para as reflexões sobre as concepções de aprendizagem.

Pensando no caminho percorrido até o momento, na semana anterior, assistimos ao vídeo "Aprender aprender" e discutimos qual a concepção de aprendizagem expressa no mesmo. Nesse momento, não nomeamos essa concepção. A idéia era que tivéssemos claro o que seria uma concepção.

A partir desta semana, neste fórum, começamos a discutir o positivismo e a concepção mecanicista de ensino. O positivismo, conforme visto no nosso texto, admite apenas o que é real e verdadeiro, ou seja, o que pode ser cientificamente comprovado. Afastando-se das ciências humanas, o positivismo visa a uma educação em massa, que só pode ser obtida através da aplicação de um único método, que seja capaz de promover o aprendizado de todos, partindo de uma mesma fórmula. Individualidades não são consideradas nesse contexto.

Que relação podemos fazer entre o positivismo e o mecanicismo?

O mecanicismo surge como uma concepção de aprendizagem totalmente influenciada pelos pressupostos positivistas. Busca-se, no mecanicismo, através de uma forma única, o aprendizado das crianças de modo que todos deveriam aprender partindo de um mesmo ponto, seguindo um mesmo caminho e alcançando um objetivo indêntico. Caso o aluno não conseguisse realizar esse trajeto de forma satisfatória, ele era tido com um aluno teimoso (no sentido de que é resistente ao aprendizado), sendo assim, esse aluno deveria ser submetido, mais uma vez, ao processo, até que conseguisse realizá-lo, alcançando os objetivos.

Ao continuarmos a análise das concepções de aprendizagem, vamos automaticamente construindo aos poucos a história da alfabetização no Brasil. Vamos sempre nos ater ao fato de que essa sempre acompanha os movimentos existentes na sociedade brasileira.

Aguardo vocês no próximo fórum!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum V

 Fórum: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 13 October 2009, 13:47

Olá ! Olá turma!! Nossa semana já se iniciou, estou aguardando vocês aqui no nosso fórum 😊

Como a Bruna colocou, nosso texto se trata de uma receita por apresentar algumas características que ela mesmo ressaltou muito bem. Importante salientar, que essa receita trata-se de um texto criado para nos ajudar na construção do nosso saber acerca do seja a concepção mecanicista. Como a Bruna falou, a princípio até parece um grande exagero, mas ao compreendermos bem a concepção veremos que as coisas procedem. Porém, como falei no fórum anterior, é nossa função mergulhar na leituras dos textos de forma crítica sabendo extrair deles as informações relevantes e nos posicionando perante o mesmo. Não podemos nos esquecer do espaço que as teorias ocupam na história da sociedade.

Vamos olhar o mecanicismo com uma visão de graduandos que somos e que buscamos muito mais, **muito mais mesmo**, do que levantar críticas ou menosprezar algo. Queremos, acima de tudo, aprender com os materias que nos estão sendo disponibilizados e compartilhar esse aprendizado. Portanto, vamos seguir nossa reflexão trazendo reflexões sobre o mecanicismo mas sempre atrelando a essas algum comentário que nos ajude a compreendê-la de forma a extrair conhecimentos teóricos e práticos para nossa sala de aula.

A já comentou sobre características mecanicistas em sua alfabetização. Estejam a vontade para comentar, mas não se esqueçam de atrelar seus comentários as teorias que estamos discutindo.

Continuo aguardando vocês!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 16 October 2009, 15:52

Olá turma, estou muito satisfeita com as colocações que já se encontram no nosso fórum. Meu único comentário é que podemos buscar interagir mais com as respostas dos colegas, mas, de qualquer forma, as participações até o momento estão trazendo contribuições interessantes.

Queria retomar as palavras da : **"Eta receita! Ainda bem que isso tudo não nos pertence mais!"** Pois é, pena que não é bem assim! A Andrea coloca muito bem a questão do mecanicismo, mas ele ainda persiste entre nós. Hoje, em nossas salas de aula, ainda temos muito de herança positivista/mechanicista. A nossa colega coloca a ordem das carteiras e a posição do professor na sala como herança dessa concepção. Ainda temos outros aspectos em nossas aulas que recordam o mecanicismo, tais como o uso excessivo de cópias, ditados, sem nos esquecermos da voz principal e, muitas vezes, única do professor na sala de aula. O ensino através de cartilhas pautadas no mecanicismo também ainda persiste. Porém, não podemos nos esquecer de que também nessa concepção **há pontos positivos** que precisamos discutir. Podemos dizer que haverá momentos em que a cópia será necessária, assim como o ditado também pode ser bem utilizado. O que não podemos é realizar esses trabalhos de forma mecânica, sem considerarmos o contexto em que os alunos estão inserido.

Outro importante dado está na participação da . **Vejamos que o mecanicismo não é um método e sim uma concepção.** A já nos adianta algumas reflexões sobre os métodos (que teremos mais a frente) , porém , os métodos não são concepções. São coisas diferentes. Podemos, por exemplo, trabalhar o método silábico em uma concepção mecanicista ou não. Precisamos deixar isso claro para compreendermos os próximos passos da disciplina.

Turma, vejo que muitas já comentam no fórum que vivenciaram a concepção mecanicista de ensino em seu processo de alfabetização. Podem aproveitar esse espaço para trazer também esses comentários, sempre relacionando-os com o texto que estamos discutindo.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 16 October 2009, 16:29

Olá turma, também quero cumprimentá-los pelo dia do professor! Que sejamos sempre orgulhosos de nosso trabalho. E acima de tudo, busquemos sempre fazer o melhor na certeza de que alcançaremos bons resultados.

Como a retoma na sua participação, eu coloquei que haverá pontos positivos que serão aproveitados dessa concepção mecanicista. Porém, não se preocupem em indentificá-los nesse momentos. Teremos ainda um espaço para a discussão da prática (com exemplos) no qual poderemos perceber e discutir isso de forma mais clara. Por enquanto, precisamos compreender a teoria mecanicista e quais os seus pressupostos básicos. Sempre com um olhar de um estudioso que possui um embasamento teórico (adquirido pelos textos disponibilizados) para realizarmos nossas participações. Nunca deixando-nos levar pelo achismo.

To aguardando vocês amanhã na oficina 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum V



Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 19 October 2009, 20:06

TURMA!! Esse fórum foi transferido para a semana 11. A receita continua disponível para nossas reflexões sobre a Concepção Mecanicista. Porém, nesta semana, vamos direcionar nossas reflexões para os métodos analíticos e sintéticos.

Para começar nossa reflexão, expliquem com suas palavras a diferença entre esses métodos.

RECEITA DE ALFABETIZAÇÃO

Ingredientes

- 1 criança
- 1 uniforme escolar
- 1 sala de aula decorada
- 1 cartilha

Preparo

1. Pegue a criança de 6 anos, limpe bem, lave e enxágue com cuidado. Enfie a criança dentro do uniforme e coloque-a sentadinha na sala de aula (decorada com motivos infantis). Nas oito primeiras semanas, sirva como alimentação exercícios de prontidão. Na nona semana, ponha a cartilha nas mãos da criança.
2. Atenção: tome cuidado para que ela não se contamine com o contato de livros, jornais, revistas e outros materiais impressos.
3. Abra bem a boca da criança e faça com que ela engula as vogais. Depois de digeridas as vogais, mande-a mastigar uma a uma as palavras da cartilha. Cada palavra deve ser mastigada no mínimo sessenta vezes. Se houver dificuldade para engolir, separe as palavras em pedacinhos.
4. Mantenha a criança em banho-maria durante quatro meses, fazendo exercícios de cópia. Em seguida, faça com que a criança engula algumas frases inteiras. Mexa com cuidado para não embolar.
5. Ao fim do oitavo mês, espete, ou melhor, aplique uma prova de leitura e verifique se ela devolve pelo menos 70% das palavras e frases engolidas.
6. Se isso acontecer. Considere a criança alfabetizada. Enrole-a num bonito papel de presente e despache-a para a série seguinte.
7. Se isso não acontecer. Se a criança não devolver o que lhe foi dado para engolir, recomece a receita desde o início, isto é, volte aos exercícios de prontidão. Repita a receita quantas vezes isso for necessário. Se não der resultado, ao fim de três anos, enrole a criança em papel pardo e coloque um rótulo: "aluno renitente".

(Adaptado de CARVALHO, Marlene. Alfabetização sem receita e receita de alfabetização. In: *Carpe diem*. BH: Centro de Aperfeiçoamento de Professores da Educação. Ano IV, jan./fev. 1994)

[Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 21 October 2009, 09:11

Oi _____, que bom que trouxe a discussão das abordagens para o nosso fórum. Sua colocação está correta, e ainda concordo com você quando se pergunta se partir da letra e ou não mais simples para as crianças. A idéia da abordagem não é passar do simples ao complexo, mas exatamente o que você colocou: primeiro as letras, depois as sílabas, as palavras, frase e textos (sintética) e palavras-chave ou frases, depois a decomposição destas em sílabas, que formarão novas palavras (analítica).

Turma, não quero esgotar esse assunto. **Aguardo vocês com novas colocações sobre as abordagens analíticas e sintéticas.**

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 21 October 2009, 09:15

Oi _____, aguardei a nossa oficina para responder à sua colocação. Como coloquei lá no nosso encontro, teremos, sim, pontos positivos no que se refere a um trabalho mais mecânico, porém, precisamos nos atentar para o fato de que esses pontos se referem principalmente à herança deixada pela concepção mecanicista no que se refere à postulação de exercícios pautados em cópias e outros trabalhos mais voltados para a técnica. O que precisamos perceber é que caberá ao professor, dentro do seu planejamento, que não deve partir de uma visão mecânica de ensino, verificar em quais momentos pode ser útil utilizar alguns exercícios pautados em um trabalho mais mecânico. Por exemplo, ao trabalhar com seus alunos, o professor pode perceber que eles apresentam uma certa dificuldade na grafia de alguma letra (isso é só um exemplo, ok?); então ele poderá fazer o uso de exercícios herdados do mecanicismo que poderão auxiliar os alunos. Compreendeu essa questão? Volte ao fórum para continuarmos essa reflexão.

Sobre o fato de que você teve (como muitos de nós tivemos) uma alfabetização carregada de concepção mecanicista e, mesmo assim, tínhamos interesse pelos estudos, precisamos voltar àquela questão de que as concepções estão relacionadas ao momento histórico a que pertenceram. Além do relevante fato de que o contexto em que estávamos inseridas era muito diferente daquele em que estão hoje inseridos os nossos alunos. Certamente, as ansiedades deles são bem diferentes das nossas.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Thursday, 22 October 2009, 23:54

Olá turma! Oi Kerley! Sobre os métodos precisamos compreender que mesmo que ao realizar o seu trabalho em sala de aula o professor considere justo mesclar esses métodos ou até mesmo "fundir-los", é preciso termos claro que em suas bases teóricas (meanicistas, como você bem colocou) eles apresentam proposta diferentes de trabalho. Vale sempre ressaltar que não existe um único método super eficiente para dar conta do processo de alfabetização. Caberá ao professor um posicionamento crítico frente a escolha de que método (s) utilizar considerando o contexto em que está inserido e sempre buscando sanar de alguma forma as debilidades que cada método possa apresentar.

Sobre o exemplo da cartilha que utilizou, provavelmente pertencia ao método sintético silábico. No caso do seu filho, acho sim que seja uma boa idéia conversar sobre a história após a leitura. Isso pode aguçar mais a curiosidade dele e permite também verificar se ele compreendeu o que leu.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 23 October 2009, 00:06

Olá turma! Olá _____! Vejo que nas suas palavras você desenvolve muito bem a questão do mecanicismo. O trecho que retirou da receita é capaz de expressar muito bem o aspecto receptivo/passivo do aluno nessa concepção. Pensando em outros trechos interessantes da receita, vou citar um que exprime o que a _____ coloca sobre impedir o aluno de ter acesso a outros materiais que poderiam confundir-lo: "Pegue a criança de 6 anos, limpe bem, lave e enxágue com cuidado.(...) Atenção: tome cuidado para que ela não se contamine com o contato de livros, jornais, revistas e outros materiais impressos".

Veja que o aluno além de ser um passivo receptor de conhecimentos deveria manter-se "puro" para que não houvesse falhas nesse recebimento.

Outro ponto hiper relevante que você destaca é a relação da herança positiva deixada pelo mecanicismo e as especificidades proposta por Magda Soares. Certamente ao reiventarmos a alfabetização (nas palavras da autora) precisaremos retomar alguns pontos deixados pelo mecanicismo. Mas precisamos estar atentos para não acharmos que utilizar um método de alfabetização é retomar uma concepção mecanicista de aprendizagem. Devemos utilizar os métodos como apoio ao ensino da técnica pertencente ao processo de alfabetização. O que não significa que estamos considerando o nosso aluno um receptor passivo de um conhecimento já acabado.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum V



Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 19 October 2009, 20:06

TURMA!! Esse fórum foi transferido para a semana 11. A receita continua disponível para nossas reflexões sobre a Concepção Mecanicista. Porém, nesta semana, vamos direcionar nossas reflexões para os métodos analíticos e sintéticos.
Para começar nossa reflexão, expliquem com suas palavras a diferença entre esses métodos.

RECEITA DE ALFABETIZAÇÃO

Ingredientes

- 1 criança
- 1 uniforme escolar
- 1 sala de aula decorada
- 1 cartilha

Preparo

1. Pegue a criança de 6 anos, limpe bem, lave e enxágue com cuidado. Enfie a criança dentro do uniforme e coloque-a sentadinha na sala de aula (decorada com motivos infantis). Nas oito primeiras semanas, sirva como alimentação exercícios de prontidão. Na nona semana, ponha a cartilha nas mãos da criança.
2. Atenção: tome cuidado para que ela não se contamine com o contato de livros, jornais, revistas e outros materiais impressos.
3. Abra bem a boca da criança e faça com que ela engula as vogais. Depois de digeridas as vogais, mande-a mastigar uma a uma as palavras da cartilha. Cada palavra deve ser mastigada no mínimo sessenta vezes. Se houver dificuldade para engolir, separe as palavras em pedacinhos.
4. Mantenha a criança em banho-maria durante quatro meses, fazendo exercícios de cópia. Em seguida, faça com que a criança engula algumas frases inteiras. Mexa com cuidado para não embolar.
5. Ao fim do oitavo mês, espete, ou melhor, aplique uma prova de leitura e verifique se ela devolve pelo menos 70% das palavras e frases engolidas.
6. Se isso acontecer: Considere a criança alfabetizada. Enrole-a num bonito papel de presente e despache-a para a série seguinte.
7. Se isso não acontecer: Se a criança não devolver o que lhe foi dado para engolir, recomece a receita desde o início, isto é, volte aos exercícios de prontidão. Repita a receita quantas vezes isso for necessário. Se não der resultado, ao fim de três anos, enrole a criança em papel pardo e coloque um rótulo: "aluno renitente".

(Adaptado de CARVALHO, Marlene. Alfabetização sem receita e receita de alfabetização. In: *Carpe diem*. BH: Centro de Aperfeiçoamento de Professores da Educação. Ano IV, jan./fev. 1994)

[Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 21 October 2009, 09:11

Oi , que bom que trouxe a discussão das abordagens para o nosso fórum. Sua colocação está correta, e ainda concordo com você quando se pergunta se partir da letra e ou não mais simples para as crianças. A idéia da abordagem não é passar do simples ao complexo, mas exatamente o que você colocou: primeiro as letras, depois as sílabas, as palavras, frase e textos (sintética) e palavras-chave ou frases, depois a decomposição destas em sílabas, que formarão novas palavras (analítica).

Turma, não quero esgotar esse assunto. **Aguardo vocês com novas colocações sobre as abordagens analíticas e sintéticas.**

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)
por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 21 October 2009, 09:15

Oi , aguardei a nossa oficina para responder à sua colocação. Como coloquei lá no nosso encontro, teremos, sim, pontos positivos no que se refere a um trabalho mais mecânico, porém, precisamos nos atentar para o fato de que esses pontos se referem principalmente à herança deixada pela concepção mecanicista no que se refere à postulação de exercícios pautados em cópias e outros trabalhos mais voltados para a técnica. O que precisamos perceber é que caberá ao professor, dentro do seu planejamento, que não deve partir de uma visão mecânica de ensino, verificar em quais momentos pode ser útil utilizar alguns exercícios pautados em um trabalho mais mecânico. Por exemplo, ao trabalhar com seus alunos, o professor pode perceber que eles apresentam uma certa dificuldade na grafia de alguma letra (isso é só um exemplo, ok?); então ele poderá fazer o uso de exercícios herdados do mecanicismo que poderão auxiliar os alunos. Compreendeu essa questão? Volte ao fórum para continuarmos essa reflexão.

Sobre o fato de que você teve (como muitos de nós tivemos) uma alfabetização carregada de concepção mecanicista e, mesmo assim, tínhamos interesse pelos estudos, precisamos voltar àquela questão de que as concepções estão relacionadas ao momento histórico a que pertenceram. Além do relevante fato de que o contexto em que estávamos inseridas era muito diferente daquele em que estão hoje inseridos os nossos alunos. Certamente, as ansiedades deles são bem diferentes das nossas.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum V



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por Juliana de Carvalho Barros - Thursday, 22 October 2009, 23:54

Olá turma! Oi ! Sobre os métodos precisamos compreender que mesmo que ao realizar o seu trabalho em sala de aula o professor considere justo mesclar esses métodos ou até mesmo "fundi-los", é preciso termos claro que em suas bases teóricas (mecanicistas, como você bem colocou) eles apresentam proposta diferentes de trabalho. Vale sempre ressaltar que não existe um único método super eficiente para dar conta do processo de alfabetização. Caberá ao professor um posicionamento crítico frente a escolha de que método (s) utilizar considerando o contexto em que está inserido e sempre buscando sanar de alguma forma as debilidades que cada método possa apresentar.

Sobre o exemplo da cartilha que utilizou, provavelmente pertencia ao método sintético silábico. No caso do seu filho, acho sim que seja uma boa idéia conversar sobre a história após a leitura. Isso pode aguçar mais a curiosidade dele e permite também verificar se ele compreendeu o que leu.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 23 October 2009, 00:06

Olá turma! Olá ! Vejo que nas suas palavras você desenvolve muito bem a questão do mecanicismo. O trecho que retirei da receita é capaz de expressar muito bem o aspecto receptivo/passivo do aluno nessa concepção. Pensando em outros trechos interessantes da receita, vou citar um que exprime o que a l coloca sobre impedir o aluno de ter acesso a outros materiais que poderiam confundir-lo: "*Pegue a criança de 6 anos, limpe bem, lave e enxágue com cuidado (...)* *Atenção: tome cuidado para que ela não se contamine com o contato de livros, jornais, revistas e outros materiais impressos.*"

Veja que o aluno além de ser um passivo receptor de conhecimentos deveria manter-se "puro" para que não houvesse falhas nesse recebimento.

Outro ponto hiper relevante que você destaca é a relação da herança positiva deixada pelo mecanicismo e as especificidades proposta por Magda Soares. Certamente ao reiventarmos a afabetização (nas palavras da autora) precisaremos retomar alguns pontos deixados pelo mecanicismo. Mas precisamos estar atentos para não acharmos que utilizar um método de alfabetização é retomar uma concepção mecanicista de aprendizagem. Devemos utilizar os métodos como apoio ao ensino da técnica pertencente ao processo de alfabetização. O que não significa que estamos considerando o nosso aluno um receptor passivo de um conhecimento já acabado.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 23 October 2009, 00:11

Olá turma! Olá , pensando na sua questão sobre o porque os métodos receberam tantas críticas ao longo da nossa história, precisamos retomar que mais do que priorizar as escrita em detrimento da leitura, temos o contexto em que tivemos o advento dos métodos de alfabetização. Conforme verificamos em nosso texto teórico a concepção mecanicista visava a busca de um método ideal para se realizar de forma eficaz a alfabetização das crianças. Foi nesse contexto, de um pensamento de cunho mecanicista, que surgem os métodos de alfabetização que apresentam em sua constituição os traços básicos dessa concepção de aprendizagem. Portanto, não podemos dizer que tais métodos não consideravam a leitura, a questão se encontra no foco dado a técnica tanto na escrita quanto na leitura. Não se pensava portanto em textos do cotidiano dos alunos, ou até mesmo textos que lhes seriam útil em algum outro momento da vida. Ler era uma simples decodificação. Aprendido a decodificar se lia todo e qualquer texto. Sendo assim, o texto escolhido deveria servir ao propósito decodificativo do momento da aprendizagem. Com isso temos aqueles textos lotadas de palavras com a mesma letra ou sílaba (típicos da gramática).

Atente-se porém que os métodos são uma herança do mecanicismo a qual não podemos ignorar. Para que a alfabetização se realize de forma satisfatória não podemos nos esquecer das questões técnicas que envolvem a mesma. Lembra-se do que a autora Magda Soares nos coloca sobre as especificidades da alfabetização? Os métodos serão muito necessários nesse momento, quando pensamos na relevância que existe no aprendizado da técnica. Porém, caberá ao professor um conhecimento teórico de cada método de modo que ele possa ter uma visão crítica sobre esses e lhes aplicar conforme as necessidades de sua turma (que serão sempre variadas, dependendo do contexto). O que não podemos é desprezar os métodos, ou ainda, acreditar que um único método resolver todas as questões relacionadas à alfabetização.

A questão de impedir que os alunos tivessem acesso a outros materiais de escrita foi uma característica marcante do mecanicismo. Essa se justificava pelo fato de se acreditar que as crianças construiriam o conhecimento na ordem e velocidade determinadas pela escola e qualquer interferência exterior poderia atrapalhá-la. Agora pensemos: Será possível impedir que as crianças tenham acesso ao mundo da escrita da fora da sala de aula? Completamente impossível. Vivemos em uma sociedade grafocêntrica e isso não confunde as crianças, pelo contrário, aguça mais a curiosidade das mesmas que são capazes de imersas nesse contexto construir de forma muito mais significativa o aprendizado do que se estivessem sendo regradas por algo ou alguém. O que o professor não pode ignorar é que esse aprendizado passa por uma sistematização que cabe a escola oferecer as crianças.

Que bom que se identificou com um dos exemplos disponibilizados. Realmente os nomes são bem intrigantes, talvez tenham alguma relação com a lição em que apareciam. As cartilhas costumam ser assim. Esse exemplo se refere ao método global de contos, onde se partim de historietas que deveriam ser decoradas pelos alunos e posteriormente se passava as menores unidades (frases/palavras/sílabas/letras). Esse livrinho "As mais belas histórias" não era conhecido como uma cartilha, mas sim como um pré-livro (Comum no método global).

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum V



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 23 October 2009, 03:46

Olá turma!!! Nas últimas postagens houve instigantes questionamentos sobre o nosso tema da semana. Por favor atentem-se às minhas respostas aos colegas e participem!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 23 October 2009, 03:47

Olá , você deu uma passadinha tão breve pelo nosso fórum! Esse assunto que coloca (teoria necessária ao professor) é tão relevante. Vamos desenvolvê-lo mais? Como será que um professor deve proceder frente às necessidades de sua turma e a tantos métodos a escolher? Escolher um único e acreditar fielmente nele? Escolher vários e ver o que acontece? Como fazer?

Todos podem responder 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 26 October 2009, 17:22

Olá , você coloca muito bem quais são as preocupações centrais quando tratamos da concepção mecanicista de ensino, resumindo, essa concepção se preocupa mais com o produto final do que com o processo de construção.

Quanto a questão dos métodos, veja que os métodos são teoricamente fundamentados e servem para que o professor possa sistematizar melhor o seu trabalho. Quando estamos tratando de alfabetizar é relevante que se escolha um método para que possa direcionar o trabalho com as crianças. O que não podemos acreditar é que existe um único método que quando adotado resolve todos os problemas. Caberá ao professor analisar as necessidades de sua turma, as características da mesma, o que ele (professor) deseja ensinar e, pautado nisso, fazer uso do método(s) que melhor lhe atender e fazendo as adequações que julgar necessárias.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 26 October 2009, 17:31

Olá Edna, queria chamar a sua atenção para a colocação da abordagem sintética como a que passa do mais simples para o mais complexo e a analítica no sentido contrário. Veja que essa colocação do que seja mais simples ou mais complexo é complicada. O que será mais simples para a criança? Começar a construir o conhecimento partindo do que é macro (maior) ou micro (menor)? Ela pode ter dificuldades de compreender a letra sozinha sem fazer parte de um texto maior, ou ainda , pode ter facilidade ao perceber que no texto há frases, palavras, sílabas... O que é preciso deixar claro que não estamos colocando uma abordagem como melhor (ou superior) a outra. Elas são diferentes, cada qual com suas peculiaridades. Caberá ao professor, frente ao contexto e momento em que se encontra com sua turma, decidir qual abordagem utilizar. Mas não que uma seja melhor (ou mais fácil) do que a outra.

Não sei se consegui ser clara, mas se ainda tiver dúvidas volte ao fórum.

Abraços 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum V



Re: Fórum sobre a concepção Mecanicista de Ensino (transferido da semana 10 para a semana 11)

por [Juliana de Carvalho Barros](#) - Wednesday, 28 October 2009, 17:35

Olá turma, vamos encerrar nossas discussões neste fórum?

Tivemos neste espaço dois objetivos que se dividiram em momentos referentes a semana 10 e 11. Na semana 10, iniciando com o texto **Receita de alfabetização**, tínhamos que refletir sobre a concepção mecanicista e responder as seguintes questões:

1. Identifique no texto e escreva, em sua resposta, pistas que confirmem que o texto é uma receita.
 2. Identifique a concepção de alfabetização expressa no texto, listando palavras ou expressões que confirmem sua resposta.
- Já na semana 11, continuamos com o texto da Receita porém voltamos nossas reflexões para as **abordagens analíticas e sintéticas e os métodos de alfabetização**.

Portanto, vamos as nossas considerações:

Respondendo a primeira questão podemos citar como elementos que nos comprovam que o texto é uma receita a estrutura do apresentada (escrito basicamente em tópicos e as suas subdivisões), o modo e os tempos verbais utilizados, algumas palavras-chave como: ingredientes, modo de preparo entre outros aspectos que podem servir para identificarmos o texto como uma receita.

Na segunda questão, temos claramente nessa receita a expressão da concepção mecanicista de ensino. Segundo essa concepção existe um método único para se alfabetizar as crianças e, desconsiderando o contexto ou o conhecimento prévio, essas crianças devem ser todas submetidas ao mesmo processo e alcançar os mesmos objetivos. Caso isso não ocorra, o aluno é considerado renitente, ou seja, teimoso que não se adapta ao sistema. Nessa concepção valoriza-se o produto final alcançado e não o processo de construção do conhecimento.

Analisando essa receita podemos destacar vários exemplos que simbolizam as práticas mecanicistas. Algumas foram muito bem destacadas no nosso fórum:

"(...)quando penso na palavra "mecanicista" logo me vem a cabeça a idéia de macanismos, ou seja, rodas dentadas interligadas e com um único objetivo. Penso que as etapas dessa receita refletem como sendo uma roda dentada e juntando todas as etapas chegamos em um objetivo final que é a alfabetização."

"(...) o aluno (nessa concepção) não tem uma participação efetiva no processo de alfabetização e, seu papel é de receptor de tudo aquilo que o professor lhe passar, basicamente como vimos na receita "Abra bem a boca da criança e faça com que ela engula as vogais".

Vamos destacar mais alguns:

"Ao fim do oitavo mês espete, ou melhor, aplique uma prova de leitura e verifique se a criança desenvolve pelo menos 30% das palavras engolidas" Nesse trecho podemos perceber a questão da avaliação na concepção mecanicista. Tal avaliação tinha como objetivo somente verificar se o aluno foi capaz de aprender o que o método utilizado pretendia lhe fornecer. Caso contrário, o aluno era considerado renitente (teimoso)

"Pegue a criança de 6 anos, limpe bem e enxague com cuidado." Nesse trecho podemos perceber a questão várias vezes mencionadas no fórum sobre a desconsideração do contexto no qual a criança está inserida. Mais do que isso, nessa concepção, espera-se que o aluno não tenha contato com outros materiais escritos que poderá (segundo essa concepção) confundir-lo ou atrapalhá-lo no processo de alfabetização.

Retomando nosso texto teórico (Terezinha Barroso, semana 9), temos que nessa concepção a escola se preocupa com a ação de ensinar que envolvia, principalmente: escolher o melhor método de ensino, controlar as variáveis do processo de aprendizagem e a prontidão do aluno para aprender (...) envolvia, também e constantemente, testar, medir, fixar e memorizar (P 5).

Concluindo, essa concepção de aprendizagem prevê para o professor um papel de executor de um método único que deve alfabetizar a todos, e aos alunos, reserva-se o papel de passividade frente a esse sistema imposto.

Não podemos nos esquecer que durante as nossas reflexões discutimos alguns pontos positivos da concepção mecanicista. Dentre eles podemos destacar os próprios métodos que podem ser um excelente instrumento de apoio ao professor desde que esse seja capaz de ter uma visão crítica sobre esses métodos e adequá-los as necessidades/realidades da sua turma. Haverá momentos em que o professor precisará fazer uso de exercícios pautados no mecanicismo para alcançar alguns objetivos. Podemos citar como exemplo a grafia de algumas palavras ou até mesmo o uso de cópias quando isso se mostrar necessário.

Passando ao segundo momento do nosso fórum, começamos a refletir sobre as abordagens analíticas e sintéticas. Dentro dessas abordagens encontramos os métodos de alfabetização. Vamos retomá-los?

Abordagem analítica (parte do todo para as partes): Palavração, Sentenciação e Global de contos.

Abordagem sintética (parte das partes para o todo): Soletração, Fônico e Silábico.

Conforme discutido em nosso fórum, nos será relevante perceber que não existe um método melhor do que outro, ou até mesmo, um único método capaz de resolver qualquer dificuldade que as crianças apresentem no processo de alfabetização. Precisamos conhecer bem cada método para que possamos utilizá-los de forma satisfatória e adequando-os as necessidades/realidades de nossos alunos.

Não se esqueçam que nosso próximo fórum já está aberto 😊

Abraços



[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum VI

Fórum: Fórum da semana 12



Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 27 October 2009, 09:33

Olá turma, nesta semana temos a excelente oportunidade de utilizarmos o espaço do fórum para discutirmos sobre exemplos práticos utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Vamos observar as atividades dos livros didáticos abaixo e começarmos nossas reflexões, a partir da pergunta que segue os exemplos:

Biriba

Biriba beco bule batata boneca
Biriba beco bule batata boneca
Biriba beco bule batata boneca

batata bule boneca Biriba beco
batata bule beco Biriba beco
batata bule be

Biriba Biriba Biriba
Biriba Biriba Bi

BBB BBB B B B B B
bbbbb bbbbbb
Biriba Biriba

Doriana

1. Que produto vem dentro desta embalagem?
MARGARINA

2. Qual é a marca desta margarina?

3. Quantas letras tem a palavra Margarina?

4. Agora vou separar a palavra. Veja como ficou e complete com as letras que faltam.

M	A	R	G	A	R	I	N	A
M		R		A	R	I	N	A
	A	R	G	A	R	I		A

5. Pesquise e escreva outras palavras que começam do mesmo modo que margarina.

6. Descubra outras palavras dentro da palavra: Doriana.

7. O nome de algum de seus colegas começa com a letra M?

Junte-se com sua classe e escreva o nome de outras marcas de produtos usados na sua região.

As duas atividades têm como objetivo ensinar a criança a ler e a escrever. Qual (is) a (s) diferença (s) entre as duas abordagens?

Obs: Essas são atividades retiradas de livros didáticos destinados à alfabetização. Vamos nos referir a elas como atividade do Biriba e atividade da Doriana, ok?

Atenção aos meus últimos questionamentos no fórum 😊

Referências

AULICINO, Antônio Luiz et. al. Cartilha. São Paulo: Editora Descubra. 1975 (atividade do Biriba)

PONTES, Edna Maria et. al. Alfabetização e parceria. Curitiba: Editora Módulo. 1996 (atividade da Doriana)

[Editar](#) | [Apagar](#)



oRe: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Tuesday, 27 October 2009, 09:58

Olá, você está correta ao colocar a atividade do Biriba como mais pautada no mecanicismo, sendo essa atividade retirada de uma cartilha mesmo. A atividade da Doriana, como você coloca, já se aproxima mais de uma concepção de aprendizagem construtivista sendo que muitos aspectos (pontos relevantes) devem ser considerados nessa atividade para que a coloquemos como uma atividade construtivista. **Vamos pensar nesses pontos juntos, turma?**

- o Por exemplo, o que nessa atividade (Doriana) pode ser apontado como reflexo de que a pessoa que montou essa atividade tem uma concepção construtivista de ensino? Vamos citar pontos específicos, ou seja, essa atividade ou aquela, a presença disso ou daquilo. O que na atividade da Doriana nos faz perceber a preocupação da relação com o outro no processo de aprendizagem?
- o O que na atividade da Doriana nos faz perceber que ela se preocupa ou considera o contexto do aluno?
- o Qual o papel das imagens nas duas atividades? São iguais? Apenas servem para alegrar a atividade?
- o O que nos faz perceber que a atividade do Biriba seja mais próxima do mecanicismo que a da Doriana?
- o Os que já são professores, qual das duas atividades mais se aproxima dos materiais didáticos que têm utilizado em suas aulas? Por quê? Poderiam trazer um exemplo?

Turma, estou aguardando vocês para fomentarmos nossas discussões!! **Escolham uma ou duas questões e participem!!!**

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum VI



Re: oRe: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 28 October 2009, 18:33

Olá turma, somente a _____ participou do fórum respondendo aos meus novos questionamentos? Estou aguardando vocês para que possamos refletir juntos sobre o material disponibilizado.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: oRe: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 30 October 2009, 15:05

Olá 😊

Na questão 1, podemos também acrescentar que, na concepção construtivista de ensino, a preocupação maior está voltada para o processo do aprendizado, ou seja, a construção do conhecimento. No caso da Doriania, por exemplo, podemos dizer que, ao buscar informações sobre o produto em sua casa ou com os amigos, o aluno está construindo conhecimento.

Na questão 2, temos que as atividades nas quais os alunos trabalham em conjunto ou fazem pesquisas fora da escola propiciam ações de forma interativa e em conjunto. Como você colocou, estão construindo o conhecimento. A questão da interação fica muito clara na concepção sociointeracionista, que acredito que estejam tendo na disciplina Língua Portuguesa.

Na questão 3, além de serem questões mais abertas, ou seja, que permitem uma melhor exposição do raciocínio do aluno, temos que tais questões nascem de uma situação do cotidiano do aluno e ainda fazem com que esse aluno busque em sua "comunidade" artifícios para ajudá-lo na realização da tarefa. Em outras palavras, estamos aqui falando de letramento. Não se esqueça de que essa atividade também apresenta algumas questões fechadas (as primeiras), mas estas também são importantes, devido à idade em que a criança se encontra. Conforme temos na teoria construtivista, a criança, no início da alfabetização, constrói hipóteses sobre a escrita. Esses exercícios ajudam na construção e reconstrução dessas hipóteses.

Sobre as imagens, suas colocações estão corretas. Podemos acrescentar que, no caso da Doriania, a imagem traz uma aproximação muito grande da realidade do aluno com o exercício que irá realizar. Isso acarreta uma identificação por parte do aluno. No caso do Biriba, a imagem é totalmente presa ao que se deseja ensinar.

Certamente a atividade do Biriba é fiel à concepção mecanicista. Começando pelo fato de que esta página que temos para a análise é retirada de uma cartilha. As cartilhas geralmente são originárias do mecanicismo e deixam muito claro o método de trabalho escolhido. No caso do Biriba, o método da Palavação.

Veja minhas considerações e, se tiver alguma dúvida, retorne ao fórum para conversarmos mais.

Abraços.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Saturday, 31 October 2009, 20:06

Olá turma, queria deixar uma pergunta: Qual das duas atividades podemos considerar como aquela que alfabetiza letrando? Por quê? Na sua resposta, comente os exercícios da atividade escolhida por você como aquela que mais se aproxima do alfabetizar letrando. Atenção: Verifique que alguns exercícios podem ser mais próximos do processo de alfabetização, enquanto outros se aproximam mais do de letramento. Identifique-os.

Espero a participação de vocês neste fórum durante o fim de semana. As questões aqui discutidas são essenciais para a nossa formação como profissionais e também para nossa avaliação presencial.

Obs: Leiam o relato trazido pela nossa colega Gislene

Abraços.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Saturday, 31 October 2009, 20:08

Olá ! , vejo que compreendeu bem as duas atividades propostas. Além disso, na sua participação, você já traz algumas informações sobre a concepção construtivista de ensino. Nessa concepção, a (re)formulação de hipóteses será fundamental no aprendizado das crianças e, como você coloca isso, permite às crianças avançarem no seu aprendizado. Na semana que se iniciará, podemos discutir bastante sobre o Construtivismo. Espero poder contar com a sua ajuda e com a ajuda de todos da turma. Portanto, será necessário que todos tenham lido o texto "50 questões básicas sobre o Construtivismo", que já está disponível desde o início desta semana.

Sobre o relato que nos trouxe, é excelente. Quando temos boas escolas desenvolvendo um trabalho preocupado com o letramento das crianças, essas devem servir de exemplo as demais. Mas queria fazer uma pergunta: Você poderia identificar pra nós aqui no fórum se existem momentos específicos para um trabalho com a alfabetização e que momentos são esses?

Te aguardo!!

Adorei o relato 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)

Mensagens da tutora: fórum VI



Re: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 2 November 2009, 08:21

Olá , e . Percebo, pelas participações de vocês, que estão conseguindo perceber as diferenças existentes entre as duas atividades que estamos analisando. Queria lembrar à Márcia que as duas atividades objetivam ensinar a ler e a escrever, porém conduzem esse objetivo de forma diferente, conforme você mesma destaca.

Bruna, parabéns pela observação sobre as datas das atividades. Como você coloca, a atividade do Biriba pertence a uma cartilha e essas foram muito criticadas na época do construtivismo. Perceba que essa atitude é parte da discussão que tivemos sobre a perda da especificidade da alfabetização. Ao buscarmos a queima das cartilhas, acabou-se perdendo aquilo que elas traziam de positivo, que diz respeito ao ensino da técnica da leitura e da escrita. Mesmo que esse ensino (da técnica) não tenha que ser feito a partir de uma concepção mecanicista de ensino, há muito nas cartilhas que pode auxiliar ao professor no momento de criar atividades para auxiliar os alunos.

Irani, concordo com você quanto à escolha da atividade da Doriana. Certamente essa permite que o aluno exerça a sua criatividade e raciocínio. Porém vamos lembrar que, como você colocou, as duas pretendem alfabetizar, mas o que precisamos destacar é a forma de alfabetizar letrando, que é possível perceber na atividade da Doriana.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Monday, 2 November 2009, 08:22

Olá turma, vamos aproveitar o feriado para participar do nosso fórum. Assim poderei encerrá-lo na terça-feira. Vou repetir aqui a questão que fiz mais abaixo no fórum:

Qual das duas atividades podemos considerar como aquela que alfabetiza letrando? Por quê? Na sua resposta, comente os exercícios da atividade escolhida por você como aquela que mais se aproxima do alfabetizar letrando. Atenção: Verifique que alguns exercícios podem ser mais próximos do processo de alfabetização, enquanto outros se aproximam mais do de letramento. Identifique-os.

Como já comentado no fórum, a atividade da Doriana busca uma alfabetização em consonância com o letramento. Portanto, vamos produzir nossas participações analisando os exercícios propostos.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Wednesday, 4 November 2009, 17:47

Olá turma! Atente-se aos meus comentários as respostas dos colegas e aos novos questionamentos no fórum.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 6 November 2009, 17:51

Oi queria comentar sobre a sua colocação da tarefa que pede que as crianças identifiquem os nomes dos colegas com a mesma letra. Tanto essa atividade, quanto as primeiras que você destaca como preocupadas com a alfabetização, são atividades que se referem à construção de hipóteses, segundo o Construtivismo. No texto "50 questões sobre o Construtivismo", temos uma questão que trata da forma como a criança aprende. E podemos dizer, conforme o texto nos coloca, que a criança aprende através de uma lógica própria. No texto, temos a exemplificação das fases pelas quais a criança passa ao construir seu aprendizado. Ao ter essa lógica, a criança postula para si algumas hipóteses. Como assim? Por exemplo: bem no início da alfabetização, a criança pode acreditar que aquela letra que ela entende como sendo a letra do seu próprio nome é só sua, ou seja, cada amiguinho tem uma para si. Ao realizar essa tarefa, o professor começa a desconstruir essas hipóteses (que não necessariamente surgirão em todos os alunos ao mesmo tempo. Mas é plausível de acontecer). Dessa forma, o professor "desestrutura" a "crença" da criança, de modo que ela avance no aprendizado.

O mesmo ocorre com aqueles primeiros exercícios. No texto, quando temos a informação que a criança passa por diferentes fases ao se alfabetizar (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética), verificamos que, dependendo do momento em que ela se encontre, vai grafar de diferentes modos as suas palavras (com mais ou menos letras). A partir desse simples exercício, que também trabalha com a técnica, o professor poderá identificar a fase em que a(s) criança(s) se encontra (m) e propor tarefas que a(s) auxiliie(m) a avançar.

Veja se achou essa explicação um pouco confusa, não se preocupe por enquanto, ok? Ainda teremos a oportunidade (na próxima disciplina) de estudarmos todas essas fases, analisando-as.

Abraços.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)



Re: Fórum da semana 12

por Juliana de Carvalho Barros - Friday, 6 November 2009, 17:54

Oi , que bom que retornou ao nosso fórum com mais essa contribuição. Pedi para que compartilhasse conosco, para que pudéssemos exemplificar tudo aquilo que estamos discutindo e também descobrir o que está acontecendo pelas escolas.

A cópia dos nomes do colegas certamente é uma ideia legal e que motiva os alunos. Dê uma olhadinha no comentário que fiz sobre a resposta da colega Liliene no que se refere à questão sobre os nomes (tarefa da Doriana).

Abraços.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#)